

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL.: D I B O A — TELEX.: 363

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

COM VISTA ÀS ELEIÇÕES

Perspectivas futuras

Em artigos sucessivos, publicados neste lugar, foram postas em foco algumas questões fundamentais, de natureza económica e social, que dominam, com todo o seu peso, a realidade portuguesa. Não se puderam abarcar, porém, embora sucintamente, sem preocupações de pormenor, todos os aspectos da vida nacional a que gostaríamos de nos referir. Importa afirmar que não fomos movidos por intenções polémicas ou partidárias. O nosso objectivo foi apenas o de esclarecer certos aspectos de problemas nacionais que, apesar da sua decisiva importância para o futuro do País, permanecem habitualmente numa «zona de silêncio» — de difícil, senão impossível, acesso para o comum dos portugueses.

Julgamos ter cumprido a nossa missão, na medida em que podemos contribuir válidamente para uma mais viva tomada de consciência de alguns factores que limitam as nossas possibilidades de desenvolvimento e dão origem a justificadas inquietações quanto ao futuro.

Estamos convencidos de que o conhecimento, tanto quanto possi-

vel exacto, das realidades nacionais exige que, na sua análise e apreciação, seja admitida uma plu-

(Continua na 15.ª página)

«A protecção sanitária» Uma nota do Ministério da Saúde e Assistência

Com o pedido de publicação, recebemos do Ministério da Saúde e

PARIS, 4.—(A.N.I. e R.)—A França terá hoje a resposta à questão que ultimamente mais a tem preocupado, quando o presidente Charles de Gaulle anunciar pela televisão, às 19 horas, T. M. P., se tenciona ou não candidatar-se às próximas eleições presidenciais de 5 de Dezembro.

O presidente deverá falar apenas durante dez minutos, pelo que observadores pensam que a resposta de de Gaulle será positiva.

Na opinião dos observadores, se o presidente tivesse decidido trans-

ferir as suas funções para outro homem, o seu discurso seria mais prolongado.

A questão tornou-se para a maioria dos Franceses quase mais importante do que as próprias eleições. Todas as sondagens feitas à opinião pública revelaram uma certa maioria a favor do general, se se candidatar à reeleição em 5 de Dezembro.

A decisão de de Gaulle será anunciada num discurso de 10 minutos transmitido pela Televisão para todo o país, que será um segredo cuidadosamente guardado até à emissão. Somente poucas pessoas assistirão, esta tarde, à gravação do discurso no Palácio do Eliseu. Os técnicos da Televisão ficarão dentro do edifício até a comunicação ser feita.

Até mesmo ministros do Governo não chegaram a saber o segredo durante a sessão semanal do Gabinete, que se realizou, ontem, sob a presidência de de Gaulle. O ministro da Informação, Alain Peyrefitte, declarou após a sessão: «O general de Gaulle não disse aos ministros o que comunicará amanhã à nação».

Vinte e quatro horas antes da comunicação de hoje, o antigo presidente do conselho, Antoine Pinay, criou uma pequena sensação ao anunciar drástica sanção da política externa de de Gaulle quanto

à reforma da N. A. T. O. e à orientação agrícola do Mercado Comum. Pinay tem consistentemente resistido a grande pressão para se candidatar em oposição ao presidente. A razão oficial para o prolongamento do mistério é o desejo do general de manter o mais curto possível o período da campanha eleitoral, a fim de limitar o obstrução ao trabalho do Governo.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL de CARLOS FERRAO

O fim de uma época

Os acontecimentos que, durante o mês de Outubro, se registaram na Aliança Atlântica são de tal importância e significado, que seria absurdo não os ter em conta. No gabinete formado pelo chanceler Erhard, após demoradas negociações, a presença do dr. Schroeder na pasta dos Negócios Estrangeiros, apesar da luta contra ele travada por personalidades categorizadas da democracia-cristã, como o antigo chanceler Adenauer e o antigo ministro da Defesa, dr. Strauss, foi a expressão de uma opção. A República Federal continuará a considerar a Aliança Atlântica como alicerce e fundamento da sua política externa, contra a vontade daqueles que desejariam ver esta modificada no sentido de uma mais estreita aproximação com a França e de uma colaboração militar apertada com este país.

O pacto de amizade assinado por Adenauer e de Gaulle entrou na agonia, e ninguém o ressuscitará com a forma que lhe deram e a interpretação que lhe atribuíram os seus dois artifices. O partido francês sofreu em Bonn um desaire de que se não recomporá. A fidelidade atlântica da Alemanha Ocidental justifica-se, não apenas por um sentimento de reconhecimento do seu povo, mas pela impossibilidade de escolher outro caminho fora daquele que tem seguido desde o seu ingresso naquela Aliança. Essa posição acarreta riscos e tem um preço que assinalam o fim de uma época, a época da pactomania. Com o seu termo abrem-se novas perspectivas aos dirigentes que esperam 1969 para ser revista a Aliança assinada em Washington em 4 de Abril de 1949.

Portugal pretende participar nos debates que se realizam hoje no Conselho de Segurança

NOVA YORK, 4 — (A. N. I.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Alberto Franco Nogueira, pediu ao presidente do Conselho de Segurança das Nações Unidas que ao seu País seja permitido participar nos debates que, naquele conselho, vão realizar-se hoje (às 20 horas, T. M. G.) sobre a política ultramarina de Portugal.

O pedido do dr. Franco Nogueira só ontem foi tornado público, embora tenha sido enviado telegraficamente ao Conselho de Segurança no dia 21 do mês passado.

NOVA TENTATIVA AFRICANA PARA ACÇÃO DO CONSELHO

NOVA YORK, 4.—(R.)—Apelando para acção do Conselho de Segurança Estados africanos empenhar-se-ão hoje numa nova tentativa para conseguirem uma mudan-

(Continua na 19.ª página)

Nota do dia

O VIADUTO E A PONTE

A ponte a que nos referimos é, escusado será dizer, a ponte sobre o Tejo. Não se fala noutra, não se pensa noutra e nenhuma outra nos preocupa senão aquela. Todos os nossos esforços, e uma boa parte dos nossos haveres, se concentram nela. Majestosa, cresce de dia para dia e não tardará o momento em que as duas margens do Tejo fiquem unidas por esse amplexo fraternal de aço e de cimento. O viaduto, porém, não é aquele em que estão a pensar, que cresce também a passos agigantados e pode considerar-se já concluído em toda a sua longa estrutura de betão armado. Queremos referir-nos simples-

mente ao viaduto que dá acesso ao Estádio da Luz e que não serve apenas as dezenas de milhares de pessoas que entre nós frequentam os espectáculos desportivos, mas se torna indispensável à circulação de veículos e transeuntes que da parte nova da cidade se dirigem para vários pontos dos arredores. Claro que não se pode confrontar a grandiosa ponte com o trivial viaduto, seja em que aspecto for. Excepto um: o período de duração das obras. Com o ritmo a que caminham os dois trabalhos, talvez se consiga realizar a proeza de gastar mais tempo com a construção do modesto viaduto do que com a magnífica ponte. A explicação é simples: por um lado, está em jogo a reconhecida eficiência do Tio Sam, que, pelo menos no campo da técnica, não se compadece com delongas e restrições. Por outro lado, debatemo-nos com a velha rotina nacional, que se preocupa mais em justificar dificuldades do que com o processo de as superar. Bem sabemos que nem tudo são obras de Santa Engrácia. Mas o símbolo ficou e havia toda a vantagem em o destruir, de uma vez para sempre, não com palavras mas com actos.



O prof. Vitória Pires, secretário de Estado da Agricultura, esteve esta manhã na Tapada da Ajuda, onde visitou o Laboratório Químico-Agrícola «Rebello da Silva». (Ler notícia na página central)

A POSIÇÃO DE ALGUNS CATÓLICOS EM FACE DAS ELEIÇÕES E UM COMUNICADO DOS MONÁRQUICOS INDEPENDENTES

(Ler nas páginas 10 e 17)

Dique (na China) com o comprimento igual a três vezes o do Equador

HONG-KONG, 4 — (R.) — Trabalhadores chineses vão escavar o volume suficiente de terra para construir um dique de um metro de altura, com o comprimento igual a três vezes o do Equador para levar a cabo um projecto gigante de drenagem na província de Hopel no Norte da China, anunciou a agência Nova China.

32 PÁGINAS

VIDA LITERÁRIA E ARTÍSTICA

De ontem para hoje

A PROPAGANDA DA UNIÃO NACIONAL

A última sessão de propaganda eleitoral no distrito de Braga decorreu ontem na Casa das Corporações em Fafe, que se encontrava repleta, vendo-se entre a assistência numerosa representação das freguesias do concelho. Presidiu o governador civil e, depois de aberta a sessão pelo sr. coronel Leonardo Neves, presidente da comissão distrital da União Nacional, discursaram os candidatos a deputados srs. comendador Santos da Cunha e drs. Nunes de Oliveira e Cerqueira Gomes, que foram muito aplaudidos. Falou, por último, o chefe do distrito.

Também em Guimarães se efectuou, com vista às eleições, uma reunião de trabalhos, que registou grande assistência. Além das autoridades locais, dos membros da comissão concelhia da U. N., e de outras individualidades representativas, assistiram os presidentes das juntas de freguesia do concelho, párocos e regedores, etc. Usaram da palavra acerca do próximo acto eleitoral, os srs. dr. Augusto Ferreira da Cunha, presidente da U. N., concelhia, e eng.º José Pinto de Oliveira, presidente da Câmara Municipal, que prestaram vários esclarecimentos à assembleia.

PÃO PELO DIABO

Andavam as crianças de Rio de Aves a pedir de porta em porta o «Pão por Deus», recolhendo as guloseimas que o costume, radicado ainda em muitas terras, manda distribuir-lhes. Quando chegaram a casa do ferreiro Modesto de Carvalho e entoadam as cantilenas da praxe, quis o homem, mais generoso do que consciente do delicado organismo infantil, servir-lhes broa e aguardente. Um dos pequenos, João Manuel Cabral, de 7 anos, filho de António Cabral e de Rosalina Fonseca, veio a sucumbir da ingestão da aguardente, no meio de do-

res atrozes. O ferreiro teve de ser preso pela G. N. R. que o levou para a sede do concelho de S. João da Pesqueira, onde será instruído o processo do seu inconsciente e trágico acto.

MURO FATAL

Foi contra um muro que se destruiu a motorizada do sr. António Mendes, de 44 anos, casado, afinador de teares, da freguesia de S. João da Ponte, em Guimarães, e o embate deu a morte ao condutor, deixando ainda maltratado o irmão, António Maria Mendes, que o acompanhava no bicicleta.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu ontem, no Palácio de Belém, os srs. ministro das Corporações, dr. Manuel Eugénio Machado Macedo, presidente da direcção do Círculo de Cultura Musical; Manuel Queirós Pereira e comendador Tomás de Lima.

MISSÃO DA F. A. P.

O avião DC-6A n.º 6702, da Força Aérea Portuguesa, que se preparava para descolar do Sal, rumo a Bissau, prontificou-se a proceder a buscas na área onde caiu o avião «Buccaneer», da Força Aérea da África do Sul, e sinalizou um foguetão vermelho lançado de bordo de um barco de borracha. Pelo facto de o avião português ser de transporte e, portanto, não estar equipado para o salvamento, guiou ao local outro avião sul-africano, e dois sobreviventes foram recolhidos apenas 26 horas depois da queda, conforme diz uma informação da Secretaria de Estado da Aeronáutica, em resultado da iniciativa daquela aeronave da F. A. P.

CARGOS DIRECTIVOS DAS CORPORACÕES

O preenchimento dos cargos directivos das Corporações de Imprensa e Artes Gráficas e dos Espectáculos foi objecto, ontem, das reuniões dos respectivos conselhos. Na primeira, foram eleitos para o conselho da Secção da Imprensa os srs. José Manuel Pereira da Costa, vice-presidente, e Nuno Rossini Marques Tristão Rosado, secretário; mons. dr. António Avelino Gonçalves, Nuno Rossini Marques Tristão Rosado, Carlos Rodrigues Machado e João José Correia, membros

da comissão permanente; para o conselho da Secção do Livro e Artes Gráficas, eng.º Fernando Lourenço Pereira, vice-presidente, Luís Mário da Costa, secretário; dr. Luís Eduardo Borges de Castro, Manuel de Jesus Neves, Luís Mário da Costa, José Abel e Lamas Pedrosa de Saphera Costa, membros da comissão permanente; para o conselho da Secção da Indústria do Papel, dr. Henrique de Paula Nogueira, vice-presidente, José Nunes dos Santos, secretário; José Nunes dos Santos, eng.

António do Nascimento Teles, Aníbal de Sousa Azevedo e Augusto Jacinto Góis, membros da comissão permanente. A Corporação dos Espectáculos elegeu seus representantes na Câmara Corporativa os srs. dr. Artur de Campos Figueira de Gouveia, Samuel Dinis, António Lopes Ribeiro e Manuel Casimiro de Almeida; e vice-presidentes dos conselhos das três secções os srs. dr. Manuel Joaquim Teles, António Filipe Lopes Ribeiro e Manuel dos Santos Pires.

PUBLICAÇÕES

«REVISTA DE ENFERMAGEM»

O ultimo numero da «Revista de Enfermagem» é dedicado ao ciclo de conferencias de actualização, promovido pelo Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem.

Publica, além do editorial, os seguintes trabalhos: «Aspectos da Cirurgia Gástrica»; «O coração da enfermagem»; «A vômitica»; «Remoção do ensino de enfermagem»; «Problemas do pré-operatório»; «Instantaneos médicos»; e «Enfermagem no pós-operatório em Neurocirurgia».

«A INDÚSTRIA DO NORTE»

«A Indústria do Norte», revista mensal da Associação Industrial Portuense, no seu ultimo numero, inclui entre outros, estes trabalhos: «A siderurgia belga»; «Inspeção Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais — Normas»; «O

Imposto Profissional e o exercicio de actividades por conta de outrem em regime de acumulação», pelo dr. António Candido Mouteira Guerreiro; «A contribuição portuguesa para o Fundo Monetário Internacional»; «A central nuclear mais recente da Grã-Bretanha»; «Inquérito industrial relativo a 1964»; «Alarme monetário», por C. S. Jonker; «O Comité Europeu de Ligação das Industrias da Máquina de Costuras»; «A automação como missão»; «1.ª Exposição Internacional de Alimentação Agrícola Industrial»; «Propaganda Mundial do Algodão»; «As trocas da E. F. T. A. no decurso do primeiro trimestre de 1965»; «A expansão económica da E. F. T. A. em 1964»; «Amplificação da regra de expedição da E. F. T. A.»; «XIV Concurso Internacional de Formação Profissional»; «Serão despendidos este ano 35 dos 100 mil contos consi-

nados ao ensino e investigação no Plano Intercalar de Fomento»; «Exploração petrolífera submarina na Holanda»; «Curso sobre Simplificação dos Desenhos na Associação Comercial de Lisboa»; «A indústria têxtil nos países da O. C. D. E. — Evolução geral da indústria têxtil em 1963»; «1.º Congresso Nacional de Fundição»; e «O que há de novo para a industria».

«MENSARIO DAS CASAS DO POVO»

Está publicado o numero de Outubro do «Mensário das Casas do Povo», que inclui trabalhos de Pinharanda Gomes, Zuzarte de Mendonça Filho, Virgílio Afonso, Adriana Rodrigues, Elisa Vilaras Cepeda, José Manuel Landeiro, M.ª Ferreira, dr. Falcão Machado,

(Continua na 23.ª página)

COMPRE UM RÁDIO ■ TELE-RECEPTOR OU GIRADISCOS DA "SÉRIE UNIVERSO" PHILIPS E RECEBA 28 MAGNÍFICOS PRÉMIOS TAMBÉM PHILIPS NO VALOR DE 25.000\$00

SE COMPRAR JÁ HOJE O SEU RÁDIO, TELE-RECEPTOR OU GIRADISCOS ESTE SACO PODE SER SEU, E COM ELE UM MUNDO DE VALIOSAS UTILIDADES!

FRIGORÍFICO NO VALOR DE 6.150\$00 + I. C.	ASPIRADOR NO VALOR DE 2.150\$00 + I. C.	MIDRO-EXTRACTOR NO VALOR DE 2.100\$00 + I. C.
ENCERADORA NO VALOR DE 2.290\$00 + I. C.	GRAVADOR DE SOM NO VALOR DE 2.590\$00 + I. C.	ELECTROFONE NO VALOR DE 2.550\$00 + I. C.
CANDEIRO NO VALOR DE 1.120\$00 + I. C.	CANDEIRO NO VALOR DE 1.000\$00 + I. C.	TERMOVENTILADOR NO VALOR DE 495\$00 + I. C.
FERRO ELÉCTRICO NO VALOR DE 410\$00	12 DISCOS 45 r. p. m. NO VALOR DE 55\$00 + I. C.	TORRADEIRA NO VALOR DE 550\$00 + I. C.
PHILISHAVE NO VALOR DE 395\$00 + I. C.	SECADOR NO VALOR DE 265\$00 + I. C.	APLQUE NO VALOR DE 200\$00
APLQUE NO VALOR DE 300\$00 + I. C.	INFORME-SE NUM AGENTE PHILIPS DESTA FABULOSA CONCURSO SEMANAL	

Chicote

Telef. 720672

RESTAURANTE TURISTICO REGIONAL

(COZINHA REGIONAL PORTUGUESA)

Diariamente: JANTAR A AMERICANA

com musica de Baile pelo conjunto privativo

FOLCLORE E FADO por

ANITA GUERREIRO — JOÃO POSSANTE e CANTARES DE PORTUGAL

Aberto até às 5 da manhã

(Maiores de 17 anos)

SERVICO ESPECIAL DE BANQUETES

Dia 8: ESTREIA de ALBERTO CORTEZ

PORTO PORTO PORTO
A SOBREMESA
PORTO PORTO PORTO

Ora, diga-nos...

— Já alguma vez teve um pressentimento certo?



● Respondeu-nos em primeiro lugar o sr. Augusto Jorge, cortador de vidros, que nos disse, um tanto timidamente (e porque, sr. Jorge... Todos somos homens...):

— Não, que me lembre nunca tive qualquer pressentimento. Nem certo nem errado. Às vezes há pessoas que dizem que as coisas lhe saíram certas, tal qual elas haviam pensado... mas tenho a impressão que es-

As culturas foram beneficiadas pelas últimas chuvas

Segundo informa o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», na última década do mês findo a chuva prejudicou a colheita de arroz e tomate e os trabalhos de mobilização das terras, mas beneficiou as culturas horticolas e forrageiras, os pomares e os montados.

No Alentejo, algumas culturas cerealiíferas (cevadas) estão já a crescer, a azeitona está quase madura e houve ataques de gafas em alguns olivais.

As vindimas terminaram em muitas regiões e os lagares encontram-se em funcionamento. Fizeram-se sementeiras de cereais, leguminosas e forragens, colheita de milho de regadio, arroz, tomate, maçã, castanha, etc.

Actividades da COPRAI

A COPRAI — Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa — retoma este mês as suas actividades de formação e aperfeiçoamento com os seguintes cursos, integrados ainda no seu plano de 1965:

«A organização de um serviço de conservação nas indústrias químicas e siderúrgicas», de 22 a 26, por A. Tournier; «Preparação de secretárias», de 29 a 4, por D. Marília Teixeira; «O aperfeiçoamento dos compradores», de 6 a 10 de Dezembro, com a colaboração da A. P. C. A. D. E. C. — Associação Portuguesa dos Chefes de Aprovisionamento e Compras; e «Utilização de máquinas-ferramentas», de 14 a 17 de Dezembro, por R. Branco e P. Serra.

Todos estes cursos terão lugar na Praça das Indústrias, Lisboa-3, onde se fornecem programas ou informações complementares.

Brevemente será divulgado e distribuído o programa geral para 1966, que incluirá: Programas de base — Sequência de estudos; Programas intensivos de aperfeiçoamento — Cursos e seminários; e Sessões de estudo e informação — Jornadas.

Para os nossos pobres

Um anónimo enviou-nos a quantia de 101\$60 para os pobres protegidos pelo «Diário de Lisboa». Agradecemos em nome dos contemplados.

ses «pressentimentos certos» só se têm depois dos factos terem acontecido. Não, em boa verdade, não tive sequer qualquer pressentimento porque nunca me preocupei por isso...

● Com um ar distraído, rodando um cigarro por acender entre os dedos da mão direita, o sr. Benedito Benedito, revisor tipográfico, olhava as coisas, as pessoas e a rua, gozando (ao que parecia) as delicias deste sol desmaiado de Outono e sentindo o prazer dos pensamentos em que ia absorvido. E com um passo atrás provocado pela nossa intrusão e um momento de reflexão exigida, disse-nos com uma expressão absolutamente filosófica:

— Meu amigo, pressentimentos certos que haja tido, não me recordo de momento de algum, o que demonstra que por certo, se os tive, não tiveram importância bastante. Mas escreva lá que pressinto uma coisa: Que «tudo isto», o Mundo, está a levar uma grande volta. Posso estar enganado, mas o tempo o julgará. Enfim, é um pressentimento...



● Por último, respondeu-nos o sr. Gabriel dos Santos, servente. Diga-se de passagem que se trata de um senhor solícito... Vendo-nos hesitar se havíamos ou não de nos lhe dirigirmos, pensou que buscávamos alguma informação... e «saiu-lhe» o «Ora, Diga-nos...». Foi, portanto, entre surpreendido e desanimado que afirmou:

— Ná! Eu nunca tive nada certo. Incertos, sim, esses pressentimentos é que tenho mais. Mas certos nenhuns. Se assim fosse já não andava aqui, tinha acertado no número da sorte grande...

E lá se foi. Mas antes ainda se voltou para trás, abanou a cabeça, riu-se e desabafou:

— Pressentimentos certos...

O fomento da habitação económica

A Caixa Sindical de Previdência dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos celebra amanhã, às 18 horas, a 50.ª escritura de empréstimo ao abrigo da lei n.º 2092, através da qual se reafirma a contribuição daquela Caixa no fomento da habitação económica e da aquisição de casa própria por cada um dos seus beneficiários interessados nessa compra.

É de 4456 contos o valor dos empréstimos concedidos, importância que se distribui, quer por empréstimos destinados a aquisição e casas já construídas, quer por empréstimos destinados a possibilitar os meios financeiros indispensáveis à construção idealizada por cada um dos trabalhadores interessados.

Homenagem ao eng. Manuel Alves da Silva antigo presidente da Corporação do Comércio

Um grupo de amigos e colaboradores do sr. eng.º Manuel Alves da Silva, que recentemente deixou o cargo de presidente da Corporação do Comércio, tomou a iniciativa de promover, no dia 13, em Lisboa, em local a designar oportunamente, um jantar de homenagem àquele dirigente corporativo.

As inscrições estão abertas, até ao dia 10, na sede da Corporação do Comércio, Avenida António Augusto de Aguiar, 104, 2.º, em Lisboa.

A cerimónia da posse de um alto funcionário da Câmara Municipal de Lisboa

Esta tarde, nos Paços do Concelho, o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, general Franga Borges, dará posse, do cargo de chefe da 1.ª Repartição da Direcção dos Serviços de Salubridade e Edificações Urbanas, ao distinto médico dr. Artur Madeira Vidigal, que durante seis anos desempenhou exemplarmente o lugar de chefe da Secção de Cemitérios, tendo, nessa qualidade, concedido uma extensa e interessante entrevista ao «Diário de Lisboa», em que expôs tudo quanto se refere aos «bairros dos mortos».

A criação do Grémio das Actividades Publicitárias

A reunião geral das agências, produtoras e concessionárias de publicidade que deveria ter-se efectuado no passado dia 28, decorrerá esta noite, às 21 e 30, como habitualmente, na sede da Corporação da Indústria.

A reunião anual dos assistentes para a formação moral e religiosa da M. P.

Começaram, hoje, os trabalhos da reunião anual dos assistentes para a formação moral e religiosa da Mocidade Portuguesa, que decorrem na Pousada Catalazete, em Oeiras, sob a presidência do assistente nacional rev.º dr. Alves de Campos.

Os trabalhos iniciaram-se às 10 horas, com o debate dos temas: «A assistência religiosa no plano nacional», pelo assistente nacional da Mocidade Portuguesa, e «Assistência religiosa nas Províncias Ultramarinas», pelos respectivos assistentes provinciais, que, pela primeira vez, tomaram parte na reunião. Às 12 e 30, foi celebrada missa de «Requiem», pelo rev.º dr. Alves de Campos, por alma do rev.º padre dr. António Ferreira da Silva (Queiroz), que foi assistente-geral da Milícia e assistente distrital de Lisboa. Os trabalhos prosseguiram às 15 horas, com a leitura dos relatórios dos assistentes religiosos distritais de Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco e Coimbra. Depois, haverá um colóquio orientado pelo padre Luís Garcia Sanchez, adjunto do capelão nacional da «Frente de Juventudes» (Espanha) e pelo padre Augustin Rozano. A reunião de hoje terminará com a leitura dos relatórios dos assistentes religiosos distritais de Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu.

Os trabalhos prosseguem amanhã.

A árvore caiu sobre o automóvel e o condutor fracturou a coluna

CANAS DE SENHORIM, 4. — Num pinhal junto à estrada municipal de Aguiar a Carvalhal, trabalhadores procediam ao corte de pinheiros. Precisamente na altura em que passava um automóvel de aluguer, com passageiros, uma das árvores, ao ser derrubada, caiu para a estrada e esmagou o carro. O motorista e proprietário do veículo, sr. José da Costa Ramos, de 40 anos, casado, de Nelas, ficou gravemente ferido. Os passageiros, sr. António Pereira Marques Novo e sua irmã, D. Emília Pereira Marques Novo, também ficaram feridos, mas sem gravidade.

Os bombeiros de Canas de Senhorim transportaram os sinistrados para o hospital da Misericórdia de Viseu, onde o infeliz condutor ficou internado, com a coluna cervical fracturada.

O carro ficou muito danificado.

O «Baile dos aventais» em Montargil

MONTARGIL, 4. — Na Sociedade Artística Montargilense, efectuou-se o «Baile dos aventais», que esteve muito concorrido. O júri, presidido pelo dr. Fernando Moura Silva Godinho, classificou as seguintes concorrentes: 1.ª, Maria Virgínia Pina Godinho; 2.ª, Julia Garcia, e 3.ª, Maria José Moreira, as quais receberam entusiásticos aplausos.

MONUMENTAL
Telef. 55 51 33
TEATRO
AS 21.45 H.
O COMPRADOR DE HORAS
20.ª SEMANA com PAULO RENATO e RUI DE CARVALHO
(ADULTOS) Um espectáculo de VASCO MORGADO
DOMINGO, A TARDE, AS 16 HORAS
DOMINGO, AS 18.45 H., em «ESTRELAS EM LISBOA»
ALBERTO CORTEZ, «Mr. Sucu-Sucu»
E OS FAMOSOS «THE SATINS»

COLISEU
EMPRESA RICARDO COVOES HERD.
AMANHÃ, ÀS 21.45 (Para maiores de 12 anos)
ORQUESTRA SINFÓNICA DE BAMBERG
um dos mais extraordinários agrupamentos sinfónicos alemães e o prestigioso
CORO GULBENKIAN
sob a direcção do ilustre maestro **HEINZ WALLBERG**
Concerto extraordinário promovido pelo **CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL** em comemoração dos seus trinta anos
Preços desde 15 escudos com desconto de 50 % para os sócios do Círculo
BILHETES A VENDA NO COLISEU
Inscrição de sócios para a terceira série de concertos, os quais podem beneficiar desde já da redução de preços para este concerto
Isenção de jória para os novos sócios de qualquer das três séries
Os sócios do Círculo de Cultura Musical são informados de que a Associação se encontra encerrada amanhã e de que todos os assuntos são tratados no Coliseu em bilheteira especial

Taunus 17M
EXIJA QUALIDADE! ESCOLHA O
Um passo no futuro!


TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RÁDIO

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- A peça «Isabel de Inglaterra», há anos representada no D. Maria II, será representada esta temporada no Avenida, interpretada e encenada por Henriette Morineau.
- Custará trezentos contos a montagem da peça «Thomas Moore», cujos figurinos estão a ser desenhados por José Barbosa.
- Depois do êxito de «Sinhá Eu-

fêmea», Artur Semedo vai estreiar-se no teatro de revista, na companhia do Maria Vitória. A cançonetista Manuela Novais continua a obter grande êxito nas suas actuações no Rio de Janeiro. A actriz regressará nos princípios do ano para trabalhar numa revista.
- O actor Mário Pereira, depois de ter filmado «O Trigo e o Joio», cuja estreia está marcada para breve, no Monumental, já terminou, também, a sua actuação num filme ultimamente rodado em Angola.

NO MONUMENTAL

Continua o êxito da peça «O Comprador de Horas»

O êxito da peça «O Comprador de Horas» continua a atrair ao Teatro Monumental o publico que gosta de bons espectáculos, o qual prossegue assim na sua carreira, agora em 20.ª semana. A obra-prima de Jacques Deval, que todas as noites é aplaudida com verdadeiro entusiasmo por aqueles que assistem à sua representação, faz Laura Alves arrebatar as plateias na magistral interpretação do papel de «Rolande». A seu lado, temos Paulo Renato e Rui de Carvalho, também em duas magnificas interpretações. No elenco contam-se ainda, por ordem de entrada em cena: António Montês, Carlos Queirós, Helder de Oliveira, Maria Delfina, Carlos José Teixeira, Alexandre Vieira, Tomás de Macedo, Alma Flora, Rita Nobre, Helena Vieira, Alda Pinto e ainda Rolando Alves.

Assim, tem o publico todas as noites, às 21 e 45, um espectáculo digno de qualquer capital do Mundo. «O Comprador de Horas» está classificado para maiores de 17 anos.

NO VARIEDADES

A revista «A Ponte a Pé!» continua a entusiasmar Lisboa

A caminho de bater todos os «recor-
d», a fabulosa super-revista «A Ponte a Pé!» continua a exhibir-se todas as noites, pelas 20.45 e 23 horas, no magnifico e renovado Teatro Variedades. Um sensacional elenco, sem duvida o melhor e mais popular, reúne o espectáculo: Salvador, Humberto, Ligia Teles, Mariema, Vera Sanders (atracção internacional pela primeira vez em Portugal), Spina e um excelente naipe de jovens actrizes, deslum-

(Continua na 8.ª página)
MAIORES DE 6 ANOS



DOMINGO, 7 DE NOVEMBRO
AS 15.30

FESTIVAL DE BENEFICÊNCIA

a favor da Misericórdia e Hospital Civil de V. Franca de Xira

3 TOIROS da Casa Vinhas para cavalo lidados por

JOSÉ B. NÚNCIO
JOSÉ LUPI
JOAQUIM CORREIA
(Quim Zé)

3 novinhos do Ex.º Sr. Dr. Varela Cid, para a lide apeada, lidados por:

JOSÉ B. NÚNCIO
JOSÉ LUPI
MÁRIO COELHO

premiado em Madrid como o melhor bandarilheiro da Feira de S. Izidro e que bandarilhará os 3 novinhos, lidando um a sós.

FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM

comandados por Ricardo Rhodes Sérgio Entregará as chaves dos curros a distinta menina Maria João Paratty de Noronha

SOMBRA a 60\$00 — S/Sol 50\$00 — Sol desde 20\$00

Venda de bilhetes nos locais do costume

AMEAÇA OCULTA PARA OS OLHOS DAS CRIANÇAS

A cegueira parcial ameaça um numero alarmante de crianças cujos pais geralmente ignoram que elas são portadoras de deficiências visuais, a principio imperceptíveis. Corrigir o mal a tempo é a solução actualmente adoptada em dezenas de cidades americanas. Leia este emocionante artigo em SELECÇÕES de Novembro, já á venda nas livrarias.

Distribuidores exclusivos:
LIVRARIA BERTRAND

O ÊXITO NÃO É ACASO: ESTAVA PREVISTO!
QUANDO UMA BOA E BEM DIRIGIDA COMPANHIA INTERPRETA UM BOM ORIGINAL, RESULTA BOM ESPECTÁCULO

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

EM 2 SESSÕES ÀS 21 E ÀS 23 HORAS
APRESENTA

EUNICE MUÑOZ

que nesta interpretação vê o seu nome elevado junto dos maiores da cena portuguesa

O HOMEM QUE FAZIA CHOVER

com uma unidade de representação raramente conseguida em Portugal



BONS ACTORES FAZENDO BOM TEATRO

(POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA)

Costa Ferrelra
Fernando Gusmão
João Perry
Rogério Paulo
Jaime Santos
José de Castro

ENCENAÇÃO DE ALAIN OULMAN
CENÁRIO E FIGURINOS DE PINTO DE CAMPOS

A PEÇA ONDE ACONTECE TEATRO



NÃO SE PREOCUPE!

A NORTENHA PODERÁ PROPORCIONAR-LHE O RENDIMENTO QUE SEMPRE DESEJOU PARA O SEU
===== CAPITAL

CONSULTE A

empresa predial
NORTENHA

PORTO — PRAÇA D. JOÃO I, 25, 1.ª • TELEFONES 2.00.85 - 2.00.86 - 2.00.87
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58, 1.ª • TELEFONES 36.22.28 - 36.67.31 - 36.68.12
COIMBRA — AV. FERNÃO DE MAGALHÃES, 246, 2.ª • TELEFONES 2.74.04 - 2.78.55



SEMANA
DE UM ÊXITO EXTRAORDINÁRIO!

DOIS HOMENS DISPUTAM A MESMA MULHER
CUJA BELEZA ESCRAVIZOU O PRÍNCIPE DOS CONQUISTADORES!

GENGHIS KHAN

...O CONQUISTADOR

Omar Francoise
Stephen James
BOYD MASON DORLEAC SHARIF

No Papel de
PANAVISION (R)
TECHNICOLOR (R)

NO POLITEAMA AS 15.15-18.15 E 21.30



A história de uma menina de Beja que se revelou artista de cinema

Uma menina de Beja, com o filme «O Trigo e o Joio», vê abrir-se, no seu destino, a porta que conduz à arte e à popularidade. É um escritor, desses que possuem o dom maravilhoso de poetizar o real, poderia contar a história dessa pequena Maria Manuela: «Era uma vez uma menina nascida na cidade de Beja e que se chamava Maria Manuela...».

E que lição extraordinária de profissionalismo, de brio e consciência artística, com ela poderiam aprender tantos adultos, dos que por aí andam há tantos e tantos anos!

Maria Manuela era, e é, aluna de uma escola técnica na cidade que a viu nascer. Os seus pais são do povo e ela é do povo também. Entrou no cinema sem recomendações, naturalmente, sem nada que especialmente a recomendasse, a não

banda do «Loas», seu pai, pequeno lavrador decadente, que só num permanente recriar de sonhos após cada decepção encontra animo para ficar de pé ante os assaltos da realidade injusta que a cada passo se repetem.

E Maria Manuela meteu-se a sério no papel. Religiosamente escutava todas as recomendações, interrogava quando não compreendia; senhora da sua responsabilidade, ela queria que a sua figura correspondesse a uma verdade total. Conseguiu-o, a Maria Manuela. E o maior elogio que, nesta nota, lhe podemos oferecer é reconhecer, publicamente, que a sua actuação equilibrada, plena de inteligência, foi também um contributo precioso para a dignidade do filme «O Trigo e o Joio».

E a Maria Manuela é uma me-

esse compreensivo publico português, ao assistir à exibição de «O Trigo e o Joio» não deixara de notar o acerto da interpretação, a sobriedade e intencionalidade das intervenções dessa pequena grande actriz que se chama Maria Manuela, nascida na cidade de Beja e de quem os nossos realizadores, certamente, não irão esquecer-se.



A pequena artista Maria Manuela contracenando com Mário Pereira e Igrejas Caeiro

ser talvez, esse brilho estranho — revelador, famoso a dizer — que mesmo inconscientemente os responsáveis pela selecção não poderiam deixar de notar lá bem no fundo dos seus olhinhos inteligentes.

A Maria Manuela foi distribuído o papel de «Alice», essa outra menina, que nascida numa courela remota do seu Alentejo de histórias trágicas e noites de suprema beleza, vivia em êxtase a amar os bichos e as coisas simples, herança essa que no sangue lhe vinha pela

nina simples, afável, que todos adoravam. Nos últimos dias de filmagem, Eunice Muñoz e Igrejas Caeiro consideravam-na já mesmo como filha! Maria Manuela transformara-se em «Alice». E isto de um actor, ou actriz como neste caso, se integrar de tal maneira na personagem que lhe foi distribuída, de modo a fazer esquecer tudo o que fica para além ou aquém dele, é meta que nem todos conseguem atingir.

Estamos certos de que o publico,

CINEMA MONUMENTAL
QUINZENA MARILYN
COMO SE CONQUISTA UM MILIONÁRIO
de JEAN NEGULESCO
com Marilyn e Lauren Bacall

Amanhã
As 18.30 h.
M/12 anos

PROX. SESSÕES: RIO SEM REGRESSO (Dia 8); O PECADO MORA AO LADO (Dia 10) e OS INADAPTADOS (Dia 12) (ADULTOS)

Raul Solnado no tribunal da opinião pública

Hoje, excepcionalmente cerca das 21 horas, no novo programa de variedades da R. T. P. «Riso e Ritmo», o popular actor Raul Solnado será a principal atracção de uma rubrica inédita: o tribunal da opinião pública.

Solnado sentar-se-á no «banco dos réus», a fim de se sujeitar a um implacável interrogatório, cujo teor desconhece inteiramente, defendendo-se como melhor entender das acusações que lhe serão formuladas.

O programa «Riso e Ritmo», produzido por Armando Cortez, Francisco Nicholson e José Mensurado e realizado por Luís Andrade, du-

rá mais de uma hora e conta com a participação da famosa cançonetista inglesa Helen Del, da grande revelação do teatro ligeiro Mariema e dos actores Armando Cortez e Francisco Nicholson, numa dupla cômica. Colaboram, ainda, Pedro Pinheiro, Ribeiro de Mello, Henriqueta Perdigão, Reinaldo Martins, a bailarina Ana Lorenna e o trio de Eugénio Pepe.

A direcção musical do espectáculo é do maestro Jorge Costa Pinto, que dirigirá uma orquestra de nível internacional.

A TERNA LINGUAGEM DUM CORAÇÃO ENAMORADO VIVENDO O ROMANTISMO DO PRIMEIRO AMOR!

3 SESSÕES DIÁRIAS

odeon
Telefone 32 62 83

DUO DINAMICO (Ramon e Manolo)

ISABEL GARCÉS

Robert Hutton

MAIORES DE 12 ANOS

5.ª SEMANA!

MARISOL

em ritmo

«YÉ-YÉ»



EASTMANCOLOR

UMA DAS MAIORES ARTISTAS DO NOSSO TEMPO—JEANNE MOREAU



MATA

HARI,

AGENTE

- H. 21

Para ADULTOS

SÃO LUIZ

ALVALADE

AMANHÃ — ESTREIA

A FAMOSA ESPIA DE FRIA DETERMINAÇÃO... A MULHER DE CORAÇÃO ARDENTE... A FIGURA ENIGMÁTICA QUE NUNCA SE ESQUECERA!

UMA REALIZAÇÃO DE JEAN-LOUIS RICHARD Um EXC. SONORO FILME

TEATROS E CINEMAS

«O homem que fazia chover», no Teatro Villaret

Após uma carreira que já vai sendo longa, feita através de terras de província e no Porto, subiu ontem à cena, no Teatro Villaret, a peça de Richard Nosh «O homem que fazia chover», interpretada por Costa Ferreira, Fernando Gusmão, João Perry, Eunice Muñoz, Rogério Paulo, Jaime Santos e José de Castro, que foram dirigidos por Alain Oulman, autor da encenação. Não é hábito e não se justifica, portanto, que num mesmo jornal apareçam na mesma época e sobre a mesma encenação e interpretação duas críticas diferentes. Quando a peça agora em cena no Villaret foi representada em Coimbra publicou o «Diário de Lisboa» a ha-

bitual crítica, razão que ora nos dispensa de voltar a glosar o mesmo tema. A peça chega já até nós, aliás, aureolada de um prestígio publicitário que lhe vem dos comentários recolhidos ao longo da sua «tournée» pelo País. Este é, estamos certos, um dos benefícios que as companhias colhem da descentralização da vida teatral que, felizmente, para nós todos, vai sendo animada na província não só por excelentes grupos de amadores como por boas companhias profissionais, bem diferentes daquelas que em tempos velhas e rellhas, percorram a província com as suas armas e bagagens mais pobrezinhas.



Algumas figuras da peça,
vistas por Fernando Bento

A GRANDE NOITE DO FADO

O programa da «Grande Noite do Fado» está a ser organizado de forma a que este extraordinário espectáculo, que todos os anos enche o Coliseu dos Recreios, honre as tradições desta festa, que a Casa da Imprensa realiza há quase vinte anos.

Além do programa de variedades que a Emissora Nacional tão gentilmente apresenta, no qual participam as maiores figuras da Rádio, este ano haverá, também, música moderna, através da preciosa colaboração de alguns conjuntos do ritmo «lé-lé».

Numa «Grande Noite do Fado», as principais figuras da canção nacional não poderiam estar ausentes, sendo já grande o número amável de adesões assim como de artistas de Teatro e da Rádio, cujos nomes começarão a ser divulgados dentro de dias.

Diário da Outra Banda Cinemas

ALMADA — *Incrível* — As 21 e 15: «Hataris» (12 anos).

BARREIRO — *Cine Barreirenses* — As 21 e 15: «Congresso de maridos» e «A corteza do Oriente» (17 anos).

TRAFARIA — *Pavilhão Jardim* — As 21: «Os dois faz-tudo» e «Mistérios de Paris» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — *Gametro* — L. António dos Santos Jorge 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — *Portugal* — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

ALMADA — *Cristo-Rei* — Av. de Cristo-Rei, 31 (Tel. 273498).

BAIXA DA BANHEIRA — *Nova Fátima* — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — *Avenida* — Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2273207).

COVA DA PIEDADE — *Cerqueira Afonso* — Praça 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).

MOITA — *União Moitense* — Avenida Dr. Teófilo Braga, 1 (Tel. 239025).

MONTIJO — *Montepio* — Rua Almirante Reis, 93 (Tel. 230035).

SESIMBRA — *Lopes* — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).

SETUBAL — *Normal do Sul* — P. do Bocage (Tel. 22216).

SEIXAL — *Soromenho* — Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

PENHORES

ALMADA —
cruzamento D. Nuno-O. Salazar

274878

PARAGENS PAN E AQUARIO

Diário de Lisboa

PÁGINA 6



ADULTOS

Exclusivo MUNDIAL FILMES

ROUBARAM O PAI NATAL

O QUE ACONTECE QUANDO OS LADRÕES
SE ROUBAM UNS AOS OUTROS?

O QUE ACONTECE QUANDO OS LADRÕES
ARMAM EM POLÍCIAS?

O célebre filme de PIERRE GRIMBLAT

AMANHÃ ESTREIA NO
CINEMA
MUNDIAL

UMA NOVA DIMENSÃO
NA ARTE DE FAZER RIR
TODA FEITA DE IMPRO-
VISACÕES DELIRANTES

O famoso filme «Cent Bricks et des Tuiles» com 5 semanas simultaneamente em 3 cinemas de Paris, visto por 134 000 espectadores.

- DINAMISMO E FANTASIA EXPLOSIVA
- UMA MISTURA DOS FILMES DE LUBITSCH. AS OPERETAS DE OFFENBACH. AS PEÇAS DE SACHA GUITRY E A LITERATURA PICARESCA.
- UM CONTO DE NATAL CÓMICO E POLICIAL QUE É UMA VERDADEIRA FARRANDULA.
- UMA NOVA ÓRTODOXIA DO CÓMICO.

JEAN-CLAUDE BRIALY
MARIE LAFORET
SOPHIE DAUMIER

AS 3 FACES DE UMA MULHER

SORAYA

A MULHER CUJO PER-
TURBANTE DESTINO EMO-
CIONA TODAS AS MULHERES

com
Richard Harris e Alberto Sordi

Realizações de
Michelangelo Antonioni
Mauro Bolognini Franco Indovina

3

NO MAIOR
CINEMA DE
LISBOA!

A SEMANA

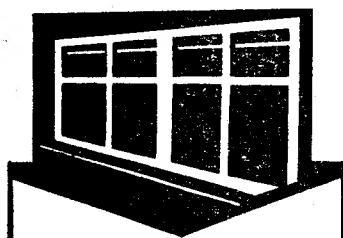
(ADULTOS)

UM FILME DE GRANDE ÊXITO PELA QUALIDADE, BELEZA
E INTERESSE COM QUE REVELA A PERSONALIDADE
DUMA DAS MAIS FAMOSAS MULHERES DA ACTUALIDADE

IMPERIO



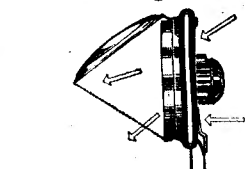
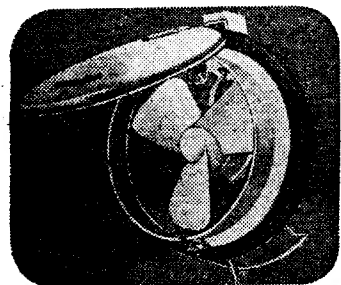
QUINTA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 1965



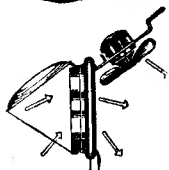
TEMPO FRIO,
JANELAS FECHADAS
— AR VICIADO.
MAS...

indolador

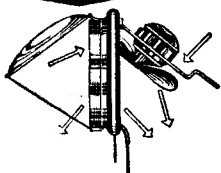
RESOLVE O PROBLEMA



EXTRAI O AR VICIADO



ADMITE O AR FRESCO



EXTRAI E ADMITE
SIMULTANEAMENTE



FAZ CIRCULAR O AR



VENTILAÇÃO PERFEITA
EM TODAS AS CONDIÇÕES

DISTRIBUIDORES GERAIS:

Frigel

RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 712
TELEFONE 21257 • PORTO
AV. INFANTE SANTO, 72-C
TELEFONE 661431 • LISBOA
À VENDA NAS CASAS
DA ESPECIALIDADE

Linha de CASCAIS

O próximo Salão do Outono da Junta de Turismo da Costa do Sol

Por iniciativa da Junta de Turismo da Costa do Sol, inaugura-se no próximo dia 27, o XI Salão do Outono, no qual estarão expostos trabalhos de aquarela, cerâmica, desenho, escultura, gravura, guache, mosaico, óleo, pastel, tapeçaria, tempera e vitral.

A entrega dos trabalhos termina no próximo dia 23, devendo os mesmos obedecer ao seguinte regulamento: A sua entrega deverá ser feita na sede daquela Junta (Arcadas-Estoril) acompanhado de um boletim de inscrição; a cada modalidade de trabalho deverá corresponder um boletim, a fim de facilitar a classificação, numeração e arrumação das obras; as obras inscritas serão sujeitas à apreciação de um júri presidido pelo presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol que convidará, para o efeito, um crítico de arte, dois ou mais artistas plásticos, além dos técnicos que entenda serem úteis à constituição desse júri.

São instituídos os seguintes prémios: medalhas de prata e bronze, galardoando os melhores trabalhos apresentados, em cada modalidade e dois prémios pecuniários, no valor de 2000\$00 e 1000\$00, destinados a salientar os dois melhores trabalhos presentes no Salão, podendo ser feita a sua escolha dentro de qualquer das modalidades.

Celebrações do Armistício em Oeiras e Cascais

A delegação de Oeiras (concelhos de Oeiras e Cascais) da Liga dos Combatentes, a exemplo dos anos anteriores, celebra no dia 11 o aniversário do Armistício da 1.ª Grande Guerra, com cerimónias junto dos monumentos aos mortos, em Oeiras e Cascais, às 12 e 14 horas, respectivamente, e romagem aos respectivos ossários e taíões privativos nos cemitérios de Oeiras (11 horas), Guia (14 e 30), Alcibideche (15), S. Domingos de Rana (15 e 30), Amadora (16) e Carnaxide (16 e 30).

Para um almoço de confraternização, na vila de Amadora, no domingo, 14, aceitam-se inscrições na sede do Nucleo ou no delegado naquela vila, sr. Francisco José Rodrigues.

Cinemas

ALGÉS — Stadium — Às 21: «As três verdades» (17 anos).
OEIRAS — Oeiras-Cine — Às 21: «Alvorada de furor» (12 anos).
PAREDE — Royal-Cine — Às 21: «Heróis de branco» (17 anos).
ESTORIL — Casino — Às 21 e 30: «Escape livre» (17 anos).
CASCAIS — S. José — Às 21 e 30: «O rei do laço» (12 anos).

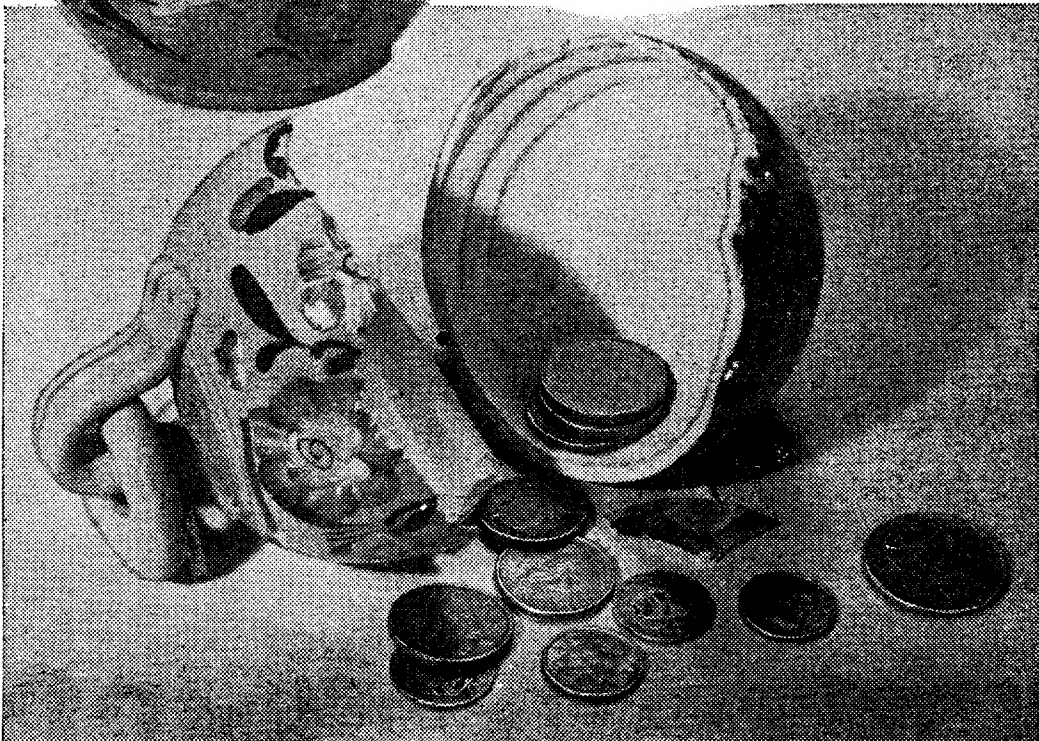
Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. Comb. Grande Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Brandão — Av. da República, 77-C (Tel. 2471054).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).
CASCAIS — Cordeiro — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); Nova — Est. Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

EXCURSÕES DA F.N.A.T.

Integradas no seu programa de Turismo Social, a F. N. A. T. efectua as seguintes excursões, em Novembro: dia 11, Feira da Golegã; dia 14, Circuito de Sintra; dia 21, Torres Vedras, Ericeira e Sintra; e dia 28 a 1 de Dezembro, Algarve Turístico; de 5 a 8, Algarve Turístico; e de 31 até 2 de Janeiro, fim do ano no Algarve.

As marcações são feitas na 2.ª Secção da F. N. A. T., na Calçada de Santana, 180. Dão-se informações pelo telefone 538871.



Ontem, guardavam-se vinténs. Hoje, guardam-se escudos — ou talvez contos de réis. Mas se são apenas guardados — os vinténs e os contos de réis serão sempre os mesmos. Um verdadeiro e inteligente sentido de poupança não deve levar ao cofre ou à palha do colchão — mas ao guichê de depósitos de uma organização bancária. O dinheiro depositado está seguro, rende juros e é aplicado em investimentos de interesse da colectividade.



DEPOSITE O SEU DINHEIRO
PARA VALORIZAR
AS SUAS ECONOMIAS

Organização Bancária

**PINTO
DE
MAGALHAES**

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA

AMARANTE • ARCOS DE VALDEVEZ • CHAVES • COVA DA PIEDADE
ELVAS • PENICHE • TOMAR • VILA DA FEIRA • FÁTIMA

SENSACIONAL! FATO COMPLETO 700\$00
SÓ TIRAR MEDIDAS E NÃO PROVA — SISTEMA AMERICANO
GABARDINES * IMPERMEÁVEIS * SOBRETUDOS

GRANDE VARIEDADE EM MODERNOS TECIDOS

CASA SÉRGIO DOS SANTOS

AV. ALMIRANTE REIS, 98-B — FACILITAMOS O PAGAMENTO COM E SEM FIADOR

TÁBUA RASA

O jantar mensal do Cenáculo Tábua Rasa efectua-se no próximo dia 10. Será convidada a poetisa e escritora Laura Chaves, cujo elogio literário será feito pela poetisa Maria Helena.

A inscrição está aberta pelo telefone 35311, até ao dia 9.



PARA PROTEGER A VELHICE

HYPERSEX

COMPLEXO FOSFO-GLANDULAR HIPERTÓNICO

Esgotamentos, cansaço cerebral, astenias da idade senil, etc.

Propaganda (gratuita) da FAL — Apartado 2142 — LISBOA

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

brantes de beleza e talento, como é o caso de Natalina José, Lita Costa, Linda Silva, Palmira Ferreira, Teresa Torga, Guida de Carlo, Simone Maria, Odete Antunes, Mitó, Sara Rocha e Gina Loureiro. Nesta extraordinária superprodução de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, participam, ainda, bailarinas francesas e portuguesas e excelentes bailarinos internacionais.

NO AVENIDA

Um grande acontecimento teatral: «A Escada», representada pela Companhia do Nacional

Trata-se de um acontecimento teatral de raro nível aquele que, no Teatro Avenida, a Companhia do Nacional, dirigida por Amélia Rey Colaço, oferece ao público de Lisboa. Ao escolher «A Escada», do grande dramaturgo brasileiro Jorge Andrade, para inaugurar a temporada, e ao entregar a realização ao talento brilhantíssimo de Henriette Morineau, a empresa Rey Colaço-Robles Monteiro sabia que iria acrescentar ao seu prestígio mais um espectáculo de excepcionais características. Assim aconteceu e assim o reconheceu o público, através dos aplausos mais entusiásticos, tal como sucedeu com os comentários altamente elogiosos da crítica. «A Escada» tornou-se, definitivamente, no espectáculo de grande classe que os apreciadores de bom teatro esperavam do notável conjunto artístico que o assina, no qual se encontram alguns dos actores que o público mais respeita e admira e que dão a humaníssima intriga um desempenho que reúne, no seu potencial de emoção, uma autêntica lição de teatro.

«A Escada», para adultos, representa-se todas as noites, às 22 horas, havendo depois de amanhã a primeira tarde popular, a preços reduzidos.

NO MARIA VITÓRIA

«...E Viva o Velho!» um espectáculo moderno com boas piadas

o público que faz a melhor propaganda dos grandes espectáculos. Quem já viu a grande e engraçadíssima revista «...E Viva o Velho!», espalha por Lisboa a grande verdade: trata-se de um espectáculo moderno, cheio de boas piadas, música melodiosa e lindas mulheres. Assim, quem quiser passar duas horas divertidas, já sabe que encontra, no popular Teatro Maria Vitória, uma revista plena de graça e de alegria.

Eduardo Damas apresenta no sensacional espectáculo um valioso elenco, com Camilo de Oliveira, Maria Dulce, a artista brasileira Carla Baroni, Luísa Durão António Anjos, Carlos Nascimento, Hilda Marina, Micó Ferreira e muitas outras artistas, discípulas, bailarinas, bailarinos e «girls», com as atracções nacionais Paula Ribas e António Mourão e o popular actor Cestinha.

Todas as noites, às 20.45 e 23 horas e, aos domingos, também às 16 horas, «...E Viva o Velho!» representa-se no Maria Vitória.

COLISEU

Emp. Ricardo Covões. Herds.

HOJE, às 21.30

(Maiores de 12 anos)

O SUPER-ESPECTACULO

CIRCO
GRANDE COMPANHIA
DE CIRCO

AS MAIORES ATRACÇÕES

AVENIDA

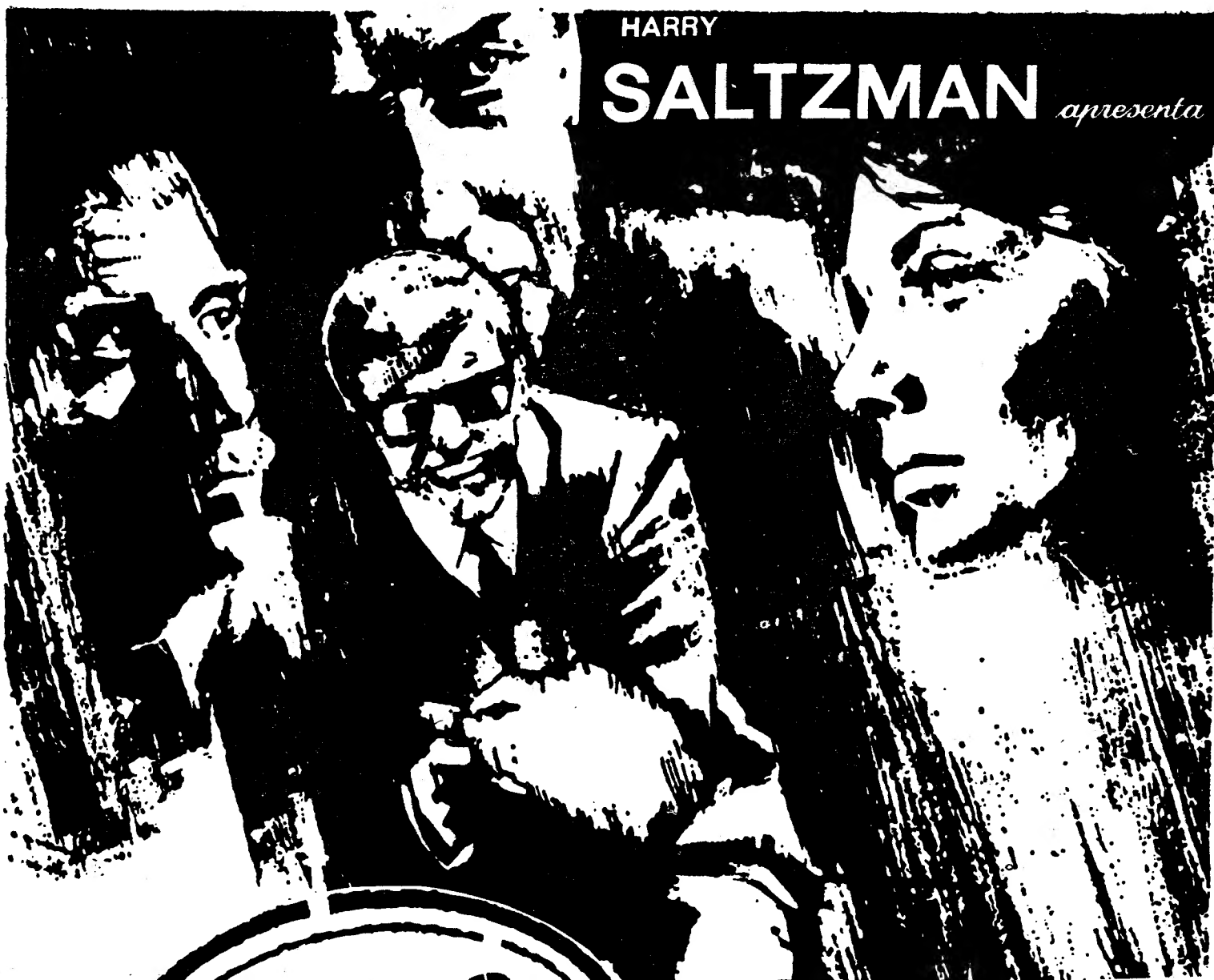
Telef. 32 03 79

Às 22 horas (ADULTOS)

Uma inolvidável noite de teatro

A ESCADA

pela companhia do TEATRO NACIONAL D. MARIA II



HARRY

SALTZMAN apresenta

O CASO IPCRESS

(THE IPCRESS FILE)

UM GRANDE ACONTECIMENTO
CINEMATOGRAFICO

EM

2ª SEMANA



Adultos

COM
MICHAEL CAINE

NIGEL GREEN
GUY DOLEMAN · SUY LLOYD

DA NOVELA DE
LEN DEIGHTON

REALIZAÇÃO DE
SIDNEY J. FURIE

ARGUMENTO DE
BILL CANAWAY

e JAMES DORAN

PROD. EXECUTIVO
· CHARLES KASHER

MÚSICA DE
· JOHN BARRY

TECHNICOLOR
TECHNISCOPE

THE IPCRESS FILE +++ O CASO IPCRESS +++ THE IPCRESS FILE +++ O CASO IPCRESS +++ THE IPCRESS FILE +++ O CASO



A SUA BOITE

Trav. Fiéis de Deus, 28 — Tel. 37 08 89
LISBOA - 2

APRESENTA TODAS AS NOITES

(Para maiores de 17 anos)

TOBIAS VALIDO

(ao piano) E O SEU BATERISTA

Direcção de: JOSÉ VICENTE

ABERTO ATÉ DE MADRUGADA
FECHADO AOS DOMINGOS

TEATRO VARIEDADES

2 SESSÕES: ÀS 20.45 e 23 horas

Adultos

A MELHOR REVISTA
DOS PALCOS PORTUGUESES!

A PONTE A PÉ!

com

SALVADOR • HUMBERTO
LÍGIA TELES • VERA SANDERS
SPINA e mulheres sensacionalmente belas!



MARIEMA
autêntica estrela
dos palcos!

Na MALVEIRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na AGENCIA DE PUBLICAÇÕES, DE HENRIQUE DIAS SEQUEIRA CAETANO. A José Baptista Antunes, 18.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Roz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30 e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto, em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FOTOGRAMAS



A bela Soraya continua em êxito permanente na elegante sala do IMPÉRIO, cultivando simpatias, vivendo uma história com três facetas distintas, exibindo uma autêntica parada de belos vestidos. «As três faces de uma mulher» com o magnífico prólogo de Antonioni iniciou uma terceira semana de êxitos. Os nomes prestigiosos de Boliguini e Franco Indovina assinam as duas outras partes da realização que o produtor Dino de Laurentis lançou no mundo do espectáculo. Nas grandes capitais europeias o filme está alcançando receitas astronómicas e bichas nas bilheteiras.



A lendária história de «Genghis Khan» continua a entusiasmar o público do POLITEAMA. O realizador Henry Levin, com o extraordinário recurso do Panavision e da cor, proporciona um espectáculo em que a aventura e a temeridade dão o braço nos recuados tempos em que a terra se conquistava a palmo e a golpes de temeridade. No elenco aparece-nos um ídolo das plateias: Stephen Boyd. E com ele, os nomes bem conhecidos de James Mason, Eli Wallach e François Dorléac nos papéis principais.



A enorme sala dos Restauradores continua a acorrer um público que estava afastado daquela zona da Baixa. Um bom filme consegue estas «operações» em tempo «record». O caso de «O Sucesso» que inicia amanhã a sua 3.ª semana é bastante significativo e frequente se fala na película cheia de irreverências ao estilo de «Ultrapassagem». Vittorio Gassman, com Anouk Aimée e Jean Louis Trintignant, são os protagonistas principais da película realizada por Mauro Morassi em carreira ascendente no EDEN.



A mais moderna sala de Lisboa promete para amanhã um filme francês na melhor tradição do humor. «Roubaram o Pai Natal» (Cent Briques et des Tuiles), obteve assinalável sucesso em Paris registando na sua estreia a presença de 134 000 espectadores. Com os «gags» mais surpreendentes, consegue-se uma sátira ao filme policial que ficará assinalada. Os bandidos são gentis e encantadores e tudo corre num mar de rosas... A estreia de amanhã no MUNDIAL traz a presença de Marie Laforet, Jean-Claude Brialy, Jean-Pierre Marielle e Sophie Daumier.



A expectativa foi desvendada esta semana com a nova obra de Carol Reed debruçada na vida de um grande mestre da pintura italiana: «A Agonia e o Êxtase». O drama apaixonante de Miguel Ângelo intimamente ligado à gigantesca pintura da Capela Sistina, é pungente e espectacular. O largo «écran» de 70 m/m proporciona a este filme um novo campo de exploração em que a história de dois homens (Miguel Ângelo e o Papa Julio II) se ligam à magnífica obra que Roma exhibe ainda como seu maior cartaz artístico. Charlton Heston, Rex Harrison e Diane Cilento possuem interpretações notáveis no filme que enche as salas do ROMA e do TIVOLI.



Insinuante e já mulherzinha, Marisol possui no nosso País uma extraordinária falange de admiradores. A nossa vizinha ultrapassou facilmente as fronteiras do seu país para ganhar a Europa e a América do Sul. Justifica-se assim que o cinema ODEON continue a registar êxitos com «Marisol Apaixonada», filme de cativante popularidade, alegre e sadio, com um fio romântico a embelezar a paixão bem intencionada. Marisol vive a sua paixão num ambiente cheio de encantos — Palma de Maiorca. Portanto, o espectador fará neste filme, a agradável viagem à estância famosa do Mediterrâneo.



No ESTUDIO continua a exhibir-se «David e Lisa», uma película que marcará na tradição daquela sala mais uma obra escolhida com um critério que assinalamos gostosamente. Frank Perry oferece-nos um filme de vanguarda laureado já em dois festivais. A pequena sala tem um público fiel e atento à programação que exhibe. Este «David e Lisa», sendo um filme para o espectador comum, não pode ser ignorado pelo público mais exigente. Apresentamos uma cena em que intervêm os dois principais intérpretes: Keir Dullea e Janet Margolin, que alcançaram dois primeiros prémios de interpretação.



O extraordinário filme de John Ford — verdadeira epopeia do Oeste americano — continua a encher a grande sala do MONUMENTAL. O magnífico espectáculo em 70 m/m iniciou já uma terceira semana de exibição o que denuncia o particular interesse do público por este género de filmes em que a aventura se transforma na obra de arte cinematográfica. John Ford rodeou-se de um elenco poderoso e dos melhores técnicos americanos. Como seu hábito, não descuro os pormenores. Numa cena de «O Grande Combate» vemos Richard Widmark, um dos muitos grandes nomes desta película espectacular.

FOTOGRAMAS



BOA vizinhança e inteligente exploração é o que se pode atribuir à prática, cada vez mais generalizada das estreias simultâneas. Julgamos ter sido o grupo S. Luiz-Alvalade a iniciar regularmente o sistema: o processo alarga-se a outras salas procurando unir pólos opostos — os cinemas da Baixa com os da cidade nova.

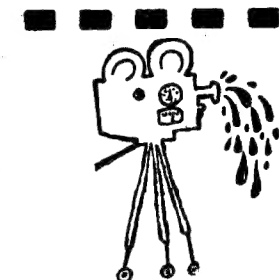
O público pode desta forma ver o mesmo filme na sala que lhe esteja mais próxima ou que, por hábito lhe seja mais agradável.

Os empresários recorrem a menos filmes, permitindo-se a natural selecção das melhores produções estrangeiras.

Os importadores-distribuidores deixam de adquirir grandes contingentes de celuloide e fazem uma escolha cuidadosa.

Tudo parece concorrer desta forma para a melhoria da exploração de um espectáculo que nos últimos anos foi sacudido por vários vendavais, apesar de ser ainda o mais aliciante para o grande público e o mais económico.

Que a boa vizinhança continue.



FLASHES

Alain Delon fez a sua estreia auspiciosa no cinema americano (no filme «Once a Thief») que continua a vir procurar à Europa os actores de maior renome. Dirigido por Ralph Nelson, «Once a Thief» (que entre nós terá o título «Homicídio em São Francisco») e vai ser exibido no Eden) conta ainda com a presença de Ann-Margret e Jack Palance.



Há cerca de dois anos correu entre nós o primeiro filme de Rocio Durcal, uma bonita cançonetista, que debutava então nos meios artísticos da vizinha Espanha. Entretanto, o seu nome foi adquirindo cada vez maior êxito e Rocio Durcal é hoje uma vedeta da canção e do cinema. Ve-la-emos, em breve, no filme «Uma Garota de Gritos» (que vai ser estreado no cinema Odeon), e a propósito, cremos poder dar aos nossos leitores uma notícia em primeira mão: Rocio Durcal, deslocar-se-á a Lisboa para apresentar ao público português o seu último filme.



É sempre grato assinalar nos nossos «écrans» um filme de John Ford, o grande mestre do «western». Mas, desta vez, não foi só a presença de uma obra do grande realizador que nos emocionou, mas ainda a oportunidade de rever uma das maiores actrizes do cinema de todos os tempos: Dolores del Río. Falamos, como é evidente, de «O Grande Combate», a superprodução que se exhibe diariamente, e com grande êxito, no cinema Monumental.

O REALIZADOR DA SEMANA

Carol Reed volta às nossas telas, assinando desta vez uma superprodução: «A Agonia e o Êxtase», extrai da biografia de Miguel Ângelo, cujo autor é Irving Stone. A obra mais conhecida, entre nós, de Carol Reed, é, sem dúvida, «O Terceiro Homem», de argumento conjunto de Oscar Welles, Graham Greene e do próprio Reed. A célebre cena dos esgotos de Viena, radica definitivamente este grande realizador na história do Cinema, como exemplo de um estilo criador.

Depois disso, mais dois filmes de grande êxito correram nos nossos cinemas: «O nosso Agente em Havana», e «Homem em Fuga». Em qualquer deles se poderia apontar: o gosto pelos temas tão gratos a Carol Reed e, sobretudo, uma técnica impecável, que fez dele «provavelmente o mais brilhante técnico do cinema moderno...», segundo opinião do conhecido crítico Richard Winnington. E a prova mais concreta do que acabamos de dizer pode verificar-se em «A Agonia e o Êxtase», agora em exibição no Tivoli.

OUTROS FILMES

OUTROS CINEMAS

ALVALADE — S. LUIZ
«Cognac»

SÃO JORGE
«O Caso Ipress»

CONDES
«Buffalo Bill»

CAPITÓLIO
«Sahara, Posto 6»

OLIMPIA
«Robinson Crusoe em Marte»

A posição de alguns católicos em face das eleições

Com pedido de publicação recebemos o seguinte documento relativo ao próximo acto eleitoral, subscrito por um grupo numeroso de individualidades católicas ligadas a vários ramos da vida nacional.

I

«No passado dia 15 de Outubro, a Nação tomou conhecimento do Manifesto que os candidatos da Oposição Democrática lhe dirigiram. Independentemente de opções políticas concretas, uma realidade veio claramente patentear-se: a dignidade moral, o civismo e a coragem que esse documento revela. Realidade essa, que ficou a contrastar com a intolerância e a recusa a qualquer debate leal que lhe foram opostas, e que permanece com evidência e força intrínseca, para além da renúncia dos candidatos que subscreveram o referido Manifesto.

Por isso, sentem os signatários não poder deixar de exprimir publicamente o seu apoio ao significado moral e cívico desse importante documento, assim como da representação posteriormente dirigida ao Chefe do Estado. Creem contudo que a expressão deste sentimento deve ser acompanhada por um esclarecimento e por uma justificação. É importante esclarecer por que se julgam obrigados a intervir, é importante esclarecer por que invocam, ao fazê-lo, a qualidade de católicos que é a sua. Importante é igualmente justificar, perante o País, a razão de ser do testemunho que pensam dever prestar.

Embora a propaganda oficial pretenda que o Manifesto dos candidatos da Oposição foi rejeitado pela consciência nacional, é um facto que as manifestações oficiais não conseguiram ocultar que esse documento foi recebido pelos portugueses de boa vontade como manifestação séria e construtiva. Do Manifesto, e acima das opiniões políticas expostas, ressalta uma lição moral, e há uma batalha de coragem neste País, a Oposição ganhou-a. Ao afirmá-lo, e ao afirmá-lo com a gravidade que o momento histórico que atravessamos exige, sentem os signatários que ela se ergue na defesa de valores e direitos que para um cristão são, ou devem ser sagrados, valores e direitos que para um cristão são, ou devem ser sagrados, valores e direitos que um Poder que se reclama do catolicismo tem vindo sistematicamente a violar e a ofender. É um escândalo, pela qual todos nós, católicos portugueses, teremos um dia de prestar contas, que ao longo de quarenta anos o nome de Cristo tenha sido invocado para servir de capa a um nacionalismo exacerbado e a atitudes totalitárias que devem repugnar a uma consciência cristã. É um escândalo que muitos católicos tenham negado o Cristo Crucificado no pobre e no perseguido, para servirem aqueles mesmos que os oprimem e perseguem. É um escândalo que na defesa do «direito à existência e a um nível de vida digno», do «direito à liberdade de manifestar e difundir as suas ideias», do «direito de possuir uma informação verdadeira dos acontecimentos públicos», do «direito de reunião e associação», do «direito de tomar parte activa na vida pública», só raríssimos católicos tenham feito ouvir a sua voz. É um escândalo que a exortação à «convivência na verdade, na justiça, no amor e na liberdade», de que falava o Papa João XXIII na Encíclica «Pacem in Terris», ao definir magistral e solenemente os direitos acima enunciados, tenha surgido, nestes anos, quase sempre do lado dos não-crentes, quando tão insistentes têm sido as declarações doutrinais e as exortações da Igreja na defesa desses valores fundamentais. No actual momento político, porventura mais claramente do que nunca, essa exortação voltou a ser feita e, embora sem se reclamar dos princípios cristãos, foi-o em termos que implicitamente os contém. Os signatários deste documento intervirão porque têm perfeita consciência de que o silêncio seria a continuação daquele escândalo.

II

Consideram os signatários essencial à defesa de uma ordem pública justa e digna o respeito pelos fundamentos e inalienáveis direitos de cada homem. «A pessoa humana» — afirmou Pio XII na Mensagem de Natal de 1944 — «não só não pode ser considerada mero objecto ou elemento passivo da vida social, como, muito pelo contrário, deve ser tida como sujeito, fundamento e fim da mesma vida». Assim, e porque pensam que o princípio director da ordem reinante entre os homens deve ser a pessoa humana com os seus direitos inalienáveis, universais e inalienáveis, bem como os deveres que daí resultam (João XXIII, «Pacem in Terris»), alegam-se os signatários com a clareza e desassombro com que estes princípios, fundamentais em toda a tradição e mensagem cristãs, são defendidos no «Manifesto da Oposição Democrática».

Em consequência, não podem deixar de se sentir solidários com a condenação de um Poder que persegue os que dele discordam, de uma política política que «continua a reinar soberanamente sobre toda a vida pública portuguesa», de um processo eleitoral sem dignidade nem verdade, de uma «política do pensamento» responsável pelo baixo nível intelectual do País, de uma política de informação que impede o acesso à verdade, envolvendo numa cortina de silêncio o que aos responsáveis convém silenciar, e com a condenação de um tratamento, contrário aos princípios da Moral, infligido a uma juventude que nas Universidades e Escolas portuguesas luta pelos seus direitos. Em todos estes pontos são solidários com a Oposição e é sua convicção que esta cumpriu o dever, que tinha, de apontar ao País a flagrante violação das liberdades fundamentais, a permanente ofensa da Moral e do Direito, que constituem as próprias fontes da consciência política nacional.

Mas porque a doutrina pontificia é inequívoca nesta matéria, julgam ser também seu indeclinável dever apontar a óbvia contradição entre os princípios expressos pelo Magistério da Igreja e o modo como se continua a processar a vida pública portuguesa. Ao invocarem essa doutrina, recordam os signatários, que, para um católico, ela é elemento indispensável e essencial à ter em conta no momento das opções políticas, exactamente porque reconhecem no Papa o Vigário de Cristo, o supremo «perito em humanidade», aquele que deseja servir-nos «no que é da sua competência» (Paulo VI, discurso na O. N. U.).

E se, enquanto cristãos, à luz da Fé se encontram prontos a aceitar os dogmas da Igreja, no plano temporal recusam-se a admitir que as opções erigidas por um poder político em doutrina dogmática os dispensem de examinar e contestar essas mesmas opções, muito embora saibam que isso lhes pode acarretar enxovalhos e acusações.

As citações papais que ao longo deste documento se vão ler, não representam pois um aproveitamento político da voz dos Sumos Pontífices, mas sim o fundamento doutrinal que na sua qualidade de cristãos os inspira, e a que constantemente se devem referenciar todos aqueles que creem que a Palavra de Roma é a que aponta o Caminho, a Verdade e a Vida.

Na Encíclica «Pacem in Terris», João XXIII proclamou solenemente que «todo o ser humano tem direito à informação verdadeira sobre os acontecimentos públicos». Poderá alguém sustentar que este direito é garantido ao cidadão português? Em todos os países livres, os modos por que esse acesso à informação se processa e se protege

são legalmente estabelecidos e consuetudinariamente respeitados. Em Portugal, o público continua a dispor de notícias truncadas ou deformadas com o tom e o matiz que os serviços de censura entendem transmitir-lhe. Quanto mais grave é a matéria — e consequentemente maior o direito que temos de ser dela informados — mais rígido é o «controle» ou, até, o silêncio. Sirvam de exemplo apenas dois casos: a invasão de Goa e o assassinato do general Humberto Delgado. Por outro lado, a retórica oficial e oficiosa empenha-se em dar ao leitor ou ao ouvinte uma visão deformada da verdade, insistindo na propaganda e despertando sentimentos de ódio e de intolerância.

Recordemos as palavras de Sua Santidade o Papa Paulo VI na sua mensagem ao XV Congresso Internacional da Imprensa Periódica: «Mais do que nunca importa hoje não degradar a informação em propaganda, não fazer apelo às menos nobres paixões do Homem, não levantar, através de campanhas sistematizadas e orientadas, grupos de leitores contra outros grupos de concidadãos ou de estrangeiros». Perante as paixões atizadas pelos canais informadores controlados pelo Governo contra a O. N. U., contra os povos da África e da Ásia, contra os nossos aliados do hemisfério ocidental, contra os portugueses da Oposição e até contra o próprio Vigário de Cristo, poderão estar os católicos portugueses menos preocupados do que o Papa com este típico atentado à liberdade da pessoa e suas consequências? Acaso poderão ser surdos ao seu apelo: «Espero que todos façam sempre o possível para pôr a sua livre actividade ao serviço do bem comum no respeito mútuo, com a preocupação de dar sempre a conhecer aos milhões de leitores sobre quem exercem uma prodigiosa influência, a Verdade nos seus múltiplos aspectos; essa Verdade para que é feita a inteligência humana, essa Verdade de que os humildes testemunhos e mensagens?»

No País em que vivemos, conhece-se apenas uma face de cada questão e apenas uma opinião é aceite. Despreza-se a pessoa humana escondendo-lhe a Verdade para que é feita. Não podemos deixar de repetir a voz do Papa, que nos diz que «com razão» devemos reivindicar «contra todos os totalitarismos a (necessidade, de pensar livremente e a de livremente nos podermos exprimir». (Paulo VI, mesma Mensagem).

Igualmente devem os signatários apontar ao País as anomalias e as injustiças de que se reveste o processo político em Portugal. Beneficiando do uso dos meios noticiosos, beneficia também o regime vigente da única organização partidária a que é dado o direito de exercer actividade e de se proclamar nacional.

Considerando que não poderá haver eleições livres e sérias enquanto não for possível organizar a opinião pública para prosseguir fins que o homem só pode alcançar associando-se, evocam que «a sociabilidade natural da pessoa humana provém do direito de reunião e associação, bem como o de conferir às associações a forma que aos seus membros parecer mais idónea à finalidade em vista, e o de agir dentro delas por sua conta e risco, conduzindo-as aos almejados fins». (João XXIII, «Mater et Magistra»).

Esta é a doutrina na Igreja. A doutrina governamental impõe arbitrários limites a este direito e considera o processo democrático inimigo a combater e responsável de todos os atentados ao Bem Comum.

Não só na vida política é flagrante a contradição. Igualmente nas Universidades e Escolas, nas associações culturais e profissionais, continuam a ser postos os maiores entraves ao natural direito de associação.

Na vida académica, o Governo, sem compreender que a chamada crise da juventude em Portugal é a crise de uma sociedade inteira, continua a considerar como únicas medidas capazes de normalizá-la a expulsão, a mobilização anteci-

pada, a prisão e a tortura. Não podem os signatários deixar de fazer referência ao recente despacho que veio aplicar penas de expulsão de todas as escolas e universidades do País a 53 estudantes universitários, por períodos de 3 meses a 8 anos, e, a mais de uma centena, penas de suspensão. Essa decisão representa um atentado à Universidade, Universidade que, ainda recentemente, Paulo VI dizia «não poder deixar de beneficiar de autonomia interior e da justa liberdade que deve, aliás, existir sempre na ordem moral e cívica que lhe compete, antes de mais, representar e promover» (alocução aos Estudantes Católicos Italianos).

Na vida profissional, o Governo, reclamando-se de um corporativismo que se pretende inspirado na doutrina social da Igreja, dele se tem servido para impedir as legítimas reivindicações sociais e a liberdade sindical que essa doutrina efectivamente reclama. Diz João XXIII: «O Nosso afectuoso pensamento e o Nosso encorajamento paternal vão para as associações profissionais e para os movimentos sindicais de inspiração cristã, presentes e operantes em vários continentes, os quais, entre muitas e não raras graves dificuldades, têm sabido e continuam a saber trabalhar pela eficaz prossecução dos interesses das classes trabalhadoras e pelas suas elevações material e moral, tanto no âmbito das várias comunidades políticas como no plano mundial» (Encíclica «Mater et Magistra»). E ainda: «Da mesma maneira julgamos dever ser avaliada a obra que com animo cristão desenvolvem os Nossos amados filhos noutras associações profissionais e sindicais, inspiradas nos princípios da convivência e respeitadoras da liberdade das consciências» (mesma Encíclica). Não esqueçamos que o Papa se refere a associações organizadas segundo a forma que «aos seus membros parecer mais idónea» («Pacem in Terris»). Aplicar-se-ão estas palavras à prática portuguesa? Têm, além disso, os responsáveis pela vida pública do País feito o possível por assegurar a cada cidadão o direito a um nível de vida digno, o «direito ao trabalho», o «direito à sua remuneração conforme os preceitos da Justiça», o «direito à emigração», tal com são defendidos por João XXIII na «Pacem in Terris»?

Não podem ainda os signatários calar o seu protesto frente ao atropelo do «direito natural ao respeito da sua dignidade e boa fama» e da «legítima defesa dos seus direitos» («Pacem in Terris») que resulta da existência de uma política política detentora de poderes que violam as mínimas exigências da consciência cristã.

Já em 1959 — há seis anos — quarenta e cinco católicos, entre os quais seis padres, expuseram em carta ao Presidente do Conselho a gravíssima inquietação que, como homens e como cristãos, lhes causavam os métodos da P.I.D.E. A única resposta que obtiveram foi um processo-crime, de que foram depois amnistiados, embora continuassem a ser muitos deles perseguidos política e economicamente. De então para cá, não se pode dizer que a actuação dessa polícia se tenha modificado de modo a satisfazer a menos exigente das consciências.

Ao expor todas estas violações da ordem cívica, não pode calar-se uma interrogação angustiada e recordar que está historicamente provado que a violência conduz à violência, a exploração ao ódio.

Repudiando a violência e o ódio com a maior firmeza, esperamos, segundo a palavra de Paulo VI, que a nossa acção «se torne a voz que grita, como eco da consciência do povo e da lei de Deus» (alocução de 30 de Janeiro de 1965).

III

Na sua última mensagem de Natal (que os portugueses não puderam ler na íntegra, nem sequer no jornal católico «Novidades», pois que dela a censura cortou lar-

gas passagens), Paulo VI afirmou: «Na hora presente, a fraternidade impõe-se, a amizade é o fundamento de toda a moderna sociedade humana. Em vez de olharmos o nosso semelhante como estrangeiro, rival, antagonista, adversário, inimigo, devemos-nos habituar a ver nele o homem, isto é, um ser semelhante a nós, digno desse respeito, dessa estima, dessa entejada e desse amor que para nós próprios desejamos».

Também aqui não podem os signatários deixar de reconhecer que entre as palavras do Papa e a política do Governo português não existe qualquer ponto de contacto. Enquanto a Igreja reconhece a importância primordial das relações internacionais, movidas por este impulso de fraternidade que procura a todo o custo sobrepôr-se ao velho espírito de guerra, o Governo afirma-se «orgulhosamente só».

Na Encíclica «Pacem in Terris», João XXIII insistia que é «com negociações e não com armas que se devem dirimir as eventuais controvérsias entre os povos» e salientava a importância da Organização das Nações Unidas como primeiro passo no sentido de se criar um instrumento útil à vida internacional e para formação de uma autoridade supranacional capaz de tornar os próprios indivíduos sujeitos às normas do direito Internacional Público. Paulo VI encarnou esta ideia ao deslocar-se à Assembleia da O.N.U., reconhecendo nas suas declarações a extraordinária importância desse organismo. A Igreja destaca assim — são palavras de João XXIII — «a maior consciência que todos os povos têm de serem membros vivos de uma comunidade mundial».

Não são estes princípios oficialmente aceites entre nós e não nos pode ser indiferente que se substitua a dignificação que deles emana pelo jugo primitivo da paixão cega e exclusivista de um nacionalismo que, só por o ser, se julga permanente e totalmente justificado.

A trágica experiência que temos vindo a fazer desta realidade é aquela que Paulo VI condena na já citada Mensagem de Natal, ao dizer: «Em primeiro lugar, há que denunciar o nacionalismo que divide os povos, opondo-os uns aos outros, erguendo entre eles barreiras de ideologias adversas, psicologias fechadas, interesses exclusivos, de pretensões à auto-suficiência, quando não mesmo de imperialismos ávidos e arrogantes» (...). «Pedimos instantaneamente aos governos e aos povos que vigiem e ponham freio a esse instinto fácil de prestígio e emulação. Formulamos votos para que todos apoiem e estimem os organismos criados para unir as nações numa colaboração franca e recíproca, para impedir as guerras e prevenir os conflitos, para resolver os antagonismos através da paciência das negociações e de acordos justos».

Todas estas normas têm sido abertamente ignoradas pelos responsáveis da política portuguesa. Mais ainda: longe de se procurar corrigir este tipo de paixões, são elas fomentadas e provocadas, recorrendo-se às manifestações organizadas e a outros processos de propaganda e de intimidação, bem característicos dos regimes totalitários.

A União Nacional, no seu comunicado de resposta ao Manifesto da Oposição, afirma: «...o manifesto não faz grande segredo do fim que visa a manobra. O que é preciso é que as Nações Unidas fiquem satisfeitas e nos dispensem o seu respeito, a sua simpatia e as suas benesses. Pode ser que todos estes bens sejam muito estimáveis para quem só pense na utilidade material, mas os seus atractivos não exercem qualquer sugestão sobre os homens de boa tempera».

Estas afirmações foram feitas não muitos dias depois do Papa Paulo VI ter declarado perante a Assembleia Geral da O. N. U.: «Tra-

(Continua na 24.ª página)



HONDA Sport Cub 50 C 110 C 114

A MELHOR MOTORIZADA DO MUNDO

REPRESENTANTES

JBA - LIMITADA LISBOA-2



TAP

EM COLABORAÇÃO COM A BEA



Londres

**Três prédios
em Almada
com o mesmo
número de polícia...**

Parece impossível, mas é verdade...
Na Rua D. Sancho I. em Almada, existem nada menos que três prédios com o n.º 6.
Isto causa, como é natural, incómodos e prejuízos, quer aos moradores, quer aos carteiros que, desorientados, têm, às vezes, de ir aos três prédios à procura do mesmo destinatário.
Porque não obrigam, a Câmara ou a Polícia, os proprietários a colocarem num dos números um A e noutro um B?

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Marques Correia
VISEU, 4 — Faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria Marques Correia, de 76 anos, esposa do comerciante e industrial sr. José Esteves Correia. Era mãe do medico viseense dr. António Esteves Correia, delegado distrital da Direcção-Geral dos Desportos, casado com a sr.ª D. Maria Gabriela Vasconcelos dos Santos Esteves Correia, e do tenente-coronel Joaquim Esteves Correia, ausente no Ultramar, casado com a sr.ª D. Helena Adelaide Shirley Leonor de Paiva Martins Esteves Correia. A urna depois de ter sido recolhida na capela da Senhora das Vitórias e no templo dos Terceiros de S. Francisco, ficou depositada em jazigo de família no cemitério desta cidade. O funeral foi muito concorrido.

FUNERAIS

Tenente-coronel eng. Artur Spencer Vieira

Da basílica da Estrela para o cemitério dos Prazeres, realizou-se hoje, o funeral do sr. tenente-coronel eng. Artur Spencer Vieira, falecido no Hospital Militar da Estrela.

Durante a noite e a manhã o corpo foi velado pela família e numerosas pessoas das suas relações.

Pelas 9 e 15, foi rezada missa de corpo presente, a que assistiram muitas individualidades. As 11 horas, depois da encomendação do corpo, a urna foi retirada da câmara ardente e conduzida para um autófunebre que a transportou ao cemitério dos Prazeres onde o corpo ficou depositado em jazigo de família.

A urna foi coberta com a bandeira nacional e no préstito incorporaram-se numerosas pessoas de várias categorias sociais.

ROMAGENS

Alexandre Ferreira

Passando hoje mais um aniversário do nascimento do grande apóstolo do mutualismo que foi Alexandre Ferreira, fundador e constante animador dos Inválidos do Comércio, esta benemérita instituição de assistência a empregados e patrões promoveu uma romagem à sua campa, no cemitério do Lumiar, que ficou juncada de flores.

Compareceram, além dos corpos dirigentes, todos os internados e internadas, e ainda várias pessoas amigas do saudoso benemérito.

AGÊNCIA MAGNO

Fundada em 1874
Telefs.: 734167 (PPCA 4 linhas)
43189-662772-280022
NÃO TEM QUALQUER SUCURSAL NA AV. ALMIRANTE REIS

**SEJA DO SEU TEMPO!
LEIA**

motor

**O jornal que não havia
em Portugal**

Publica-se às sextas-feiras



SIMBOLO DE SEGURANÇA E ACÇÃO

O

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

COMUNICA:

- elevou o seu capital para 250.000.000\$00
- incorporou o Banco Raposo Magalhães, colocando assim à disposição dos seus clientes sete novas agências no centro do país:

* Alcobaça

* Bombarral

* Caldas da Rainha

* Leiria

* Marinha Grande

* Rio Maior

* Vila Nova de Ourém

**fiel, deste modo, ao seu programa de expansão
e ao seu lema:**

APOIO FIRME AO TRABALHO NACIONAL

SOBREDÁ DE CAPARICA



**José Martins
Lourenço**

FALECEU

GARAGEM GIRASSOL, LDA.:
cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do extremo avô, dos seus sócios-gerentes, Maria Margarida Martins Gonçalves Pedro e Armando de Jesus Pedro, e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas da sua residência, na Quinta de Baixo (Sobredá de Caparica) para o cemitério de Monte Caparica.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
Telef. 270132

SOBREDÁ DE CAPARICA



JOSÉ MARTINS LOURENÇO

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

FALECEU

Margarida Costa Dias Martins, Aurora Martins Gonçalves, Manuel Martins, Amélia Ferreira Martins, Maria Margarida Martins Gonçalves Pedro, Armando de Jesus Pedro, José Alberto Ferreira Martins, Ivone Faria da Cunha Leite Ferreira Martins, Manuel José Ferreira Martins, Maria Armando Martins Gonçalves Pedro, Maria Manuel Martins Gonçalves Pedro, Suzana Marina da Cunha Leite Ferreira Martins e mais família, cumprem o doloroso dever de participar Que Foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, bisavô e parente e que o funeral se realiza amanhã pelas 11 horas da sua residência, na Quinta de Baixo, Sobredá de Caparica, para o cemitério do Monte de Caparica.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA — Tel.: 270132

SOBREDÁ DE CAPARICA



**José Martins
Lourenço**

FALECEU

ROMAL, Reparações Mecânicas de Automóveis, Lda., participam a todos os seus fornecedores, clientes e amigos, o falecimento do pai do seu sócio-gerente sr. Manuel Martins e que o funeral se realiza amanhã, pelas 11 horas, da sua residência na Quinta de Baixo (Sobredá de Caparica) para o cemitério do Monte Caparica.

AGÊNCIA SALGADO DE ALMADA
Telef. 270132

Os problemas da reeducação dos menores transviados foram tratados num discurso do ministro da Justiça no Porto

PORTO, 4 — Começou nesta cidade o curso de reeducação dos menores transviados, no edifício do Centro de Observação anexo ao Tribunal Central de Menores.

O sr. dr. Antunes Varela, que ali chegou esta manhã, era aguardado por numerosas individualidades da Justiça e do Foro. Após os cumprimentos, efectuou-se a sessão inaugural, presidida pelo ministro, ladoado pelo chefe do distrito, sr. dr. Jorge da Fonseca Jorge; presidente da Câmara, sr. dr. Nuno Pinheiro Torres; director dos serviços tutelares da menores, sr. dr. Eurico Serra; dr. Campos Costa, director-geral da Escola Prática de Ciências Criminais; conselheiro Arlindo Teixeira Martins, presidente do Tribunal da Relação; comandante da Região Militar, general Ferraz de Oliveira; delegado do procurador da República na Relação, sr. dr. Santos Carvalho e o director do Refúgio Tutelar, sr. dr. António Andrade Pires de Lima. Num cadeirão à esquerda da mesa, sentava-se o bispo auxiliar da diocese.

Aberta a sessão, falou em primeiro lugar o director do Refúgio, sr. dr. Pires de Lima, que fez uma saudação ao ministro. Seguiu-se o sr. dr. Campos Costa, que aludiu aos trabalhos preparatórios e ao seu funcionamento e teve palavras do maior louvor para o titular da pasta da Justiça. Falou, depois, o director-geral dos Serviços Tutela-

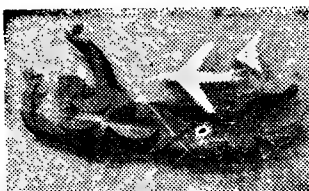
res, sr. dr. Eurico Serra. Acentuou que a circunstancia dos serviços disporem agora de um estatuto legal ordenador de normas actualizadas e precisas, influenciou decisivamente a escolha dos temas, ao mesmo tempo que originou uma nova orientação no programa dos trabalhos.

Depois de afirmar que entre os temas propostos, foram escolhidos pelo ministro os que respeitam a estatística judiciária de menores e a orientação e instrução profissional, logo esclarecendo que considerava vantajoso reduzir a dois os temas propostos, para que os assuntos fossem estudados com maior profundidade.

Afirmações do ministro da Justiça

Usando, então, da palavra, o sr. dr. Antunes Varela explicou, nas considerações prévias, a intenção das suas palavras: «Como acima de tudo interessa recolher o livre parecer de quem maior contacto directo tem com os problemas da juventude transviada, o nosso propósito é mais o de levantar questões, pôr dúvidas, enunciar sumariamente dificuldades, e não o de dar respostas, justificar soluções ou pregar doutrina. A intervenção será eficaz se puder auxiliar o debate, facilitando a escolha dos pon-

(Continua na 19.ª página)



OS CAMINHOS DO AR 3

DAS ATERRAGENS NO CAMPO GRANDE ÀS PISTAS DA PORTELA

D. João V, naquele dia de Agosto de 1709, mostrava-se cheio de curiosidade. Bartolomeu Lourenço de Gusmão propunha-se fazer subir algo mais pesado do que o ar... Reinava uma certa dúvida em toda a corte. Seria possível...? Bartolomeu apresentou um recipiente cheio de ar quente. E o balão subiu...

Em 1793, os irmãos Montgolfier, no prosseguimento de aturadas experiências, lograram fazer subir um balão que se conservou no ar durante dez minutos. Em Agosto do mesmo ano, o físico francês Charles repetiu a experiência. Pilâtre de Rozier e o marquês de Arlandes, ainda em Outubro do mesmo ano, deixam o solo dos jardins de La Muette, em Paris, conservam-se no ar 25 minutos e vão cair a 12 quilómetros do ponto de partida...

Rolam os anos. Aparece Santos-Dumont, que, em 20 de Setembro de 1898, consegue dirigir o seu balão no ar, navegando por onde quer. Só mais tarde se pensaria nos campos de aterragem...

Qual foi o primeiro campo de aterragem existente em Portugal?

Os fundadores do Aero Clube, fundado em 1905 pelo coronel Ribeiro de Almeida, acompanhados por técnicos, deslocam-se ao Mouchão da Póvoa, terreno imediatamente considerado como não apropriado. Visitam, depois, o Polígo-

o primeiro avião português — o «Andorinha»...

A queda do «Voisin»

10 de Junho de 1913. Buscavam-se ainda terrenos favoráveis à aterragem, mas já era enorme, entre nós, o desejo de voar.

O Aeroporto de Lisboa, inaugurado em um movimento anual de cerca de dez mil

contra a bordo... O rio parece pra-

ta. D. Luís sobreviveu... «Depois — é uma dolorosa surpresa. O aparelho despenha-se nas águas do Tejo... D. Luís permanece muito tempo na água. Dias depois morre num hospital.»

O único piloto português morto na Grande Guerra

...E surge a I Grande Guerra. Santos-Dumont deplora ter inventado o aeroplano. Do céu caem bombas! O conflito alastra. Oficiais portugueses vão tirar o diploma de aviador no estrangeiro. Uns embarcam para os Estados Unidos,

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

Porto...

CASINO ESTORIL

Apresenta hoje, á noite, em estreia, um magnifico «show»



CHRISTINE FONTANE

COMPOSITORA LAUREADA E TALENTOSA INTERPRETE DA CANÇÃO FRANCESA

PRESTON

INCOMPARAVEL FANTASISTA DO ILUSIONISMO

FILIFE DE BRITO

CONSAGRADO ACORDEONISTA PORTUGUÊS

The Leslie Robert's Silhouettes

Famoso «ballet» da TV inglesa

PREÇOS: Sábados, consumo mínimo, 60\$00. Nos outros dias, consumo mínimo, 40\$00. Todos os dias, jantar, 65\$00. (Estes preços não compreendem taxas nem impostos)

No Cinema, ás 17 e ás 21.30

«ESCAPE LIVRE»

(A tarde e à noite para maiores de 17 anos)

TODOS OS DOMINGOS, «MATINÉE», ÁS 17 HORAS COM O «SHOW» HABITUAL

Chá completo — 25\$00. (Taxas e impostos não incluídos)

Os mesmos artistas actuam também todas as noites no

Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador

(MAIORES DE 17 ANOS)

O SEU PUDIM

FLAN CHINO EL MANDARIN



PREÇO: 1.50

PRAZER DE DAR...

ALEGRIA DE RECEBER...

O amor e imaginação postos na criação dos nossos modelos, proporcionam-lhe a certeza de adquirir um presente sempre recebido com alegria e reconhecimento.

PÓRTICO

a casa dos presentes seleccionados. Rua da Misericórdia, 31 Tel. 367993



GUIA

FUNDADA EM 1875

UM NOME QUE É UMA GARANTIA

AS SUAS JOIAS AS SUAS PRATAS

SÃO DO MELHOR QUE SE PRODUZ NO NOSSO PAÍS

OURIVESARIA DA GUIA

R. D. DUARTE, 4-B

(Edifício do Hotel Mundial)

Quem foi o primeiro homem que sulcou os céus de Portugal?

Foi o italiano Vincenzo Lunardi, utilizando um balão que se ergueu sobre o Terreiro do Paço.

Em que data? Em 24 de Agosto de 1749.

É abalizado num combate aéreo. A História registou-o como o único aviador português morto em combate na I Grande Guerra.

Quando aterravam aviões no Campo Grande...

Da Amadora, levanta voo, em 13 de Dezembro de 1924, o tenente

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS Compra, cobrindo todas as ofertas OURIVESARIA PIMENTA Rua Augusta, 253—Telef. 324564

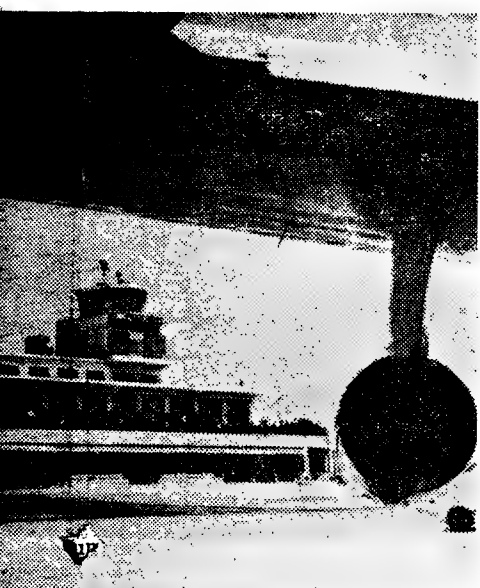
NA SAPATARIA



NÃO PAGA LUXO...

PAGA SÓ QUALIDADE

RUA DA ASSUNÇÃO, 31



inaugurado em 1942, acua, actualmente, cerca de dezoito mil aviões comerciais

ce pra-
sa sur-
se nas
rmane-
ias de-

uguês
rra

guerra.
inven-
caem
ma de
s em-
Unidos,

Pais Ramos. O aparelho eleva-se a 5200 metros. Trata-se de um «re- cord» português de altitude.

...Eis que aterram no Campo Grande, em 18 de Março de 1928, cinco aparelhos pilotados por portugueses! Trata-se, na verdade de uma verdadeira aterragem... Ribeiro da Fonseca pilota o «Caudron»; Pais Ramos, o «Avro 13»; Dias Leite, o «Avro 27»; Sanches, o «Breguet 15»; e Gonzaga e José Pimenta, o «Avro 8».

Seria o Campo Grande o campo de aviação de que Lisboa necessitava? Ali se construiria o futuro aeroporto da capital? Não. O aeroporto de Lisboa seria edificado na Portela de Sacavém.

● O Aeroporto da Portela ainda não tem um quarto de século

O projecto do Aeroporto de Lisboa data de 1 de Dezembro de 1938. O plano do aeroporto desenvolveu-se a partir de um anteprojecto elaborado por técnicos especializados de nacionalidade holandesa.

Entre as características gerais do

Qual o número de passageiros da TAP em 1942?
— 2863.

E no decurso do ano findo?
— 673 573.

traçado salientavam-se quatro pistas, cada uma das quais com uma extensão entre 1000 e 1200 metros, embora já então se reconhecesse que a extensão máxima das pistas pudesse vir a ser insuficiente em alguns casos de aterragem sem visi-

(Continua na 19.ª página)

As suas jóias estão antiquadas
Pode vendê-las ou trocá-las
pelos últimos modelos
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257



Capa Negra
É UM
BRANDY
NATURAL

MERGULHÃO
AS MAIS LINDAS PRATAS
Rua de S. Paulo, 162 • Telef. 30013

ZEBU

REUNIU-SE A Direcção da Associação Industrial Portuguesa

Sob a orientação do seu presidente, sr. eng.º Carlos Alves, reuniu-se a direcção da Associação Industrial Portuguesa (Comissão Executiva), que consagrou parte importante dos seus trabalhos à apreciação de uma nota sobre o ingresso de capitais estrangeiros em Portugal, concluindo por deliberar que o assunto seja objecto de inquérito e estudo por parte dos competentes departamentos técnicos da A. I. P., em ordem a definir, como unanimemente se reconheceu necessário, o ponto de vista industrial na matéria.

Após devida apreciação do programa de actividades da Comissão de Produtividade a A. I. P. (CO-PRAI) para o ano de 1966, foram seguidamente trocadas largas impressões sobre emigração, tendo sido resolvido, em face da reconhecida acuidade de que este problema se reveste, proceder igualmente sobre ele a competente inquérito e estudo, designadamente no que se refere às suas incidências perante a expansão industrial.

Entre outros assuntos de interesse, foi também apreciado o que se refere à necessidade de ser incrementada a participação da indústria nacional nas linhas de montagem de automóveis.

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

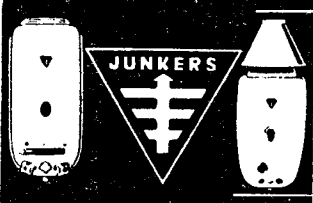
LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO
TOALHETES DE LINHO
LENÇOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA

CASA DE PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS



SOCIEDADE TORREJANA
DE AUTOMÓVEIS, Lda
Av. Dr. João Martins Azevedo
Tels. 22249-22349 - Torres Novas

BALEIAS INVADIRAM O RIO TAMISA

LONDRES, 4. — (R.) — Baleias que invadiram o Rio Tamisa foram declaradas oficialmente propriedade da rainha Isabel.

Londrinos ficaram espantados, quase não acreditando no que sucedia, quando, ontem, cerca de 30 baleias — a maior com cerca de oito metros de comprimento e pesando uma tonelada — brincavam nas águas do rio, sujas de óleo e sulcadas por numero- os navios.

«Homens-rãs» lançaram-se à água para caçar uma, após os proprietários de um circo oferecerem 100 libras (oito contos), pela primeira baleia apanhada num rio britânico. Contudo, a Polícia interveio, citando, primeiro, um regulamento, que data de há 80 anos, e proíbe a apanha de animais no Tamisa. Depois, a Polícia Marítima «descobriu» uma velha lei estabelecendo que baleias num rio britânico são propriedade da coroa. «Mortas ou vivas, pertencem à rainha» — acrescentou a Polícia.

Sousa Martins

No avião da TAP, que ontem à noite partiu para a Beira, estabelecendo a primeira ligação aérea comercial directa entre Lisboa e aquela cidade, seguiu o nosso camarada de redacção Sousa Martins, que permanecerá alguns dias na provincia de Moçambique.

ESQUENTADORES JUNKERS

SOCIEDADE DE COMBUSTÍVEIS DE SANTARÉM, LDA.

Rua Guilherme de Azevedo, 10
Tels. 502-53 e 975-SANTARÉM

O «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda no SALÃO ROYAL, em CASTELO DE VIDE, ao próprio dia.

O secretário da Agricultura apreciou as experiências destinadas ao fomento da cultura forrageira

O sr. prof. Vitória Pires, secretário de Estado da Agricultura, esteve esta manhã, na Tapada da Ajuda, a observar os trabalhos científicos, em curso no Laboratório Químico-Agrícola «Rebejo da Silva», de inoculação de sementes de leguminosas, com bactérias específicas para garantir a semente e ao desenvolvimento da planta condições de absorção do azoto do ar.

Trata-se de um trabalho científico

O dr. Nuno Simões foi homenageado

pela União Artística Vila-realense

VILA REAL, 4. — Para celebrar o 55.º aniversário da sua fundação, a União Artística Vila-realense fez, em 3 de Novembro, uma homenagem a efeito de várias cerimónias, entre as quais, missa por alma dos Sócios falecidos, romagem ao cemitério desta cidade, espectáculo de gala no Teatro Avenida, bailes nos salões da sede e uma sessão solene a que estiveram presentes diversas individualidades e representantes dos diversos organismos e colectividades de Vila Real. Nessa sessão foi prestada significativa homenagem ao grande benemérito da colectividade sr. dr. Nuno Simões, antigo governador civil deste distrito, tendo sido descerrada uma lápida alusiva no salão nobre.

Por motivo de doença, não esteve presente o homenageado, que esteve representado na cerimónia pelo sr. padre Henrique Maria dos Santos, pároco da Sé de Vila Real.

Usou da palavra o sr. Jorge Sebastião Vaz, presidente da União Artística Vila-realense, que num pequeno discurso pôs em relevo os benefícios concedidos por aquele benemérito à referida colectividade.

O padre Henrique Maria dos Santos, em nome do homenageado, agradeceu, procedendo-se em seguida ao descerramento da lápida.

fico do maior interesse para a cultura forrageira, especialmente em terrenos pobres e secos, semelhante ao que esteve na base do desenvolvimento pecuário da Austrália, país de onde se importaram as sementes, que vão oportunamente ser lançadas à terra, em campos experimentais do Alentejo e, mais tarde, em campos de multiplicação de sementes.

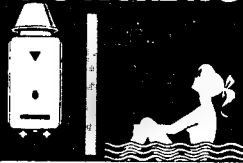
A inoculação das sementes, presentemente apenas em trevo subterrâneo, está a cargo de um grupo de cientistas daquele laboratório da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, instalado junto do Instituto Superior de Agronomia, em colaboração com o Centro de Estudos de Pedologia Tropical, a Direcção-Geral dos Serviços Florestais e o Fundo de Fomento Florestal.

O secretário de Estado observou os estudos na companhia dos srs. engs. Pessoa Lopes e Lopes Ribeiro da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, sendo ali recebido pelos srs. eng. Jonas Wahnnon, director do laboratório já citado, e prof. Artur Vasco Garcia, e engs. Miguel Bairrão e Almeida Alves.

«DIÁRIO DE LISBOA»

O trisemanário «Jornal de Evolução» transcreveu a última «Nota Semanal» de Gracis sobre «Subsídios para a reorganização de actividades produtivas do sector agrícola», fazendo preceder a transcrição de palavras de concordância, que nos cumpre agradecer.

JUNKERS



LUIS CORREIA PEIXOTO

Rua Alexandre Herculano, 38
Tel. 99112 PENICHE

TIME SYSTEMS SINCE 1888

Simplex STR

NUMA NOITE SEM
RELOGIO DE VIGIA...

SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES
ARMANDO HALPERN, Lda.

Rua Antonio Pedro, Nº 8 LISBOA
Telefones 59095/6/7-553688

A nota do Ministério da Saúde e Assistência

(Continuação da 1.ª página)

tas em dúvida. Aliás o tema é tão vasto que não se compadece com o espaço limitado que lhe consagramos e o artigo por nós publicado não podia deixar de reflectir essa limitação.

1. O artigo «com vista às eleições» sobre o tema «Protecção Sanitária», que o «Diário de Lisboa» publicou em 27 do mês findo, torna indispensáveis alguns comentários para justa e completa apreciação dos problemas nele apresentados.

Antes de mais, pode dizer-se que o referido artigo aborda um amplo conjunto de questões, tanto no campo da saúde pública, como no da medicina curativa ou ainda no da acção social, sem dúvida merecedoras de atenção e estudo.

Sómente, é de notar que todas essas questões — e outras que o artigo não refere — foram já largamente analisadas em declarações governamentais, no Plano Intercalar de Fomento e em pareceres da Câmara Corporativa, bem como na Assembleia Nacional.

O artigo nada de útil acrescenta às preocupações que as entidades oficiais têm repetidas vezes exprimido, mas enferma de vícios fundamentais que lhe retiram, desde logo, a objectividade indispensável a uma crítica séria, e são os seguintes:

1. Não aponta as dificuldades paralelas que se verificam nos demais países, antes apresenta as nossas em termos absolutos que desvirtuam o seu real significado;

2. Não pondera a diferente capacidade financeira do País, em confronto com as nações de maior potencial económico, como se os problemas da saúde pudessem desligar-se do contexto sócio-económico em que se desenvolvem;

3. Não toma em consideração, antes ignora, as medidas efectivamente adoptadas nos diferentes sectores da saúde e os programas publicamente enunciados, não deixando, porém, de citar pareceres adversos, o que não pode considerar-se atitude correcta para uma análise imparcial da situação;

4. Finalmente, entra em generalizações vagas e não demonstradas, que os factos não consentem, pretendendo atribuir ao conjunto dos serviços deficiências ou defeitos que nalguns porventura se verificam, o que é, como se compreende, inaceitável.

Se estes vícios patentes impedem que a análise feita reúna os requisitos necessários a um esclarecimento sério da situação, ela não deixa de ser susceptível de provocar, em quem esteja mais afastado dos problemas, e sempre no grande público, uma ideia deformada das realidades, que importa corrigir.

2. Passando a uma análise mais detida do artigo, parece poder afirmar-se que são fundamentalmente quatro as críticas que se desenvolvem: falta de coordenação dos serviços de saúde; carência de resultados práticos na política da saúde prosseguida; incapacidade dos serviços; desconhecimento proposital dos pareceres técnicos e erros resultantes de uma atitude de auto-suficiência e de improvisação.

Vejamos separadamente cada um deles.

3. Falta de coordenação dos serviços.

O artigo em apreço diz, muito justamente, que «depois do direito à instrução, o direito à saúde, que é a mais recente conquista dos povos, radicou-se na ética de todos os Estados e tem obrigado os governos a chamarem a si a protecção sanitária e a assistência médica das populações, dentro das garantias da segurança social. A estas modificações sociais correspondeu o aumento acelerado do consumo médico, que impôs completa reformulação das estruturas médico-assistenciais».

Efectivamente, embora enunciado em textos constitucionais ou de alcance internacional anteriores à última guerra mundial, o certo é que o direito à saúde, só se tornou facto concreto da vida política dos povos depois daquela conflagração.

Como bem afirma o articulista, a realização prática deste princípio envolve a revisão das estruturas tradicionais, tanto no que respecta às instituições privadas e aos órgãos e responsabilidades do Estado, como ainda ao exercício da profissão médica.

Em todos os países, esta transformação foi ou está sendo acompanhada de desajustamentos mais ou menos pronunciados, de que a imprensa nos tem trazido ecos. Na França, na Bélgica, na Itália, na Inglaterra, para falar apenas de países ocidentais, apesar da diver-

sidade de soluções adoptadas, o processo está em curso e tem provocado fortes movimentos de opinião no público, nos médicos e em outros profissionais ligados à saúde.

Em Portugal tem-se produzido fenómeno idêntico com repercussões paralelas, consciencializadas em diversas e frequentes declarações governamentais e documentos públicos e privados, nomeadamente no conhecido Relatório das Carreiras Médicas, que mereceu dos titulares da pasta da Saúde os melhores elogios.

O período que atravessamos é, pois, declaradamente, de transição, mas temos de convir em que as instituições de um País, quando não sejam de criação recente, alteram-se em condicionalismos das diversas épocas que não podemos, nem convém, por vezes, modificar de uma só vez, mesmo quando se reconheça a sua inadequação para responder às necessidades modernas.

Isto se verifica em todos os velhos países da Europa que têm, de algum modo, problemas idênticos aos nossos e mesmo em muitos países novos mas sobre os quais pesa os sistemas de organização anteriores.

Entre o reconhecimento desta realidade e o imobilismo, vai porém uma grande diferença e não parece que, entre nós, se possa afirmar que tenhamos caído neste defeito.

Reportando-nos apenas aos factos mais recentes e aos aspectos principais — para não alongarmos demasiado a exposição — bastará referir que em 1958 foi criado, em substituição do antigo Subsecretariado de Estado da Assistência Social, o Ministério da Saúde e Assistência, ao qual foi dado estatuto provisório pelo decreto-lei n.º 42.210, de 13 de Abril de 1959 — quando ainda hoje, em vários países da Europa, não existe Ministério autónomo para tratar dos problemas da saúde pública.

Em 19 de Julho de 1963, foi publicada a Lei n.º 2.120, que promulgou as bases da política da saúde e assistência. Porque um dos problemas que de há muito se vinham pondo consistia na falta de articulação dos serviços de saúde com os da previdência social, a Lei n.º 2.115, de 15 de Junho de 1962, anterior, portanto, ao Estatuto da Saúde, veio dispor que compete ao Governo regular, no quadro nacional e com vista ao seu desenvolvimento, os objectivos e realizações da Previdência e coordená-los, num plano de conjunto, com os restantes sectores da política social, designadamente os da saúde e assistência. Para esse efeito, foi criado um Conselho de Ministros res.rito, o Conselho Social, presidido pelo Chefe do Governo.

Dentro da mesma linha de orientação, o n.º 2 da base XLIII da referida Lei n.º 2.120 estabeleceu que a prestação de assistência médica às populações rurais será realizada com observância do plano de desenvolvimento e generalização da protecção social dos trabalhadores rurais e suas famílias que ao Governo incumbem promover nos termos do disposto no n.º 3 da base IV da Lei n.º 2.115 — deste modo se articulando, neste aspecto particular, a actuação dos Ministérios das Corporações e Previdência Social e da Saúde e Assistência.

Ainda para efeitos de coordenação, agora no sector hospitalar, o Decreto-Lei n.º 46.301, de 27 de Abril último, criou junto do Ministério da Saúde e Assistência a Comissão de Financiamento Hospitalar (constituída por representantes de diversos Ministérios, da Ordem dos Médicos e do Grémio dos Seguradores), a qual incumbem elaborar anualmente o plano de cobertura financeira dos hospitais a executar no ano seguinte e fazer estudos e inquéritos e dar parecer sobre problemas de financiamento. Estes planos, quando nisto houver conveniência, serão apreciados pelo Conselho Social, há pouco referido.

Como resultados práticos desta coordenação, foram celebrados dois importantes acordos com a Previdência Social, que já se encontram em execução: um, com o Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos e outro com a Direcção-Geral dos Hospitais. Em declarações públicas, os titulares das duas pastas tiveram também oportunidade de referir que outros acordos poderão ter lugar relativamente à assistência psiquiátrica e materno-infantil.

Por outro lado, também já é do conhecimento público que estão a ser realizados os estudos para, em comum, se dar início a um programa de maior cobertura sanitária das populações rurais.

Ainda no domínio dos estudos,

encontra-se concluída a lei orgânica do Ministério da Saúde e Assistência e seu regulamento, diplomas nos quais se reestruturaram todos os serviços centrais do Ministério e dos institutos médico-sociais e da assistência. A publicação destes diplomas não pode, todavia, deixar de ficar condicionada, como é óbvio, às disponibilidades financeiras do momento.

Por aqui se vê que se têm dado passos fundamentais no caminho da organização dos nossos serviços de saúde, não podendo deixar de estranhar-se que quem quer que pretenda fazer uma análise válida da situação possa passar em claro tudo quanto acaba de ser referido.

4. Carência de resultados positivos na política de saúde prosseguida.

No que respeita aos resultados positivos da política de saúde prosseguida em Portugal, o artigo esclarece os leitores de que «os únicos resultados com alguma validade são os obtidos através das estruturas da saúde pública», mas «já o mesmo não se dirá no domínio da assistência e da medicina curativa, onde os erros de conceito e de execução se acumulam e multiplicam na razão directa da ineficácia dos resultados». Acrescenta-se: «E a crise termina nos hospitais centrais cujo funcionamento se caracteriza por uma assustadora baixa de produção e de nível técnico. Mesmo aqueles que mais se preocupam com a aparência das coisas não se têm negado a reconhecer essa triste realidade. Entre nós, efectivamente, os hospitais, por vezes instalados em edifícios grandiosos ou de aspecto moderno, continuam a ter mesquinhez semelhante à dos hospícios, funcionando escassas horas da manhã».

Não pode deixar de agradecer-se que, no meio do panorama sombrio da situação sanitária do País, se admita que um serviço, ao menos, apresente resultados com alguma validade, se bem que, nem mesmo, neste caso, se tenha querido dar um assentimento total, como se a erradicação do paludismo, por exemplo, não fosse trabalho sério e da maior importância para o País, ou não tivesse atingido o seu pleno resultado.

Quem ler o artigo em análise, nos seus termos demolidores, poderá ficar com a ideia de que o Governo ignora ou oculta ao País as dificuldades que enfrenta na resolução dos problemas sanitários. E, por isso mesmo, convém salientar que em repetidas exposições públicas, quer sejam discursos, quer trabalhos publicados, como é o caso do Plano Intercalar de Fomento, a situação tem sido apresentada com suficiente clareza, para não deixar equívocos. Com clareza, sim, mas também com o enquadramento necessário para a sua justa apreciação. Como exemplo, citar-se-á a seguinte passagem do Plano Intercalar de Fomento:

«Embora nos últimos anos se tenha progredido na melhoria das condições de saúde em Portugal, quer através da difusão dos meios preventivos, quer pelo alargamento da rede de estabelecimentos curativos e recuperadores, o certo é que se tem ainda de percorrer um longo caminho para atingir o nível desejado, e isto pela simples razão de que, no sector da saúde, os meios de actuação são cada vez mais dispendiosos. Se se reconhece, por isso, que o estado geral da saúde das populações é factor primordial de bem-estar e vai condicionar fortemente as possibilidades de desenvolvimento económico, tem de se aguardar, por outro lado, que o incremento das actividades produtivas, aumentando o rendimento nacional, venha permitir a intensificação dos programas de acção».

E se nos reportarmos a dois dos sectores onde temos mais dificuldades — e por isso foram especialmente focados no artigo — os da assistência materno-infantil e psiquiátrica — temos o seguinte:

Quanto à assistência materno-infantil:

«A descida verificada na mortalidade infantil permitiu atingir em 1963 o número mais favorável de sempre... É um facto, no entanto, que, apesar desta evolução muito favorável, se está ainda longe dos índices desejados, porque se partiu de uma posição de grande atraso».

E no que respeita à assistência psiquiátrica:

«Apesar do esforço importante realizado no País nos últimos anos, a luta contra a doença e anomalias mentais continua a ser, como aliás na generalidade dos países civilizados, se não o mais grave, pelo me-

nos um dos mais graves problemas da saúde.

«Verifica-se, ainda, pela análise da situação actual do sector da assistência psiquiátrica, que só em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Faro, Funchal, Angra do Heroísmo e Ponta Delgada existem estabelecimentos de assistência psiquiátrica, muitos dos quais de natureza particular. Por outro lado, nota-se a insuficiência do número de unidades de pessoal técnico especializado, e do número de leitos para internamento de doentes mentais não só nos estabelecimentos oficiais como nos particulares».

Isto serve para demonstrar que o Governo tem consciência das realidades e não deixa de as apresentar na sua crueza. Efectivamente, não se podem resolver os problemas sem os equacionar primeiro. O que surge quando, em sectores que se afirmam competentes e responsáveis, se lançam programas porventura teoricamente correctos — e por isso aliantes — mas que não têm viabilidade financeira.

Afirmar que é necessário aumentar o número de médicos ou de enfermeiros, construir mais dispensários ou hospitais ou melhorar a situação dos existentes, é fácil e constitui, por certo, aspiração generalizada. Tais programas, no entanto, só terão conteúdo sério e efectivo quando acompanhados dos adequados esquemas de cobertura financeira, devendo estes, por seu lado, apresentar a demonstração da sua viabilidade prática. Todo o trabalho que não seja alicerçado nesta base pode traduzir legítimas aspirações, mas não terá consistência no domínio da acção imediata, a menos que se tenha o propósito, mais simples e fácil de alcançar, de agitar as massas para obter resultados de outra ordem.

Por isso, o Plano Intercalar de Fomento previu apenas as realizações comportáveis com as verbas disponíveis. Este caminho será menos espectacular, mas assenta nas realidades concretas de que um Governo responsável não pode abstrair, particularmente, quando não tenha por sistema prometer o que sabe não poder dar.

No sector materno-infantil, por exemplo, disse-se no Plano que se visa fundamentalmente a criação escalonada de novos dispensários materno-infantil, nas áreas onde eles não existam, e o reequipamento e remodelação de alguns dos existentes, por forma a torná-los em órgãos mais activos, de finalidade essencialmente proláctica.

Quanto à saúde mental, propõe-se: a) preparar pessoal médico, de enfermagem ou outro de carácter técnico, em numero e com a qualidade necessária para a concretização dos demais objectivos; b) criar e desenvolver actividades de profilaxia das doenças e anomalias mentais; c) alargar os serviços de saúde mental por forma a atingirem de modo mais fácil e rápido as populações que vivem afastadas dos grandes centros; d) aumentar o numero de camas para doentes mentais; e) desenvolver os serviços de saúde infantil pela criação de alguns estabelecimentos e serviços especializados; f) reorganizar os serviços, de acordo com a Lei n.º 2.118.

Pois bem, Na conferência de Imprensa de 4 de Outubro último, foi dito que vão entrar em funcionamento, no decurso deste ano, novos dispensários em Aveiro, Braga, Leiria, Viseu, Vila Real, Funchal e Angra do Heroísmo; que foram profundamente remodelados os dispensários de Évora e Faro; que se prevê, ainda, a remodelação, no mesmo período, dos de Bragança e Setúbal; que se espera, na execução do Plano de Fomento, que em 1967 haja dispensários modernos em todas as capitais de distrito, com acção irradiante do seu pessoal para os diversos concelhos.

E mais: foi, na mesma altura, anunciado um programa de educação sanitária, que se desenvolveu de modo apropriado, e do qual se esperam resultados altamente benéficos uma vez que a nossa mortalidade infantil resulta mais da falta de cuidados das mães do que de carências vitais das crianças. E deixamos sem referência especial o plano de vacinações em curso.

Quanto à psiquiatria, foi aumentando o numero de médicos assistentes, vai proceder-se à reorganização dos cursos de enfermagem e foram já criados o centro de saúde mental infantil de Lisboa, e os centros de saúde mental de Viano do Castelo, Braga, Porto e Portalegre, esperando-se que ou-

tros a breve trecho se lhe sucedam.

Porque o sector mais duramente atacado foi, porém, o da organização hospitalar, valerá a pena determo-nos aqui uns instantes.

A verdade é que os problemas hospitalares em Portugal enquadram-se perfeitamente na transformação de estruturas e métodos que ocorre nos restantes países europeus. Apenas não poderemos competir em ritmo de realização com países mais ricos.

A reforma hospitalar francesa começou a ser promulgada nos fins de 1958 — ano da criação do nosso Ministério da Saúde — e encontra-se ainda em fase de publicação de textos legislativos; a lei de coordenação hospitalar espanhola é de Julho de 1962; o plano de reconstrução dos hospitais em Inglaterra, apresentado ao Parlamento em 1962, alongar-se-á na execução até 1975; a lei belga que motivou a célebre greve dos médicos tem apenas dois anos, pois foi publicada em 9 de Agosto de 1963.

Vê-se que, por toda a Europa, se processa, precisamente neste momento, a profunda revisão tornada indispensável pela evolução das ciências médicas e sociais. E quem tiver estado atento à actividade legislativa do Ministério da Saúde e Assistência não deixará de reconhecer que esta companhia, sem desmerecer, o movimento geral que fica descrito.

É que a situação portuguesa enquadra-se perfeitamente no panorama geral europeu, tomadas em conta as proporções devidas e as possibilidades dos vários países.

Reune-se em Londres, de dois em dois anos, a «Conferência da Europa Ocidental sobre serviços hospitalares», a que Portugal costuma estar presente. É uma reunião muito restrita de responsáveis por serviços hospitalares dos países da Europa do Ocidente, sem sessões públicas nem propaganda de qualquer espécie. Ali os problemas de cada país são expostos com a franqueza que só entre técnicos é possível, assim como as soluções achadas ou em estudo.

Vale a pena extrair do relatório geral relativo à última conferência (1964), alguns dados que bem caracterizam o momento de transição que, neste campo, a Europa está vivendo.

Coordenação de serviços: «Em muitos dos países da Europa Ocidental há coordenação insuficiente entre os serviços preventivos, domiciliários e hospitalares, principalmente devido à maneira por que estes diversos serviços nasceram e evoluíram» (pág. 17).

Profissão médica: «Em grande parte do Mundo parece haver um sentimento de descontentamento geral e de crescente frustração por parte dos médicos de profissão livre, devido, em parte, à sensação de isolamento. Para esta situação devem eles próprios ter contribuído, através da sua preparação individualista» (pág. 20).

Carência de pessoal: «Muitos dos países representados na Conferência, incluindo a Bélgica, Dinamarca, Holanda, Noruega, Suíça e Inglaterra, chamaram a atenção para as dificuldades surgidas nos hospitais por causa da carência de pessoal médico, de enfermagem, técnico e operário» (pág. 22).

Financiamento: «Os pedidos de fundos para gastar em serviços de saúde têm de sofrer competição com os indispensáveis a outros serviços essenciais — defesa, educação, vias de comunicação, habitação, etc. — e as verbas disponíveis dependem da proporção do rendimento nacional que cada país deseja ou pode dispendir com a saúde».

«Muitos países representados na conferência se queixaram da falta de fundos para assegurar a qualidade desejável dos serviços hospitalares».

«Em alguns países (...) que dependem largamente da segurança social no financiamento dos seus hospitais, a falta de cobertura financeira, com a consequente e sempre crescente sobrecarga das taxas locais, desencorajou a expansão hospitalar, especialmente nas regiões mais pobres onde mais necessária seria».

Naturalmente, esta apreciação, genérica como é, parte de realidades nacionais que variam entre si, de acordo com o grau de desenvolvimento económico, cultural e social de cada Estado. Mas, ao ler estas breves citações, não nos é difícil concluir que o nosso País se debate com problemas hospitalares que não são apenas seus, antes

(Continua na página seguinte)

A nota do Ministério da Saúde e Assistência

(Continuação da página anterior)

traduzem os traços específicos da situação da Europa Ocidental, de que faz parte.

Como foi esclarecido em discursos do ministro da Saúde e Assistência, não nos teria sido possível empreender reformas profundas sem primeiramente termos criado os indispensáveis pressupostos de organização e de financiamento.

Ora, não pode deixar de estranhar-se que o artigo tenha mantido o silêncio absoluto sobre a criação e reorganização da Direcção-Geral dos Hospitais (1961 e 1965); sobre o diploma que reformou todo o sistema de financiamento hospitalar (Decreto-Lei n.º 46301, de 27 de Abril do ano corrente); sobre o volume de capitais mobilizados pelo acordo celebrado com a Previdência Social e o inscrito no Orçamento Geral do Estado para Assistência na Doença aos Servidores do Estado; sobre o esforço realizado pelo Plano de Fomento que, ao destinar mais de 200 000 contos para construções de natureza hospitalar, movimentou verbas que, na realidade dos orçamentos nacionais, não destoam entre os países europeus; sobre a acção das centrais de orientação de doentes que já hoje cobrem todo o País e no ano de 1964 orientaram e acompanharam mais de 30 000 doentes, vindos das sub-regiões para os hospitais regionais e centrais.

De igual modo, não pode deixar de estranhar-se que se ignorem em absoluto os programas de actuação ultimamente apresentados pelo Ministério da Saúde, como se tais programas de todo não existissem ou não viessem a ser regularmente cumpridos.

Como pode ser correcta uma análise que deixa na obscuridade tudo quanto se encontra programado e é do conhecimento público?

Para terminar este ponto, e a contrapor às afirmações pessimistas e infundadas sobre o que se passa no sector hospitalar — embora sem desconhecer as suas dificuldades e insuficiências — podemos também apresentar testemunhos insuspeitos e de pessoas altamente qualificadas para os profetizar. Como exemplo, ainda recentemente — 1962 — a pedido do Governo português, um técnico da Organização Mundial de Saúde veio a Portugal examinar a nossa legislação hospitalar e os planos ao tempo em preparação, tendo-se demorado entre nós mais de um mês. Do relatório que apresentou aquele organismo internacional, após visita circunstanciada a muitos dos nossos hospitais, de norte a sul do País, podemos transcrever o seguinte:

«Devo dizer da minha grande satisfação ao ver o equipamento hospitalar de Portugal a um nível tal que suporta facilmente a comparação com o da maior parte dos países da Europa e do Mundo.

«Isto não quer dizer que tudo está perfeito e que não há problemas.

«Os administradores hospitalares de Portugal seriam os primeiros a protestar contra tal afirmação, pois que eles conhecem bem as dificuldades que têm de encarar, das quais as mais importantes são de ordem financeira, como nos outros países».

5. Incapacidade dos serviços.

São numerosas as passagens do artigo onde se atribuem os males que afligem a nossa organização de saúde à incompetência dos serviços, chegando a afirmar-se, como já se referiu, que no sector hospitalar se acumulam os erros de conceito e de execução.

Lamenta-se que se tenha ficado numa afirmação puramente gratuita e sem a mínima justificação.

A este respeito, poderemos ainda fazer a seguinte transcrição do relatório do mesmo técnico da O. M. S. atrás referido:

«Não é possível passar em revista toda a legislação hospitalar de Portugal, tão importante ela é.

«Digamos simplesmente que ela foi para mim uma surpresa, uma agradável surpresa.

«Muitas vezes, no decurso da minha missão, tive o sentimento de já não ser um modesto consultor em matéria de organização hospitalar, mas ao contrário, um auditor atento que recebia excelentes lições.

«Que uma Direcção-Geral dos Hospitais, nascida há alguns meses, no seio de um Ministério criado há alguns anos tenha podido elaborar uma tal regulamentação,

não completa e tão perfeita, é prodigioso. É-me agradável sublinhá-lo, especificando bem que não há exagero na minha afirmação.

«Espero que esta Direcção-Geral cedo tenha a sua disposição os meios que lhe são necessários para prosseguir a tarefa que empreendeu.

«A legislação hospitalar de Portugal, elaborada por técnicos e administradores particularmente conhecedores dos problemas hospitalares, dificilmente permite uma crítica. Também seria presunçoso da minha parte querer emitir considerações sobre uma regulamentação que não foi feita à ligeira mas que é o fruto de inquéritos e de estudos aprofundados, de experiências vividas, nomeadamente daqueles que fazem actualmente parte da Direcção-Geral dos Hospitais».

Mais recentemente, em 14 de Junho último, a propósito da reorganização dos cursos de enfermagem — outro ponto que o articulista resolveu ignorar — o «Bureau Regional da Europa» comunicou ao Ministério da Saúde e Assistência que a consultora pedida pelo Governo português «verificou que a nova lei sobre o ensino de enfermagem se apoia em bons princípios e que o projecto do novo programa, no seu conjunto, está completamente de acordo com as concepções modernas do ensino da enfermagem».

Em 10 de Setembro, a própria técnica consultora escrevia:

«Fiquei vivamente impressionada pela orientação dada pela Direcção-Geral dos Hospitais e o seu serviço de enfermagem ao ensino de base em Portugal. Na medida em que, a distância, a posso julgar, esta orientação parece-me extremamente judiciosa e bem adaptada às necessidades de Portugal».

Estas afirmações são o suficiente para nos tranquilizar sobre a qualidade dos serviços e nos assegurar de que os erros cometidos — a existirem, e todos estamos sujeitos a eles — não serão de tal modo graves que ponham em perigo a programação dos esquemas da assistência hospitalar ou a sua correcta execução.

E outras referências se poderiam alinhar em relação a muitos outros casos.

6. Falta de consideração pelos pareceres técnicos e erros resultantes de uma atitude de auto-suficiência e de improvisação

Quanto se disse parece que responde, em larga medida, a esta última crítica, pois vê-se claramente que, quer no que respeita à organização geral dos hospitais, quer quanto à reforma da enfermagem, houve o cuidado de pedir o parecer técnico da Organização Mundial de Saúde, aquela mesma organização que o articulista — com razão — tanto aprecia pela sua reconhecida competência e isenção.

Pode, no entanto, acrescentar-se mais algumas coisas, para bem se apreciar do fundamento das alegações feitas.

A lei de saúde e assistência, a lei de saúde mental e a lei da propriedade de farmácia, pela sua própria natureza, foram apreciadas na Câmara Corporativa e na Assembleia Nacional; o decreto-lei sobre a utilização de órgãos e tecidos dos cadáveres, foi enviada para parecer à Câmara Corporativa; sobre o decreto-lei que estabelece o novo regime financeiro dos hospitais foi ouvida a Ordem dos Médicos na parte de interesse para o exercício da profissão livre (este diploma, na sua generalidade, limita-se, aliás, a dar execução à lei de saúde e assistência votada na Assembleia Nacional); sobre a reorganização do ensino da enfermagem, ouviram-se todas as escolas, e os programas foram preparados por 25 técnicos da mais diversa formação e ouvida também a Organização Mundial de Saúde, como se indicou; sobre a organização geral dos hospitais, além dos pareceres de diversos sectores internos, pediu-se um consultor à Organização Mundial de Saúde, como se referiu, e o Governo nomeou também uma comissão para estudar os problemas, cujo relatório foi entregue e apreciado; para execução da lei de Saúde Mental e criação dos primeiros centros, foi previamente convocado o Conselho Técnico de Psiquiatria; para regulamentação da lei de Saúde Mental, na parte jurídica, pediu-se um primeiro projecto ao Ministério da Justiça, projecto sobre o qual também

já foi ouvido o mesmo Conselho Técnico. E poderíamos continuar se não fosse fastidioso.

Terá apenas interesse, no que se refere às carreiras médicas, transcrever o seguinte passo do discurso do ministro da Saúde e Assistência, pronunciado em 13 de Janeiro último, nos Hospitais da Universidade de Coimbra:

«Repetindo um pensamento de há pouco, direi que estamos tentando erguer as estruturas nas quais devem assentar as carreiras médicas. Estas, presentes a todo o momento nos estudos em curso, terão de encontrar o clima propício para se desenvolverem sem perigo de ficarem atrofiadas logo de começo, ou de perecerem ingloriamente pouco depois».

A crítica de auto-suficiência parece não poder manter-se, mas ela talvez traduza um equívoco que importa também desfazer: o de que o Governo tenha de aceitar e seguir os pareceres técnicos que lhe sejam apresentados, sem alteração. A verdade é que o Governo, como responsável pela política prosseguida, tem de ser livre na apreciação das soluções propostas e cumprir o seu caminho que se lhe afigure mais ajustado ao interesse nacional, olhado no seu conjunto. Tanto mais que os técnicos, pela natureza das coisas, são dados a pôr a maior prioridade sobre os assuntos em que estão particularmente empenhados. Ora, na impossibilidade de dar execução simultânea a todos os programas, ainda que justificados, os diversos estudos sectoriais deverão ser olhados de um ponto de vista que a todos abranja e permita estabelecer as hierarquizações indispensáveis, o que só o Governo está em posição de fazer.

O Chefe do Estado presidiu à abertura do ano lectivo nos Pupilos do Exército

Com o cerimonial da praxe realizou-se esta tarde, a abertura solene do ano lectivo no Instituto dos Pupilos do Exército, cerimónia à qual presidiu o Chefe do Estado.

Pelas 15 e 30, chegou à 1.ª secção daquele instituto o sr. almirante Américo Thomaz, que foi recebido pelo director, sr. coronel Alfredo Ferreira Gonçalves; pelo subdirector interino, sr. tenente-coronel Alvaro Baptista Jaquet, e pelo corpo docente e oficiais ali em serviço. O batalhão de alunos, em grande uniforme, com bandeira, guião e a banda de música de Caçadores 5, sob o comando do aluno Gonçalo Coelho, prestou honras ao Chefe do Estado.

O sr. Presidente da República, acompanhado pelos ministros do Exército, da Marinha e das Obras

AUTOMOTORAS DE FIM-DE-SEMANA PARA O ALGARVE

Comunica-nos a C. P. que no sábado, dia 6, efectuar-se-á novamente a automotora para serviço público, entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, servindo o ramal de Lagos. A partida da estação de Lisboa (Terreiro do Paço) é às 13.40 horas, e o regresso no domingo, dia 7, terá lugar às 19.35 horas do apeadeiro de Vila Real de Santo António-Guadiana.

PRÉDIO DE CATEGORIA (a S. SEBASTIÃO)

7.250 contos — FACILIT. 2.500 c. no Montepio-Geral

Vende-se, valioso e imponente, 8 pisos, construção sólida e cuidada de há 4 anos c/ materiais de qualidade superior, todo alugado, inquil. de posição, c/ 5 excel. c. assoalh., 2 de banho, etc., requisitos de luxo, aquecimento, campainhas de chamada, antenas de R. e TV., comunicadores p.ª a portaria, porta de serviço, 2 ascensores, etc., rendas excepcionalmente estáveis de 1.500\$ — 2.000\$ — e 2.500\$ — (máxima), parte comercial c/ renda baixíssima, dando excel. e seguro rendimento. Só se tr. c/ o próprio. Carta a este jornal ao n.º 144.

Perspectivas futuras

(Continuação da 1.ª página)

ralidade de pontos de vista. Isto significa que, a nosso ver, existe uma instantânea necessidade de criar as condições indispensáveis a um verdadeiro diálogo entre portugueses de diversas opiniões e sectores ideológicos. Mas, tenha-se presente que um diálogo autêntico exige, antes de mais, uma vontade sincera de reconhecer os próprios erros e de apreciar, no seu justo valor, os pontos de vista do adversário. De nada serviria, contudo, admitir a pluralidade de opiniões apenas em relação a aspectos secundários da política e da administração pública, visto que as grandes questões de fundo são precisamente aquelas que mais interessaria não fossem isentas de uma necessária revisão.

Recebemos, e publicamos com o devido relevo, uma nota do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, contendo numerosos esclarecimentos e informações pormenorizadas a propósito de dois dos nossos artigos. Se bem que estes artigos sejam considerados na referida nota como «menos objectivos», julgamos que não ficam invalidadas as observações que havíamos formulado nomeadamente aquelas em que se reconhecia a insuficiência dos esforços feitos até agora no nosso País com vista, por um lado, a reduzir os desequilíbrios económico-sociais e, por outro lado, a assegurar os «custos humanos» do desenvolvimento.

O mesmo se pode dizer acerca do comunicado que nos dirigiu o sr. ministro das Obras Públicas, o qual, rebatendo em pormenor algumas afirmações do nosso artigo acerca da influência das obras públicas levadas a efeito nas últimas décadas no desenvolvimento do

País, não destrói as objecções que fizemos, nem esclarece as dúvidas em que nos debatemos ou aponta soluções razoáveis para alguns dos problemas que nos preocupam.

Ora, das soluções que se encontrarem para os diversos problemas focados depende certamente, em boa parte, o progresso do País. Limitar-nos-emos a mencionar alguns aspectos institucionais da nossa vida política, no seguimento das observações que há pouco nos foi dado fazer acerca da necessidade de uma inserção real do mundo do trabalho na sociedade e nas estruturas do Estado.

Estamos neste momento em vésperas de eleições de deputados à Assembleia Nacional. Depois de termos assistido, há poucos meses, à eleição do Chefe do Estado. O nosso sistema constitucional funciona, se assim pode dizer-se. Mas estarão as nossas instituições políticas cumprindo a missão a que fundamentalmente se destinam, ou seja a «despersonalização» do Poder? Afigura-se-nos que ninguém poderá dar uma resposta afirmativa a esta interrogação. Supomos igualmente que não haverá um só cidadão português digno desse nome que possa considerar normal e satisfatório o modo como se têm processado entre nós os actos electorais.

Quando um determinado regime político admite o princípio electivo e representativo, é evidente que as eleições, através das quais se põe em prática tal princípio, devem ser algo mais que meros actos rituais destinados ao cumprimento de uma formalidade supérflua; as instituições não podem deixar de perder o seu vigor e o seu significado real quando, sistematicamente e durante um longo período de tempo, se praticam eleições do tipo acima apontado. Está aqui um problema fundamental que o aparente «eclectismo» do nosso regime político tem disfarçado, mas que não pode indefinidamente ignorar-se. O poder político pode limitar os antagonismos e as lutas políticas; mas não deve, ao que nos parece, proceder como se tais antagonismos não existissem e não fossem respeitáveis, ou como se fosse possível eliminá-los sem lhes suprimir as causas. Só através de uma verdadeira integração social, cultural e política de todas as camadas da sociedade se pode caminhar para a supressão completa dos antagonismos — supressão jamais alcançada até hoje e que parece continuar a situar-se nos domínios da utopia. Entretanto, os conflitos sociais e políticos continuam a ser a realidade quotidiana e há que procurar organizar convenientemente o seu modo de expressão.

Outras graves questões fundamentais se levantam que nos abste-mos de considerar.

Na realidade, existe, como é sabido, uma multiplicidade de estruturas possíveis no plano da organização e da institucionalização do poder político. Todas elas são dignas de atenção — à luz das vantagens e dos inconvenientes que possam oferecer do ponto de vista das nossas necessidades nacionais e dentro da diversidade de opiniões que sempre temos preconizado.

MOVIMENTO JUDICIAL

Foram nomeados: juiz conselheiro da secção de contencioso do Supremo Tribunal Administrativo, o desembargador dr. Jacinto Rodrigues Bastos, director-geral de Justiça; e juiz conselheiro da secção de contencioso do trabalho e previdência social do Supremo Tribunal Administrativo, o juiz dr. Vasco Marinho Homem de Melo.

CONCURSOS em hospitais e sanatórios

Encontram-se abertos concursos, nos Hospitais Cíveis de Lisboa, para admissão de enfermeiros; no Hospital de Santa Maria, para internos do internato geral; e em sanatórios da Assistência Nacional aos Tuberculosos, para provimento de cargos de fiel-tesoureiro.

Os refugiados cubanos poderão utilizar uma «ponte aérea» Está iminente um acordo

HAVANA, 4 — (R.) — Cuba proibiu, a noite passada, todas as partidas para os Estados Unidos, do porto de refugiados de Camarioca, devido a estarem prestes a concluir-se negociações para uma «ponte aérea» para a Florida.

Um comunicado do Ministério do Interior, anunciando a proibição, dizia que a continuação do mau tempo fora, também, tomada em consideração.

A semana passada, Cuba fechou o porto à entrada de quaisquer lanchas dos Estados Unidos, mas informou que os barcos que já ali se encontravam poderiam partir com refugiados cubanos.

No entanto, a noite passada, o Ministério do Interior comunicou que seriam dadas facilidades às tripulações para regressarem aos Estados Unidos, mas sem os parentes a quem vinham buscar. Presumivelmente, esses parentes seguirão pela «ponte aérea», visto que se concretizará o acordo com os E. U. A.

PROCURAM-SE MAIS SOBREVIVENTES DO «JOSÉ MARTÍ»

CIDADE DO MÉXICO, 4 — (F. P.) — O «José Martí», que naufragou, na manhã de ontem, ao largo das costas do Yucatan, tinha deixado Cuba no passado dia 25, com destino às Ilhas Mujeres, onde os 45 cubanos que levava a bordo tentavam pedir, provisoriamente, asilo ao Governo mexicano para, em seguida, se dirigirem aos Estados Unidos. Entre os 45 naufragos havia nove mulheres e 11 crianças. Até agora, só foram sal-

vos um homem, quatro mulheres e uma criança.

O pequeno barco tinha chegado na terça-feira, à noite, à ilha de Contoy, perto do Yucatan, mas foi apanhado por uma violenta tempestade, afundando-se. Os serviços de socorros da Marinha mexicana, avisados pelos habitantes da região, enviaram para o local helicópteros e navios, que recolheram os seis sobreviventes. Continuarão as pesquisas.

Contém veneno em quantidade suficiente para matar meio milhão de pessoas uma caixa que desapareceu em Inglaterra

LONDRES, 4 — (R.) — A Polícia procura hoje em toda a Grã-Bretanha uma caixa, que desapareceu, com veneno suficiente para matar meio milhão de pessoas.

A Scotland Yard anunciou que a caixa, consignada da Índia para a Hungria, desaparecera de um armazém no aeroporto de Londres. Contém cerca de 15 quilos de cristais de nitrato de estricnina, veneno letal que se assemelha a flocos de sabão.

Farmacêuticos, que calcularam que a caixa continha veneno bastante para matar 500 mil pessoas, afirmaram que uma criança que tocasse nos cristais com os dedos e, depois, os lambesse, morreria quase certamente.

Avisos foram feitos pela Rádio e Televisão quando se anunciou, a noite passada, que a caixa desaparecera. Uma descrição do veneno foi distribuída aos locatários de casas perto do aeroporto e a Polícia de outras cidades foi prevenida.

Procedeu-se a uma busca intensa à volta do aeroporto de Londres para encontrar a caixa de madeira, caso ela ainda lá esteja. O nitrato de estricnina é uma droga utilizada em doses muito pequenas nas doenças cardíacas.



MARGARIDA E TONY — visita aos E. U. A.

Disposições especiais de segurança rodearão Margarida no E. U. A.

NOVA YORK, 4. — (R.) — A Polícia desta cidade reforçará a guarda postada perto do avião da princesa Margarida quando ela chegar hoje a esta cidade, por causa da ameaça feita em Londres, a noite passada, de colocação de uma bomba a bordo.

Planos previam originalmente precauções de segurança rotineiras quando a princesa e lorde Snowdon numa visita de 20 dias aos Estados Unidos, chegassem a Nova York a caminho de San Francisco. A Polícia informou, porém, a noite passada, que uma ameaça anónima, feita pelo telefone para o aeroporto de Londres, dera um aspecto inteiramente novo à situação.

Em San Francisco, o sindicato do pessoal dos transportes ameaçou realizar nas docas uma «manifestação pacífica» quando o casal real embarcar num «Hovercraft» que o levará através da baía, até Oakland. O sindicato está em disputa com a firma que explora os «Hovercrafts» e um funcionário local, Jack C. Luse, afirmou que ela estabeleceria piquetes nas docas de San Francisco e de Oakland.

A princesa e lorde Snowdon permanecerão na cidade até domingo.

Carlos Lacerda atacou Castelo Branco

RIO DE JANEIRO, 4 — (R.) — Carlos Lacerda, numa declaração dramática feita, a noite passada, pela TV, atacou o presidente Castelo Branco, por causa da política do seu Governo.

Lacerda anunciou que ia pôr a sua candidatura à presidência nas mãos do seu partido, a União Democrática Nacional, para que este decidisse se deve concorrer às urnas ou desistir.

Os novos e latos poderes adoptados há uma semana pelo Governo revolucionário — alguns deles há muito advogados pelo próprio Lacerda — dissolveram todos os partidos existentes.

Antes da declaração pela TV, o governador do Estado da Guanabara revelou que entregaria hoje o seu cargo ao vice-governador, ou seja, um mês antes da data prevista.

A individualidade escolhida pelo próprio Lacerda para seu sucessor, Flexa Ribeiro, perdeu em favor da Oposição nas eleições estaduais de 3 do mês passado.

Espera-se que Carlos Lacerda, que conta 51 anos, e cujo sucessor eleito, o social-democrata Francisco Negrão de Lima, deverá tomar posse do seu cargo em 5 de Dezembro, volte à sua vida particular. Possui interesses em empresas editoras e de publicidade.

A visita de Kossyguine à Grã-Bretanha prevista para 1966

LONDRES, 4 — (F. P.) — O correspondente político do «Daily Sketch», tratando da próxima visita a Moscovo do chefe do Foreign Office, Michael Stewart, escreve que o primeiro-ministro soviético, Alexei Kossyguine, poderia visitar oficialmente a Grã-Bretanha no princípio de 1966.

Segundo o mesmo jornal, que cita «fontes em contacto com o Governo britânico», o presidente do Conselho soviético poderia até ser acompanhado por Brejnev primeiro-secretário do Partido Comunista da União Soviética. Pouco depois da visita dos dirigentes soviéticos, Harold Wilson iria a Moscovo.

Ponto morto na questão rodesiana

LONDRES, 4. — (A. N. I.) — A solução do problema rodesiano está, neste momento, num ponto morto no que respeita a novas iniciativas do Governo britânico. Em Londres aguarda-se a resposta dos dirigentes rodesianos às condições apresentadas pelo primeiro-ministro Harold Wilson para a realização de uma sondagem à opinião pública rodesiana sobre a independência daquela colónia da Coroa britânica.

Foi o próprio Governo de Ian Smith a propor a sondagem, certo

de que os rodesianos serão favoráveis à independência com base na constituição de 1961. Porém, esse não é o ponto de vista em Londres, onde se crê que a maioria negra será contrária às propostas do seu primeiro-ministro.

Entretanto, Harold Wilson aguarda de Ian Smith a resposta quanto às seguintes condições que apresentou para que a sondagem se realize:

— Que a opinião pública rodesiana seja informada de que o Governo britânico não concorda com

as propostas rodesianas para a independência.

— Que a comissão real, antes de recolher as opiniões dos rodesianos apresente a aprovação dos dois Governos um relatório prévio sobre o processo que utilizará na sondagem.

— Que a comissão elabore um relatório final que tenha a aprovação unânime dos seus membros, se a sondagem resultar em censuras para os dois Governos.

PRECAUÇÕES ECONÓMICAS DE SALISBURY

Entretanto, o Governo da Rodésia tomou importantes medidas de fiscalização das importações, com o carácter de «atitude temporária de precaução», para evitar o escoamento das reservas do país.

O ministro das Finanças, John Wrathall, anunciou, num comunicado ontem distribuído, que as mercadorias enviadas para a Rodésia, a partir das zero horas de hoje passam a ficar sujeitas a licença de importação. Constituirão únicas excepções os casos em que as divisas estrangeiras sejam fornecidas por estabelecimentos bancários, contra a entrega dos respectivos documentos de embarque.

Farol de alumínio

KIEL, 4 — (F. P.) — O primeiro farol do Mundo em alumínio — uma torre de 55 toneladas, com 29 metros de altura e comando automático — foi colocado, ontem, na Baía de Kiel, na Alemanha, mas só começará a trabalhar em Janeiro de 1967.

motor

publica-se às sextas-feiras

A independência de Aden pedida ao Reino Unido numa moção da O. N. U.

NOVA YORK, 4. — (F. P.) — Por 83 votos contra 11 e com oito abstenções, a comissão dos territórios não autónomos da Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou uma resolução afro-asiática em que se pede aos Estados membros da O. N. U. que «dispensem toda a assistência técnica possível ao povo do território de Aden nos seus esforços para alcançar a independência e a liberdade».

Francis Brown, representante do Reino Unido — potência administradora de Aden — opôs-se à resolução, afirmando que a mesma constitui «um verdadeiro apelo à violência».

A resolução afro-asiática pede ao Reino Unido que:

- 1 — Levante o estado de emergência no território.
- 2 — Revogue todas as leis de restrição das liberdades públicas.
- 3 — Cesse toda a acção repressiva contra o povo de Aden.
- 4 — Ponha em liberdade todos os presos políticos.

Afirma a resolução o direito ina-

denável do povo de Aden à autodeterminação e à isenção do regime colonial, considerando ainda que a manutenção das bases militares britânicas no território constitui um grande obstáculo à libertação do povo.

Chama, por fim, a atenção do Conselho de Segurança para a «perigosa situação» criada naquela região pela acção militar do Reino Unido contra o povo do território e pede que seja concedida a independência a Aden o mais brevemente possível.

Como se sabe, a Grã-Bretanha prometeu dar a independência a Aden até 1968. Todavia o Yemen reivindicava este território.

PORTUGAL VOTOU CONTRA

A Assembleia Geral deverá ainda aprovar esta resolução, mas não se duvida do seu assentimento.

Contra a resolução em conjunto votaram a Austrália, Portugal, Bélgica, Canadá, França, Itália, Holanda, Nova Zelândia, África do Sul, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

A Opus Dei espanhola criticada

ALICANTE, 4 — (F. P.) — O rev. padre Justo Perez de Urbel, abade do mosteiro do Vale dos Caídos e conhecido pelas suas simpatias falangistas, critica acerbamente a Opus Dei, em declarações publicadas pelo «Informaciones», de Alicante.

«Roma avisou a Opus Dei: se não se limitar a ser um instituto religioso, tornará a Igreja odiosa» — afirma, nomeadamente, aquele sacerdote, acrescentando que «a Opus Dei procura ocupar os lugares de responsabilidade, tentando insuflar-lhes o espírito de Cristo. Mas, procedendo assim, a organização não pode deixar de fazer política... Mesmo predominando, os ideais da Opus Dei nunca poderão ser inteiramente puros nem obter a aprovação unânime da nação. No caso de insucesso — como se verificou recentemente quanto aos problemas da lavoura — é bem pior, porque as pessoas convenem-se de que a Opus Dei apenas tem finalidades temporais».

O ataque do rev. Perez Urbel suscita uma certa comovção nos círculos governamentais madrilenos. Considerando a personalidade daquele sacerdote, as suas declarações seriam de molde a reanimar a hostilidade latente entre ministros falangistas e ministros membros da organização em causa. Parece que a decisão de publicar as declarações do rev. Urbel partiu do director do «Informaciones», sem consultar o Ministério da Informação. O abade do mosteiro do Vale dos Caídos repete os argumentos habituais dos adversários

da Opus Dei, os quais acusam o movimento de ter objectivos políticos e de procurar infiltrar-se nos organismos directivos do Estado. A Opus Dei refutou sempre essas insinuações, insistindo no carácter unicamente religioso das suas actividades. A organização lembra o elevado número dos seus aderentes e o alto nível das suas capacidades intelectuais.

Efectuam-se pesquisas para encontrar o avião argentino desaparecido

CIDADE DO PANAMÁ, 4 — (R.) — Navios e aviões recomeçaram ao alvorecer as suas buscas para encontrar o aparelho «DC-4» da Força Aérea argentina, com 68 pessoas a bordo, dado como desaparecido às primeiras horas de ontem. Numa mensagem final, antes de se perder o contacto pela rádio com o avião, o piloto do «DC-4» desaparecido informara que tinha uma avaria nos motores e tentaria aterrar em Puerto Limon, na Costa Rica.

Cinco aparelhos da Aviação dos Estados Unidos juntaram-se, ontem, às pesquisas. Mais sete participaram nelas quando recomeçaram hoje. Foi pedido a navios para desviarem a sua rota para a área de Puerto Limon, para o caso do avião ter descido no mar.

UM COMUNICADO DO MOVIMENTO MONÁRQUICO INDEPENDENTE

Assinado pelos srs. Fernando Amado, Gonçalo Ribeiro Telles, Jorge Portugal da Silveira, João Camossa, João Pestana Teixeira, Alberto Moutinho Abranches e Rodrigo da Costa Félix recebemos, do Movimento Monárquico Independente o seguinte comunicado:

«Os signatários constituem a comissão executiva do Movimento Monárquico Independente, com formal intervenção na vida pública desde 1957, quanto o têm permitido as condições de anormalidade habitual em que se desenvolve a política portuguesa.

O Movimento congrega todas as correntes de opinião que, sendo monárquica, são democráticas, e pensa não ser lícito a nenhum Governo fazer imposições ou exigir sacrifícios sem, previamente, elucidar com verdade os cidadãos sobre as causas, motivos e fins dos sacrifícios exigidos, ouvir com seriedade as objecções que se levantarem e esclarecer as dúvidas que surgirem.

Dentro da tradição democrática da monarquia portuguesa, o Movimento nega que seja virtude governativa a continuidade que não assenta na vontade comum, a qual só pode nascer da plena informação e da livre discussão dos problemas. Nega os benefícios da autoridade que se não fundam no consenso geral, livre e conscientemente inspirado na confiança que só a informação verdadeira e plena pode validamente criar. A continuidade e a autoridade que assentam no hermetismo da acção política, na força das polícias, no jogo dos interesses supostos, na teia dos receios infundados, na impotência das comunidades oprimidas e das estruturas desarticuladas, não são condições de vida social porque são a imobilidade e a asfixia das sociedades: só podem conduzir à morte, à desintegração e ao caos.

Nega, por isso, o Movimento, a legitimidade de processos de Governo e administração de que resulte o estrangeiro ser mais informado que os Portugueses, sobre Portugal, serem expostos ao estrangeiro os pontos de vista do Governo português antes de serem enunciados em Portugal, serem os estrangeiros beneficiados em relação ao Portugueses na discussão dos problemas de Portugal e serem os Portugueses impedidos de exprimirem o que pensam e o que desejam de e para Portugal.

Por outro lado, o Movimento não considera que seja possível restabelecer a normalidade da vida política sem que exista um órgão constitucional, tanto quanto humanamente possível independente dos interesses, estranho às ambições, livre dos receios e superior aos hábitos, que possa arbitrar os dissídios, sanar os conflitos, moderar os convulsões e solver os litígios.

Sem esse árbitro, o facciosismo das opiniões, o particularismo dos interesses, o parcialismo das ambições, facilmente transformam o diálogo em confusão conduzindo as sociedades à anarquia, ao isolamento das forças e também, à desintegração e ao caos.

Considerando que a ordem social não pode ser reformada sem que, previamente, se restabeleça a constitucionalidade, pensa o Movimento das forças e, também, a de real é condição necessária — ainda que não suficiente — para a recuperação da vitalidade de Portugal nos planos económico, social e ético.

Por todos estes motivos, nem o Movimento se abstém de intervir na vida pública, nem os seus membros renunciaram a fazê-lo como monárquicos.

Abster-se, pactuando com os abusos e os desvios de Poder, longe de garantir qualquer unidade nacional ou de consolidar o prestígio do País, seria colaborar no amolecimento dos caracteres, iludir os governantes e minar toda a obra de Portugal.

Não há unidade de acção nem obra nacional que não assente na convicção, no anseio comum dos Portugueses, que só o diálogo pode gerar.

A obediência sem conhecimento e sem convicção — salvo quando se trata de uma renúncia religiosa e quase-sacramental à vontade própria — não é disciplina: é irresponsabilidade e abulia.

A oblação de si próprio é uma obra de que se não conhecem as origens nem os objectivos, longe de

constituir virtude moral, é indício de inépcia.

Pretender orientar uma obra comum sem informar, esclarecer e convencer os colaboradores necessários, é iludir-se a si próprio, contrariar a natureza, actuar contra a moral, e condenar as próprias iniciativas à torsião e à falência.

Aos membros do Movimento, como políticos, pouco importam os efeitos que sobre o Governo possam ter os vícios do regime. Mas tanto não sucede no que respeita aos reflexos desses efeitos que afectam a vida da comunidade nacional. Ainda correndo todos os riscos, nunca escolheriam voluntariamente o caminho da abstenção e da demissão da vida pública.

Em campanha eleitoral é o diálogo com a Nação, a apresentação perante o povo que importa. A discussão dos problemas com os detentores do poder, essa, em princípio, só tem interesse para os eleitos, nas sessões parlamentares.

Mas a verdade é que, apenas nos breves períodos das campanhas eleitorais, é possível dialogar com o poder hermetico que, ciosamente, para se perpetuar, guarda como segredos de Estado as notícias que, além fronteiras, são públicas, e persegue criminalmente, por vezes, os cidadãos que perante ele se atrevem a reclamar.

Do hermetismo do poder gerou-se o seu imobilismo ideológico e, deste, decorre a permanência de uma política estreitamente nacionalista (que não é o mesmo que estritamente nacional), de inspiração rousseauniana na origem e hegeliana no desenvolvimento, contrária à essência do cristianismo e ao universalismo e ecumenismo que definem a nossa época. Desse imobilismo resultou o presente isolamento do Estado português que, da posição privilegiada que internacionalmente desfrutava em 1910 — mantida através de vicissitudes e oscilações várias até 1945 — se vê hoje forçado a considerar como seus mais seguros aliados a União Sul Africana e, ao que parece, uma colónia da coroa de Sua Majestade Britânica com autonomia administrativa.

Persiste-se até contra a lógica, em confiar de um anticlericalismo ultrapassado o processamento dos impulsos populares, a ponto de, oficialmente, se ter ofendido Paulo VI, depois de, officiosamente, se ter tentado ridicularizar João XXIII e minimizar Pio XII.

Perante a progressiva multiplicação dos pactos de adesão e a crescente proliferação das relações de interdependência dos Estados, persevera-se em ignorar a importância das Nações Unidas, negando à Nação o conhecimento efectivo do que, nesse campo lhe pode interessar.

Orgulha-se o Movimento, por, alguns dos seus mais jovens dirigentes terem sabido dar testemunho, na guerra, do sacrifício comum à sua geração.

Contudo em Africa, prossegue-se em sucessivas guerras, que, todas, quando terminam, começam por nada se ter feito para modificar as condições que lhes tinham dado origem.

Novos varões assassinados, se vão da lei da morte libertando com obras valorosas, não para edificar novos Reinos, nem para dilatar a

Fé e o Império, nem para devassar novas terras, antes com fins vãos, enunciados em sonoras frases sem sentido, que pode suspeitar-se encobrirem apenas um objectivo: a protecção de interesses accidentais, momentâneos, de carácter financeiro (alguns economicamente ruinosos) que, directa ou indirectamente, foram as causas imediatas da situação presente.

A não ser que se identifique o interesse nacional com a manutenção das condições actuais de guerra penene, é incompreensível que não se procure estirpar as causas da contínua renovação dela, que se protejam tenazmente os interesses que lhe deram origem e que nada se faça para constituir, com autenticidade, comunidades capazes de algum dia, escolherem o seu caminho, não por terem sido abandonadas, mas por terem atingido a efectiva maturidade.

Mantido na ignorância do que se passou em Goa, sem saber porque se cumpriu o ultimato do Dahomey em S. João Baptista de Ajuda, desconhecendo quando e como eclodiram as revoltas, surpreendido pelo insólito facto de notícias confusas da Guiné e de Moçambique serem vagamente confirmadas pelo Chefe do Governo, pouco depois de terem sido solenemente desmentidas pelos órgãos ultramarinos do mesmo Governo, o povo português tem o direito de ser informado sobre o passado, elucidado sobre o futuro e esclarecido sobre o presente. E também o direito de exigir do Governo — do actual ou de qualquer outro — que analise com seriedade a situação, que a resolva modificando as circunstâncias e que abandone o imobilismo ideológico e administrativo que mantém a crise ameaçadora não só para a presença de Portugal em Africa, mas até para a permanência da cultura que pelos portugueses foi transmitida aos povos africanos.

Se outras razões não houvesse, o esforço para modificar situação tão desastrosa e para reabrir o diálogo com o País e com o Governo — fosse qual fosse — seria motivo mais que suficiente para o Movimento Monárquico Independente ficar impedido de, voluntariamente, se abster de intervir na presente campanha eleitoral.

Mas se a abstenção voluntária seria trair, o Movimento entende que renunciar aos princípios que julga fundamentais, longe de tornar viável qualquer regeneração da vida pública, alimentaria esperanças que, por força desses mesmos princípios, considera ilusórias.

Dos que não tem firmeza para proclamar claramente quem são e o que pensam, não se pode esperar que tenham fortaleza para manter com dignidade as posições que aparentemente assumirem.

Preferir a viabilidade à verdade é uma forma de mentira, e dela tem enfiado sucessivas regenerações e revoluções nacionais, cujos orientadores, invariavelmente bem intencionados, ao pretenderem pôr em prática o que lhes parece viável à luz das presunções e dos preconceitos, negam a verdade como tal por eles conhecida e embaracada na teia das contradições e das reticências, frustram as esperanças nacionais, lançando o País em barbúrias sanguinolentas ou esmagando-o sob tiranias ominosas.

Foi a consideração de todos est-

aspectos que levou o Movimento Monárquico Independente a interromper um silêncio eleitoral monárquico de quarenta anos, a apresentar a candidatura monárquica independente pelo círculo de Lisboa em 1961, e a tentar novamente a apresentação pelo mesmo círculo na presente campanha.

Foram apenas as circunstâncias do condicionalismo criado pelo actual regime que impossibilitaram a realização do intento.

Destes factos deu notícia a Imprensa, mas, por vezes em termos de que poderia deduzir-se ter a abstenção verificada sido voluntária, e que poderia traduzir uma capciosa forma de apoio ou concordância em benefício do actual Governo.

Nunca se poderia compreender que, em face das atitudes anteriormente assumidas e dos princípios enunciados, o Movimento Monárquico Independente colaborasse por abstenção com um regime republicano.

Sem que represente apoio colectivo, nem plena concordância, o Movimento Monárquico Independente não pode deixar de prestar, sem mais reservas, as suas homenagens à verdade e firmeza com que a Oposição Republicana apresentou, num Manifesto ao País, os seus pontos de vista. Embora não concordando com algumas das opiniões nele enunciadas, os signatários honram-se de ter como adversários homens capazes de expor com tão grande dignidade, sem olhar a consequências, as posições que defendem.

A dignidade do manifesto da oposição republicana é aliás realçada pelo contraste com o manifesto da União Nacional do qual apenas transparece com clareza a mórbida, malévola e desleal satisfação relativamente aos dissabores sofridos pelos políticos da oposição e o condenável desejo de colocar os problemas no plano emocional, a fim de enleiar os espíritos em confusão, impedir uma crítica serena, desencadear as paixões e favorecer o clima de exaltação irracional, criando condições impróprias ao sano desenvolvimento da opinião pública e contrárias à unidade nacional.

O Movimento Monárquico Independente, congratula-se com o facto de a causa monárquica ter imposto aos eleitores monárquicos do círculo de Lisboa a estrita obrigação moral de se absterem, visto por um lado, não poderem confundir-se os princípios com as pessoas, e, por outro lado, não ter apresentado a sua candidatura, por este círculo, nenhum monárquico cuja fidelidade ao Rei, possa merecer alguma espécie de confiança. Cada certo que nenhum dos candidatos, em qualquer tempo, considerou a restauração do poder real como condição necessária e prévia do processo de ressurgimento português.

Perante a desistência ora verificada, o Movimento Monárquico Independente não pode deixar de aplaudir tal decisão da causa monárquica. Como um português que, outora, morreu «mal com os homens por mor de Rei e mal com o Rei por mor dos homens», nós os membros do Movimento Monárquico Independente, por mor de terceiros e por amor da verdade, poderemos suportar, agora, o insupportável e sofrer o insuportável... mas continuaremos.

DIÁRIO DO PORTO

Não pagaram o taxi e anavalharam um guarda da P. V. T.

Um táxi conduzido pelo sr. José da Costa Magalhães, residente na Rua Gonçalves Zarco, 913, parou ontem à noite, junto do posto da P. V. T. da Areosa. O guarda ali em serviço, sr. Zeferino Henriques, abelhou-se da viatura e logo do interior saíram dois ciganos, que o anavalharam no rosto. O guarda, mesmo ferido, ainda perseguiu os moliantes, que desapareceram no escuro da noite.

Pedido o auxílio da P. S. P. o próprio comandante da corporação, sr. coronel Santos Junior e mais oito guardas seguiram numa viatura para o local, onde fizeram uma demorada batida. Nele foi detido o cigano João Maurita Maia Navarro, de 18 anos, que recolheu às prisões privativas daquela Polícia para averiguações.

«Desculpe se o matei», no S. João

Após uma carreira verdadeiramente notável em Lisboa, estreou-se ontem no Teatro S. João, a transbordar de um publico muito selecto, a farsa «Desculpe se o matei», em que se destaca a actuação irresistível de Raul Solnado.

Deram-lhe valiosa réplica outros artistas, alguns há tempo afastados da cena, ou que, pelo menos, não vinham a esta cidade, tais como Georgina Cordeiro e Adalina Caldas, todos contribuindo para o êxito do espectáculo.

Um pedido da Polícia

A Subdirectoria do Porto da Polícia Judiciária solicita a todas as autoridades do País a captura de José Pereira de Jesus, «o José Montana», de 22 anos, solteiro, pedreiro, natural de Vale (Vila da Feira), e que presentemente anda a monte.

Esse indivíduo, segundo aquela Polícia, é suspeito de ser autor de diversos furtos em casas habitadas, na zona rural de Vila Nova de Gaia e nas limitrofes.

A mesma Subdirectoria solicita a qualquer pessoa que ao referido indivíduo tenha comprado quaisquer objectos, ou de qualquer maneira com ele transaccionou bens, a immediata comunicação dos factos sob pena de ser considerada encobridora.

Qualquer informação acerca do seu paradeiro pode ser prestada através do telefone n.º 26553 (chefe Curralo ou agente Jacinto).

ESPECTÁCULOS

Para esta noite

TEATROS

S. JOÃO — As 21 e 45: «Desculpe se o matei» (12 anos)

SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «Um domingo em Nova York» (17 anos)

CINEMAS

COLISEU — As 21 e 30: «O mundo do circo» (12 anos)

RIVOLI — As 21 e 30: «Zorba o grego» (17 anos)

AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O misterioso dr. Crippen» (12 anos)

BATALHA — As 21 e 30: «As Olimpíadas de Tóquio» (12 anos)

FRINDEADE — As 21 e 30: «As três faces de uma mulher» (17 anos)

OLIMPIA — As 21 e 30: «O rapaz do circo» (12 anos)

JULIO DENIZ — As 21 e 30: «O palco das estrelas» (12 anos)

CARLOS ALBERTO — As 21 e 15: «As armas da vingança» e «Taxi, roulotte e corrida» (12 anos)

VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O glorioso vingador» (12 anos)

NUN'ALVARES — As 21 e 30: «Aventura em Junho» (17 anos)

ODEON — As 21 e 30: «A visita» (17 anos)

Para amanhã à tarde

CINEMAS

RIVOLI — As 15 e 30: «Zorba o grego» (17 anos)

AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «O misterioso dr. Crippen» (12 anos)

FRINDEADE — As 15 e 30: «As três faces de uma mulher» (17 anos)

BATALHA — As 15 e 30: «As Olimpíadas de Tóquio» (12 anos)

CARLOS ALBERTO — As 15 e 15: «A caça ao espião» e «A lampa-da de Aladino» (17 anos)

OLIMPIA — As 15 e 30: «O rapaz do circo» (12 anos)

VALE FORMOSO — As 15 e 30: «O glorioso vingador» (12 anos)



MODELOS

ELEGANTES ORIGINAIS E DE QUALIDADE SÓ EM ROY

FABRICANTE:
ABILIO A. SANCHES

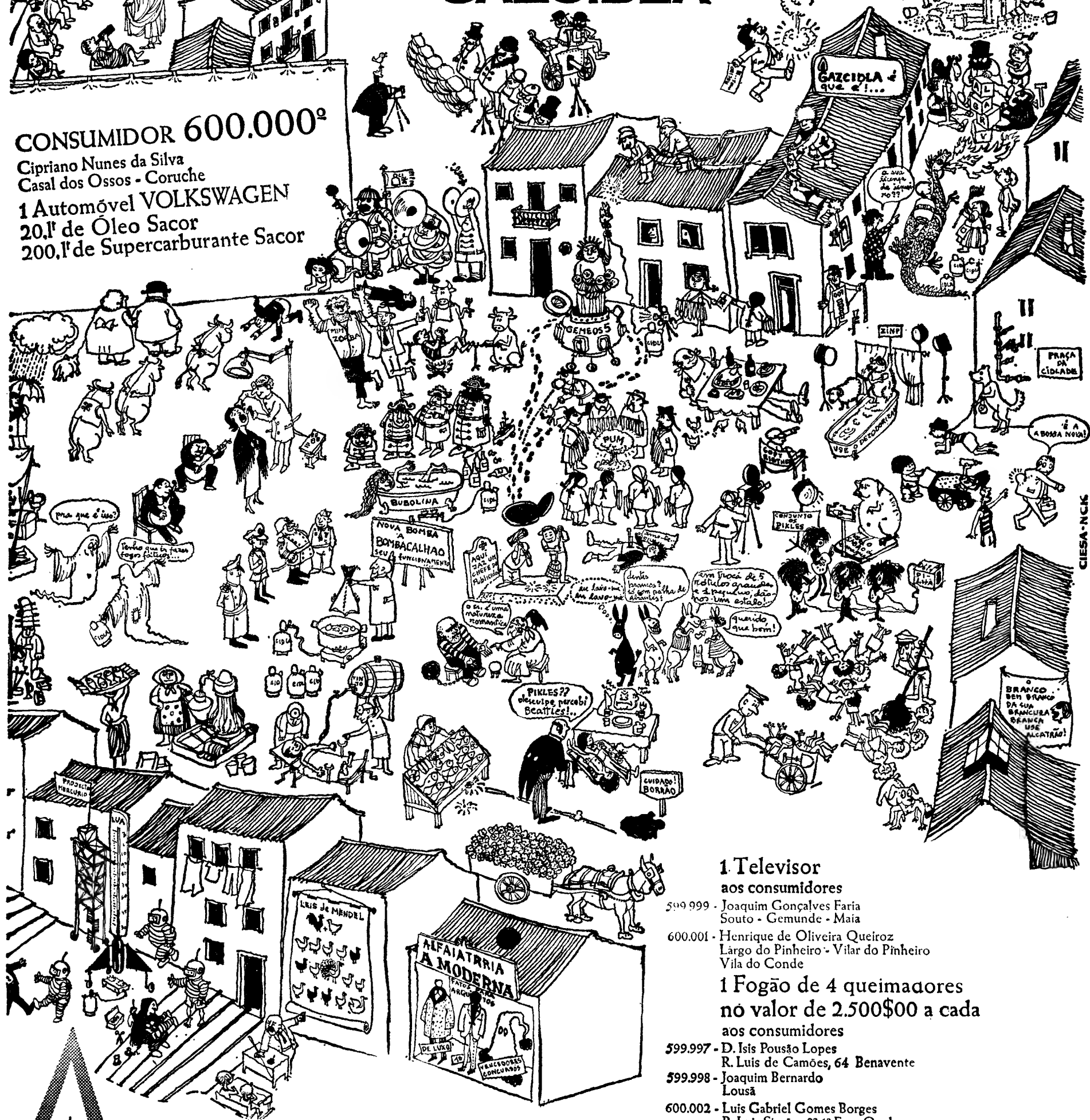
RUA DE S. LAZARO, 174-3.º ESQ.
TEL. 73 28 20 LISBOA



600.000

CONSUMIDORES DE GAZCIDLA

CONSUMIDOR 600.000^o
Cipriano Nunes da Silva
Casal dos Ossos - Coruche
1 Automóvel VOLKSWAGEN
20,l de Óleo Sacor
200,l de Supercarburante Sacor



1 Televisor

aos consumidores

599.999 - Joaquim Gonçalves Faria
Souto - Gemunde - Maia

600.001 - Henrique de Oliveira Queiroz
Largo do Pinheiro - Vilar do Pinheiro
Vila do Conde

1 Fogão de 4 queimadores

nó valor de 2.500\$00 a cada
aos consumidores

599.997 - D. Isis Pousão Lopes
R. Luis de Camões, 64 - Benavente

599.998 - Joaquim Bernardo
Lousã

600.002 - Luís Gabriel Gomes Borges
R. Luis Simões 33-1^a Esq. - Queluz

600.003 - Maria Alcina dos Santos - Chaves



GAZCIDLA

uma chama viva onde quer que viva

A posição de alguns católicos em face das eleições

(Continuação da 10.ª página)

zemos a esta Organização o sufrágio dos nossos últimos predecessores, o de todo o Episcopado Católico e o Nosso, convencidos como estamos de que esta Organização representa o caminho obrigatório da civilização moderna e da paz mundial».

É tempo que os católicos portugueses tomem consciência da vontade da Igreja em relação às organizações internacionais e manifestem o seu protesto perante aquelas afirmações. A O. N. U., a que o Papa, embora reconhecendo que se trata de um «edifício (que) deve ser aperfeiçoado», se dirige, dizendo: «Vós tendes, senhores, realizações e realizareis uma grande obra: ensinai a paz aos homens», é, para a União Nacional, não só «inca-paz de acção», como se demitiu totalmente «no plano em que devia servir a Moral e o Direito».

Sentem os signatários e julgam ainda para esse facto dever chamar a atenção do País que o ódio à O. N. U., organização em que têm assento quase todas as nações do Mundo e que, portanto, mais não exprime do que a vontade da maioria dessas nações, é ainda o ódio ao estrangeiro, ao outro, visto como inimigo e rival, e não como semelhante e próximo. Ao votar a um sistemático desprezo, que a todo o custo se procura insuflar na mentalidade da população, a Organização das Nações Unidas, procura-se identificá-la com um poder maléfico que tentasse arrastar para o caos a opinião mundial; cumprem-se lembrar que essa atitude resulta fundamentalmente da preocupação em diminuir o alcance das condenações que vimos sofrendo nesse organismo, além de constituir desprezo pelas outras nações característico de um nacionalismo condenável e condenado.

Assim, internacionalmente, nesta era de convergência universal, o Governo arrasta-nos para o isolamento, em que já nem sequer a vizinha Espanha nos faz companhia, em que quase só podemos contar com as potências racistas do Sul da África. No supracitado documento, a União Nacional afirma que, no que respeita ao nosso interesse e à nossa honra, «nós é que sabemos». Justamente repudiamos esta auto-suficiência que mais não é do que o sintoma apontado por Paulo VI de um nacionalismo apodado pelo Vigário de Cristo de «inimigo numero um da fraternidade internacional».

Há ainda quem argumente com o conflito existente entre o interesse do País e as recomendações da Igreja. Cabe-nos lembrar que, quando o Papa actua «como perito em humanidade» e quando se coloca no plano espiritual em que as suas afirmações se inserem, não há conflito possível entre as exortações que dele nos vêm e as orientações de uma política. Seguindo aquelas não duvidamos que é o verdadeiro interesse nacional que estamos servindo, por assim procurarmos identificar e praticar a vontade do «Deus Vivo, Pai de Todos os homens» (Paulo VI, discurso à Assembleia Geral da O. N. U.).

IV

Igualmente não podem os signatários deixar de abordar os problemas complexos e urgentes levantados pela política ultramarina portuguesa.

Mais uma vez a opção que fazemos é moral, não lhes cabendo estabelecer um programa político, mas dar testemunho da sua inquietação perante o mais grave problema nacional. Mais uma vez têm que se opor às teses governamentais. Traduzem-se estas, como é bem sabido, na intransigente defesa daquilo a que se convencionou chamar a unidade nacional. Em nome dela, se tem afirmado ser impensável qualquer alteração ou maleabilidade efectiva nos laços rígidos que prendem o Ultramar à Metrópole. Em nome dela, se proíbe qualquer exposição, por mais serena e objectiva que seja, de pontos de vista diversos dos do Governo, imediatamente se perseguindo e apodando de traidor todo aquele que o tente fazer, mesmo quando se trata das raras ocasiões eleitorais em que diversas opiniões podem vir a lume. A recente campanha de ameaças, apoiada espectacularmente pelos meios de informação controlados pelo Governo, com pretexto no Manifesto dos Candidatos da Oposição, é mais um triste e doloroso exemplo contra o qual nos cabe protestar com a maior firmeza e intransigência.

Que é, perguntamos, a unidade nacional? A que resulta da imposição da exclusiva perspectiva oficial? Ou a resultante de um debate livre, sério e amplo entre todos os ultramarinos e metropolita-

nos seja qual for o seu ponto de vista, cor ou posição económica ou social? Julgamos que a resposta não oferece dúvidas. Acrescentamos que a vontade colectiva não se determina validamente pela força, nem a nacionalidade verdadeiramente se impõe.

Mas, se o Governo se crê convictamente portador da solução propugnada pela grande maioria dos portugueses, porque não abre com serenidade o diálogo a que se nega? Porque se recusa a confrontar, a dialogar, e responde com a afirmação do ódio, o insulto e a repressão aos que ousam expor soluções diversas?

Sem condições de formação livre e espontânea da vontade nacional, não pode falar-se em Nação como realidade orgânica e viva. Se essas condições não existem, então é porque se decidiu arbitrariamente excluir da Nação aqueles que a uma parte dela não convêm, é porque a Nação deixou de ser de todos para ser apenas de alguns. Insiste o Governo no testemunho dado pelo sangue e pelo sacrifício de milhares de jovens que no Ultramar combatem. É exactamente por isso, porque o sacrifício desses jovens merece indubitavelmente o respeito de todos, que perguntamos: acaso sabemos o que a juventude efectivamente pensa? Porque se não pode ela exprimir com plena liberdade e os seus mais que justificados direitos de quem arrisca a vida ou a vai arriscar?

Seria ainda necessário falar do inegável facto de uma guerra que, se porventura se não perde, também se não vence; da revolta que apesar dos apoios externos, não é inteiramente fruto do estrangeiro; das possibilidades que se não deram às populações de livre e ordeiramente exporem os seus pontos de vista, empurrando-as assim para a violência; dos estrangulamentos impostos ao Ultramar por uma excessiva centralização metropolitana; do que se não tem feito no tempo ganho à História pelo sacrifício dos soldados portugueses; dos estudos especializados que estes factos exigem, que não estão feitos, nem parece que livremente se pudessem publicar.

Argumenta-se com a integração racial. Mas não será insólito que entre os que apoiam a política seguida, se encontrem as minorias racistas que, entre nós, publicamente se afirmaram como tal ao tempo da segunda grande guerra? E porque surgiu a apóla a Rodésia e a África do Sul, que hoje sustentam a aplicação integral desse mesmo racismo? Porque não há na Guiné, em Angola e Moçambique, um único bispo africano, apesar de termos sido nós os primeiros a elevar um autóctone a essa dignidade?

Argumenta-se com o Brasil. Mas acaso seguiram os governantes de então a política dos de agora? Teriam sido afinal todos eles traidores à Pátria? Porque se insiste num exemplo que, à face da política governamental, seria antes razão de opróbrio e de vergonha?

Falamos de Goa. Mas qual o resultado da política ultramarina do Estado Novo para a presença portuguesa em Goa? Porque se recusou sempre o Governo a encarar outras soluções que poderiam garantir a permanência dos laços culturais e espirituais que nos ligam a esse território?

Argumenta-se com os males da cedência e da negociação. Porque se não reconhece que há uma variedade de soluções que fogem (e sem cair no neo-colonialismo) ao esquema simplista de dois extremismos totais, soluções que, aliás, estão na nossa tradição ultramarina? Os signatários sentem imperiosamente a responsabilidade de afirmar que, se a solução vier a ser um trágico extremismo radicalmente antiportuguês, ela terá sido a lógica consequência de um outro extremismo anterior, do ódio gerador de outros ódios.

Ao dizê-lo, como ao colocar as interrogações que acima se lêem, estão os signatários conscientes de mais não fazer ainda do que levantar, a si próprios e a todos os portugueses a quem as suas palavras possam chegar, para além das soluções políticas de pormenor, um problema moral e cívico inadiável.

Estão ainda conscientes de que são suportados nessa atitude pela palavra libertadora da Igreja, que sempre recusou o monolitismo simplista que nos tentam impor. Já em 1957, na Encíclica «Fidei Donum», o Papa Pio XII afirmava o pensamento católico sobre o direito dos povos dispor de si próprios nestes termos iniludíveis: «A Igreja, que durante séculos já viu nascer e crescer tantas nações não pode deixar de ter hoje em dia particular atenção ao acesso de no-

vos povos às responsabilidades da liberdade política. Já várias vezes convidámos os interessados a proceder nesta via segundo um espírito de paz e de recíproca compreensão. Que uma liberdade política justa e progressiva não seja recusada aos povos que a ela aspiram e que não se lhes levantem obstáculos».

Por seu lado, João XXIII fomenta-se na Mensagem aos Fiéis de África, de 5 de Junho de 1960, pela «progressiva realização do acesso à soberania desses povos». «A Igreja rejubila — diz ainda — e confia na vontade desses jovens Estados de assumirem o lugar que lhes cabe no concerto das Nações». O mesmo Papa viria a afirmar na Encíclica «Pacem in Terris» que «cada povo tem direito à existência, ao desenvolvimento, à posse dos recursos necessários para realizá-lo e a ser o principal responsável na actuação do mesmo». Simultaneamente, regista que «as pessoas de qualquer parte do Mundo são hoje cidadãos de um Estado autónomo ou estão para o ser. Hoje, comunidade nenhuma de nenhuma raça quer estar sujeita ao domínio de outrem».

«Saudamos o despertar da África para a maturidade civil e consequentemente para a liberdade, independência e progresso», disse Paulo VI apenas quinze dias após haver ocupado o trono pontifício. E do mesmo Papa, que tem multiplicado as suas declarações neste sentido, de tal modo que a única dificuldade é a sua escolha, registamos ainda estas duas citações: «A visão de uma Nação africana desfrutando de liberdade e voltada para o seu desenvolvimento moral, cultural e económico, permanece, para o Nosso espírito, um ideal e uma esperança». (Mensagens às Populações Congoleas de 10 de Dezembro de 1964).

«Perante este despertar dos Povos, sentimos crescer em Nós a convicção de que é Nosso dever e obrigação de amor aproximarmos-Nos de um diálogo mais fraterno desses mesmos Povos, manifestar-lhes a estima e a afeição que por eles temos, mostrar-lhes que a Igreja Católica compreende as suas legítimas aspirações e ajudar o seu livre e justo desenvolvimento pelas vias pacíficas da fraternidade humana, permitindo-lhes assim alcançar mais facilmente, sempre que por sua vontade o queiram, ao conhecimento de Cristo, que, acreditamo-lo, constitui a verdadeira salvação para todos os homens, e pode, de uma maneira original e maravilhosa, assumir todas as suas profundas aspirações».

Esta última transcrição é extraída da alocução proferida por Sua Santidade quando da canonização de 22 Mártires do Uganda, em 18 de Outubro de 1964, alocução cujo texto foi truncado em Portugal pela censura. Assim, uma vez mais, foi negada aos portugueses a possibilidade de escutar sobre o problema da África Negra palavras que não sejam de ódio ou de desprezo. Assim se ocultou que os «malfeitos ventos que varrem a África», para usar um lugar comum da propaganda oficial, foram classificados pelo Papa, no mesmo discurso, de «magnífica Primavera». Não serão os signatários, nem outros católicos portugueses que estão certos de representar, que a recusarão. Mas pensam que ela só pode surgir na África Portuguesa se os caminhos trilhados forem os do diálogo estabelecido na liberdade, na verdade, na justiça e no amor.

V

Pela própria natureza deste documento, muitos outros aspectos ficaram ainda por abordar. Mas na nossa qualidade de católicos, não podemos deixar de nos referir às reservas, silêncios e até deturpações a que a Palavra de Roma tem sido sujeita entre nós a partir do pontificado de João XXIII. Desde a proibição de artigos e comentários à Encíclica «Pacem in Terris», até à atitude que levou a termos sido a única nação da Europa Ocidental que não assistiu pela televisão à recente estadia de Paulo VI em Nova York, a série é longa e dolorosa. Particularmente grave foi a posição do Governo perante a viagem do Papa a Bombaim, classificada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros de agravo inútil e gratuito. É sabido como foi imposta aos jornais e aos outros órgãos de informação a mais apertada censura sobre tudo o que a essa viagem se referiu, assim se procurando obter o magoado silêncio da Nação Portuguesa.

Na verdade tal não foi inteiramente conseguido e a coragem de

alguns se ficou devendo o jornal «Igreja Presente» que, distribuído aos milhares, testemunhou do júbilo e da solidariedade dos católicos portugueses frente a um acontecimento de tão magna importância.

Não podemos também deixar de referir as medidas tomadas contra missionários e contra sacerdotes negros que em Angola exerciam o seu ministério, medidas que incluíam a prisão e o exílio. Perante elas temos o dever e o direito de protestar. Esse dever e esse direito nos assistem ainda quando protestamos contra a repressão exercida sobre aqueles católicos portugueses — leigos, sacerdotes e até bispos — que se manifestaram contra este ou aquele ponto da política do Estado Novo. Não esqueçamos o Bispo do Porto, lembramos as declarações do Bispo da Beira: «A doutrina sobre a dignidade da pessoa humana reveste-se hoje de uma excepcional importância que corresponde aos sinais dos tempos. É ela que pode servir de base para se proclamarem e se reivindicarem os direitos dos homens à liberdade política e social. O esquema deveria condenar os regimes que oprimem os cidadãos quando estão em desacordo com a ordem política, económica ou social existente ou mesmo quando se recusam a considerar esta ordem como a melhor possível» (intervenção na IV sessão do Concílio Vaticano II).

VI

Uma última palavra: não desconhecemos os signatários os riscos a que se expõem ao subscrever este documento. Muitos deles fizeram já a experiência dos interrogatórios da P. I. D. E., dos processos judiciais, dos entraves ou impedimentos no acesso a lugares públicos e a empregos particulares, das buscas domiciliárias, da vigilância e repressão policial.

Entendem, contudo, afirmar que ao referirem-se a esses tratamentos os invocam como participação, ainda que modesta, no grande sofrimento comum do Povo Português. Por isso mesmo, intervieram como católicos, dando testemunho da sua presença junto de todos aqueles que em terra portuguesa têm fome e sede de justiça.

Assim correspondem ao apelo que Paulo VI endereçou aqueles países «em que os irmãos atentam contra a vida dos irmãos, em que o sangue humano corre, em que se crê ainda que opressão, a vingança e a guerra são instrumentos de ordem e de paz, em que os responsáveis pela vida dos povos decidem da sorte da história presente, em que aqueles que forjam as ideias e amoldam a opinião pública orientam a alma das Nações» (alocução de 1 de Janeiro de 1965).

Assim se reclamam para este testemunho de uma mesma Fé, duma mesma Esperança e duma mesma Caridade. Em Portugal, aos 25 de Outubro de 1965 — Alberto Moutinho Abranches, Alberto Ramalheira, Alberto Teixeira Gomes da Costa, Alexandre Bermudez, Alexandre Bettencourt, Amílcar Soares Martins, António Alcázar Baptista, António Barbedo de Magalhães, António Galvão Lucas, António José Baptista Diniz, António Manuel de Carvalho Amaro, António de Matos Vilarigues, António Sousa Gomes, Armando Delfim Hasse Ferreira, Augusto Ferreira do Amaral, Augusto M. J. Amaral, Aurora Cunha Murteira, Camilo Martins de Oliveira, Carlos Alberto Antunes Milharadas, Carlos Alberto Santos Almeida, Carlos da Câmara Crauford de Nascimento, Cesário Borja Martins, Constantino Soares Martins, Deolinda Franco Coimbra, Diogo Lino Pimentel, Domingos Manuel Megre, Eduardo Trigo de Sousa, Fernando Belchior, Fernando Bello Cunha, Fernando Vanzeller Gomes da Silva, Fernando Morais Sarmento Honrado, Francisco Caldeira Cary, Francisco Cardoso d'Orey, Francisco Gois Fernandes, Francisco Lino Neto, Francisco da Silveira de Vasconcellos e Souza (Castelo Melhor), Gonçalo Macedo, Gonçalo Ribeiro Francisco de Sousa Tavares, Telles, Helena Cidade Moura, Horácio da Cruz Calico, Jaime Carvalho Coelho, João Bénard da Costa, João Ferraz Machado Lima, João Reis Antunes, Joaquim António Rodrigues de Castilho, Joaquim Antunes Soldada, Joaquim Pires de Lima, Jorge Trigo de Sousa, José Alfredo Roquete, José de Almeida Lemos, José Antunes Ribeiro, José Carlos Megre, José Carlos de Oliveira Simões da Costa Guerra, José David dos Anjos Miranda, José Esteves, José Manuel Galvão Teles, José Manuel Gerdes Barba, José Manuel Ramos Lopes, José Maria Torre do Valle

Santos, José Moura Rodrigues, José Neves Belo, José Pedro Pinto Leite (Olivares), João de Castro Caldas, Luís Bénard da Costa, Luís Filipe Lindley Cintra, Luís Glória Ferreira, Luís Maria Aires Gorião Henriques, Luís Cachudo Nunes, Luís Vassalo Rosa, Luís Correia Maltês, Manuel Bidarra de Almeida, Mariano Calado Mateus, Manuel Rui Cordoeiro, Manuel Tavares da Silva, Manuel Correia Lopes Maria Natália Duarte Silva, Maria de Fátima Ceia Gomes, Maria Ezequiel Belo Ravara, Maria da Graça Braz Teixeira, Maria Benedicta Vassalo Pereira Bastos Monteiro, Maria Cabral Correia Guedes, Maria Teresa Pena Monteiro, Maria Helena Lopes de Castro, Maria de Jesus Serra Lopes, Miguel de Oliveira Ascensão, Nadir Maria Pacheco Palha, Nuno Castel-Branco, Nuno Teotónio Pereira, Olivia Maria, Pedro Cardoso d'Orey, Pedro Soares Mafre, Pedro Tamen, Rodrigo Costa Felix, Rui Augusto da Silva Neves, Rui Belo, Sophia de Mello Breyner Andresen, Teresa Gomes Moia, Vitor Manuel Alves, Vitor Manuel Ferreira de Campos Vitor Wengorovius».

Termina hoje

o Seminário N. A. T. O.

Termina hoje, no Instituto de Formação Social e Corporativa, em Sintra, o Seminário N. A. T. O. para estudantes universitários, promovido pela Comissão Portuguesa do Atlântico, no qual tomaram parte quarenta e três alunos das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto. Na penúltima sessão de trabalhos, efectuada a partir das 10 horas, houve uma palestra, seguida de colóquio, sobre os problemas económicos entre Leste e Oeste, sendo orador o sr. dr. Alvaro Ramos Pereira, funcionário superior do Banco de Portugal.

A tarde, o sr. general Luís da Câmara Pina, chefe do Estado-Maior do Exército, fez uma pormenorizada exposição acerca da situação militar portuguesa na actual conjuntura, respondendo, depois, a perguntas formuladas pelos participantes no seminário.

A reunião encerra-se à noite, com um jantar presidido pelo sr. dr. Augusto de Castro, presidente da Comissão Portuguesa do Atlântico.

Foi posta a flutuar a lancha «Lumbo»

Foi posta a flutuar esta manhã a lancha-rebocador «Lumbo», que se havia afundado, há dias, em frente do Ginjal, junto da antiga estação dos «ferry-boats» em Cacilhas. Os trabalhos para retirar a embarcação do fundo estiveram a cargo do pessoal da Administração-Geral do Porto de Lisboa, tendo sido utilizada a cábea «Engenheiro Manuel Espregueira». À tarde, a lancha será rebocada daquele local para sítio indicado pelos agentes proprietários.

A apresentação

de Rank Xerox 813

Pela Rank Xerox, foi ontem apresentado aos representantes da Imprensa e a muitas outras personalidades convidadas o novo equipamento de cópia Rank Xerox 813, para o que se efectuou uma sessão no Hotel Tivoli, onde os visitantes foram recebidos pelos dirigentes da empresa: F. P. Elliberg, gerente comercial; eng.º Lima Infante e Raul Navas, respectivamente directores comercial e de assistência técnica, e J. Prichard, consultor técnico. A copiadora Rank Xerox 813, justamente considerada a melhor do mundo no seu género, tira num minuto sete cópias em todo e qualquer papel de todas as cores sem que seja preciso utilizar qualquer produto químico.

O TREINADOR

do Lusitano de Évora pediu a demissão

ÉVORA, 4 — Miguel Bertral, que há três anos orientava as equipas de futebol do Lusitano, pediu a demissão do cargo, em virtude dos resultados obtidos pela equipa principal não o satisfizerem.

A selecção militar de futebol começou a sua preparação com vistas ao jogo com o Luxemburgo

A fim de preparar a equipa que representará as nossas Forças Armadas no torneio do C. I. S. M., cuja primeira eliminatória será travada com o Luxemburgo, realizou-se ontem o primeiro treino da selecção militar.

A sessão, que se efectuou á tarde no Estádio Nacional, não teve o desejado aproveitamento, dado que vários jogadores, entre os quais alguns considerados indiscutíveis, como é o caso de Eusébio e José Carlos, não puderam ser utilizados por se encontrarem lesionados.

Assim, o treinador-seleccionador Otto Glória, não conseguiu reunir os jogadores necessários para formar dois grupos, como era seu desejo, vendo-se forçado a preencher as vagas com elementos de ocasião, e isto necessariamente teria de influir no rendimento dos grupos intervenientes.

Alinharam:
Camisolas azuis — Rui (Porto); Almeida (Porto), Alexandre Baptista (Sporting), Rolando (Porto) e N. N.; Ferreira Pinto (Sporting) e Pinto (Porto); Simões (Benfica), José Maria (V. Setúbal), Peres (Sporting) e Oliveira Duarte (Sporting).

Camisolas brancas — Melo (Benfica); N. N., Bandeira (Barcelonense); Mira (Barcelonense) e Ernesto (Académica); Crispim (Académica), Naftal (Porto), Serafim (Benfica) e Nóbrega (Porto).

Os «azuis» marcaram, durante os 50 minutos que o treino durou 4 golos (Simões, Oliveira Duarte (2) e José Maria); contra 2 dos «brancos» (Serafim e Ernesto).

O grupo vencedor patenteou superioridade, o que não chega a causar espanto se se atentar na sua constituição. A defesa dos «brancos», especialmente, foi frágil de mais para o forte ataque dos «azuis». Tardaram, porém, em violar as redes de Melo, o qual apesar de desamparado logrou opor-se com êxito, graças a porfiada atenção e valentia, a dianteiros que, pelo caminho, driblavam toda a gente, e que no fim queriam fazer o mesmo ao guarda-redes. Se fosse jogo a sério...

A certa altura, Almeida trocou com um defensor ocasional «N. N.», dos «brancos» reforçando assim a equipa mais fraca, e estes, já depois do resultado estar em 3-0, passaram a dar melhor réplica, dando trabalho a Rui que esteve á beira de sofrer mais alguns golos além dos dois registados.

Jogadores mais em foco: Melo (acima de todos), Alexandre Baptista, Serafim, Simões, José Maria e Oliveira Duarte, os três últimos, porém, com o senão apontado.

Enfim, o treino poucas indicações forneceu, pelos motivos indicados. Só mais tarde Otto Glória poderá assentar ideias, tanto mais que o próximo só terá lugar daqui a duas semanas em virtude de os clubes principais «fornecedores» da selecção (Benfica, Sporting e F. C. Porto) terem jogos a meio da próxima semana.

Estiveram presentes entre outros dirigentes militares, no Jamor, os

srs comandante Ponce de Carvalho, chefe da equipa e dr. Maia Ferreira, médico.

Como simples observadores, mas decerto não menos interessados na sessão de treinamento deslocaram-se ao Estádio Nacional, Manuel da Luz Afonso e Fernando Caiado, respectivamente seleccionador e treinador-adjunto da selecção nacional.



A selecção militar de futebol continua a preparar-se. Ontem, fez mais um treino. Eis os jogadores convocados e o treinador Otto Glória

● A bilheteira das Antas, para o jogo Portugal-Checoslováquia, rendeu a receita de 1 317 745\$00, não se incluindo nesta verba a importância a pagar pela Televisão pela transmissão do jogo.

● A Inglaterra e a França (equipas de 23 anos) defrontaram-se em Norwich, cabendo a vitória aos futebolistas britânicos, por 3-0.

● O treinador Miguel Bertsal, do Lusitano de Évora, apresentou ao clube o seu pedido de demissão dado o ambiente que se criou devido aos maus resultados feitos pela equipa. Os treinos estão agora a ser provisoriamente orientados pelo professor de educação física, sr. Francisco Albuquerque.

● O avançado-centro Carlos Manuel, do Vitória de Setúbal, deve reaparecer no próximo domingo em Fátima, no jogo a contar para a «Taça».

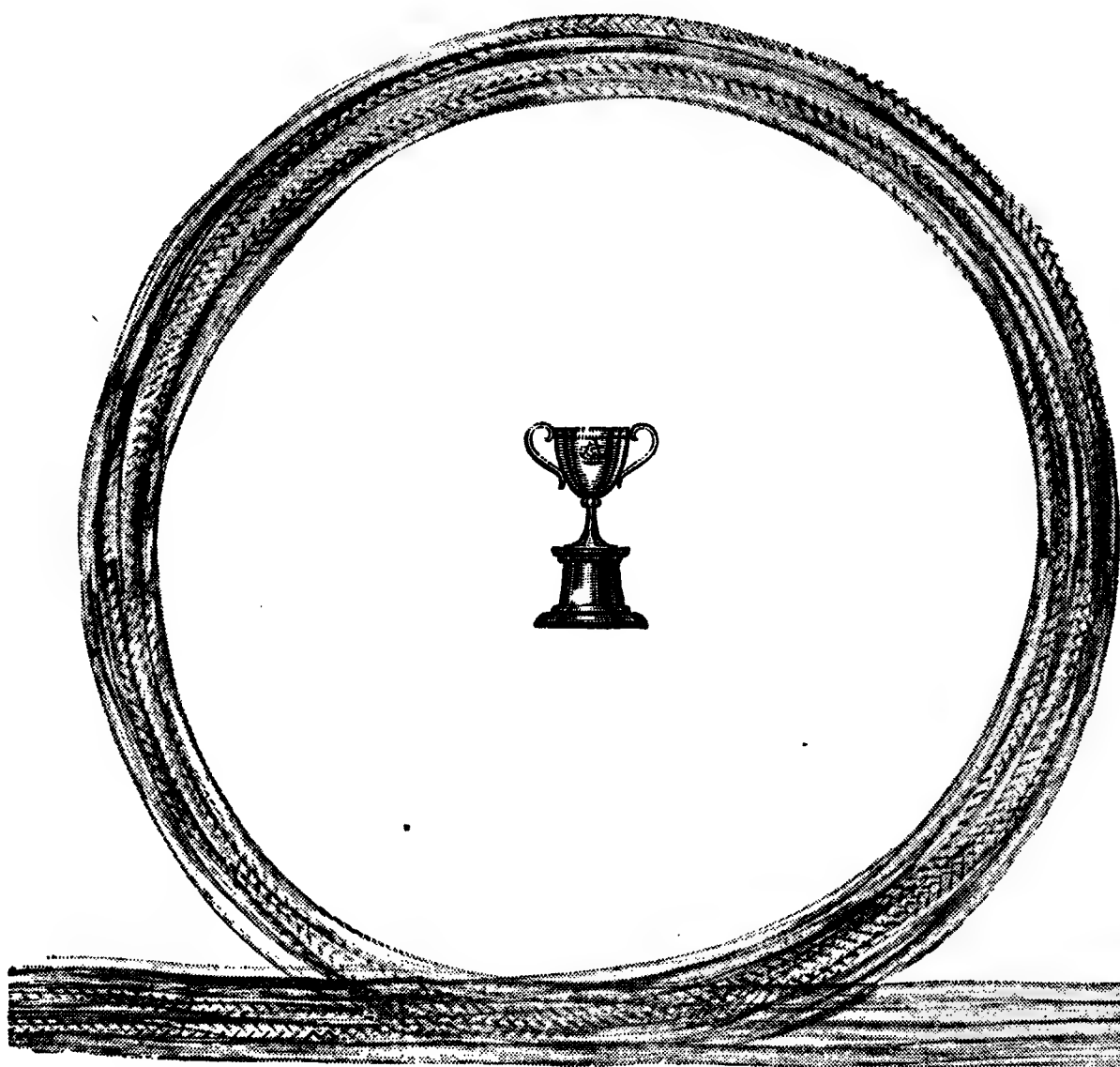
● Com vista ao jogo com o Leiria, a equipa do Benfica parte de Lisboa no próximo domingo, pelas 7 horas, chegando a Viena às 14 horas e seguindo para Sofia no dia seguinte.

● Por iniciativa da A. F. L. vai realizar-se um curso de massagistas que se inicia no próximo dia 8. As sessões práticas efectuar-se-ão no Estádio do Restelo.

O Lisboa Ginásio festeja o seu 47.º aniversário

O Lisboa Ginásio Clube comemora hoje a passagem do seu 47.º aniversário, realizando-se esta noite um jantar de confraternização no Hotel Atenas, pelas 20 e 30.

A sessão comemorativa efectua-se depois de amanhã, pelas 22 horas, na sede do clube, com distribuição de prémios a atletas e emblemas a associados e apresentação da classe de senhoras que concorreu á «Gymnastrada» de Viena.



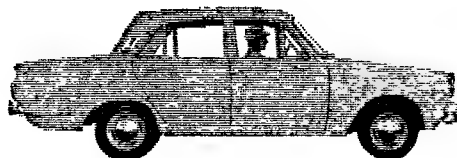
11.º CORTINA

Mais uma vez o **CORTINA** demonstra a sua performance superior:

Sir John Whitmore em **CORTINA-Lotus** alcançou uma vitória sensacional:

Campeonato da Europa de Carros de Turismo

Vença V. também... escolhendo um **CORTINA!**



A sua disposição nos concessionários FORD



Retamosa Dias, um sportinguista da «velha guarda», recebe o emblema de 50 anos de filiação no clube, que lhe é entregue pelo presidente da Assembleia geral, dr. Amado de Aguiar

Os 59 anos do Sporting

Realizou-se ontem á noite, na sede do Sporting Clube de Portugal, a sessão solene da passagem do 59.º aniversário da popular colectividade, tendo também sido entregues a vários associados os emblemas comemorativos de 50 e 25 anos de filiação.

Assistiram ao acto dezenas de pessoas, tendo usado da palavra o dr. Amado de Aguiar, o dr. Salazar Carreira e Queiroga Tavares, procedendo-se seguidamente á entrega de emblemas aos sócios de há cinquenta anos: José Norberto Manique, Alberto Mayer Marques de Carvalho, dr. Virgílio Gomes da Silva, eng.º José Mascarenhas Cardoso Belard da Fonseca, Carlos Correia Pinto da Silva e Alvaro Retamosa Dias.

Depois, foi a vez dos sócios com 25 anos, no numero de 315.

A selecção nacional foi louvada

Na sua reunião de ontem á noite, a Comissão Executiva da direcção da F. P. F. tomou, entre outras decisões, a de louvar os jogadores da equipa nacional, o seleccionador, o médico e os técnicos pelo apuramento de Portugal para a fase final do «Mundial» de futebol, tendo aprovado também o plano de preparação com vista ao jogo com a Roménia, no dia 21, em Bucareste, e que é o seguinte:

15-11-65 — Concentração na F. P. F., ás 18 horas, e partida para Vale de Lobos;

16-11-65 — Treino individual, banhos e massagens, no Estádio de Alvalade, ás 15 horas;

17-11-65 — Treino de conjunto, no Estádio da Luz, ás 15 horas;

18-11-65 — Treino individual, no Estádio Nacional, ás 15 horas;

19-11-65 — Partida para a Roménia.

HOJE, À NOITE

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato Nacional de Xadrez (distrito de Lisboa) — 2.ª jornada. I Divisão: Comp. Carris c. B. L. & Açores. II Divisão — Série B: B. Angola c. Imprensa Nacional, C. U. F. c. Messa e Comp. Carris c. H. E. Zézere — todos na sede da F. N. A. T., ás 21 horas.

ANIVERSARIOS — Do Arte e Sport — passagem de filmes, incluídos na sessão «Dia do Automobilismo», na sede do clube, ás 21 e 30.

— Do Lisboa Ginásio Clube — Jantar comemorativo do 47.º aniversário.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da I Divisão (5.ª jornada): Rio Seco-C. I. F. Carnide Atlético e Liberdade-Queluz, nos recintos dos clubes indicados em primeiro lugar, ás 21 e 30 (em 1.ª) e 22 e 30 (em 2.ª).

TÊNIS DE MESA — Taça «Diário Popular»: Sporting A-Benfica A, na mesa do primeiro, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Torneio Aberto (Feminino) — C. I. F.-Automática Eléctrica, no Liceu Filipa de Lancastre, ás 19 h.; Lisboa Ginásio-Comp. Telefones, na Escola «Josefa de Óbidos», ás 20 e 30.

Linha de SINTRA

Motorismo perigoso

nas ruas de Queluz

Bicicletas e motorizadas sem fardos percorrem á noite as ruas de Queluz, pondo em constante perigo a integridade física dos transeuntes. Chama-se a atenção das autoridades para o perigoso hábito de os ciclistas e ciclomotoristas andarem sem luzes nas ruas de Queluz, aliás, um abuso que de um momento para o outro pode originar desastres de consequências fatais.

Os basquetebolistas do Benfica chegaram a Casablanca

CASABLANCA, 4. — (F. P.). — O grupo de basquetebol do Sport Lisboa e Benfica, campeão de Portugal, chegou ontem, á noite, a Casablanca, onde defrontará no sábado, á noite, a equipa marroquina de Widad Atlético Clube de Casablanca, num jogo a contar para as eliminatórias da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

O chefe da delegação portuguesa, o tenente-coronel Orlando Miranda Cardoso, declarou: «Não podemos formar uma opinião acerca da equipa adversária, que não conhecemos. Em contrapartida, apreciamos o basquetebol marroquino, que conhecemos através da União Desportiva Marroquina, que eliminou Coimbra nesta mesma competição».

O treinador da equipa, Mário Lemos, decidiu reunir á noite os seus jogadores para primeiro treino. O Benfica desloca dez jogadores e cinco dirigentes.

Cinemas

VENDA NOVA — Cine Portugal As 21 e 15: «Dois incorrigíveis teimosos» (12 anos).

AMADORA — Recreios Desportivos — As 21 e 15: «O enigma da serpente negra» (17 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — As 21 e 15: Amar um desconhecido» (17 anos).

CACEM — Cinema S. João As 21: «Marisol no Rio» e «Herança selvagem» (12 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — As 21 e 30: «Sylvia» (17 anos).

SINTRA — Cine-Teatro — As 21 e 30: «O ultimo comboio de Gun Hill» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 15-A (Tel. 931149).

DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023).

QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043).

CACEM — Central — Rua Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).

MEM MARTINS — Quimica — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).

S PEDRO DE SINTRA — Valem — (Tel. 980456).

SINTRA — Marrazes — (Este-fânia) Largo Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

DEMONSTRAÇÃO de Rank-Taylor Hobson

É hoje, das 15 ás 19 horas, na Feira Internacional de Lisboa, que se procede á demonstração publica de instrumentos da Rank-Taylor Hobson, representada em Portugal por J. F. de Azevedo e Silva & C.ª, Lda.

Inaugurou-se na Figueira da Foz uma agência do Banco Lisboa & Açores

FIGUEIRA DA FOZ, 4. — O Banco Lisboa & Açores, prosseguindo no seu propósito de estender a sua actividade ás diversas zonas do País, inaugurou esta manhã uma agência na Figueira da Foz instalada, provisoriamente, na rua dos Combatentes da Grande Guerra, n.º 9 a 15.

Desnecessário será encarecer o interesse e a comodidade que oferece esta iniciativa do Banco Lisboa & Açores, especialmente devido ao desenvolvimento das actividades económicas desta cidade.

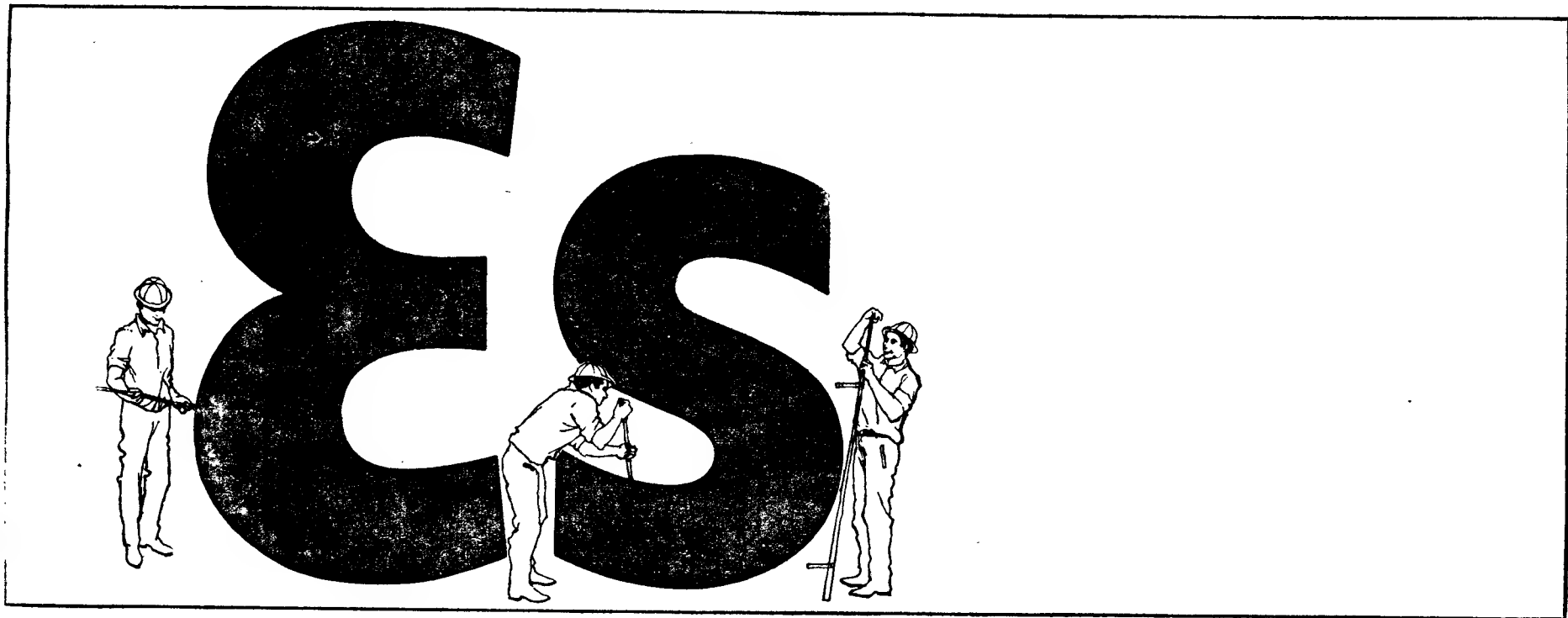
Para assistir ao acto inaugural deslocou-se aqui, propositadamente, e em representação da administração do Banco, o inspector-geral sr. Carlos Augusto Guerra.

A referida agência terá como gerente o sr. Jerónimo Guilherme de Figueiredo Pais, pessoa muito conhecida no meio, e como subgerente o sr. António Augusto Barreto da Silva.

Ao acto inaugural assistiram pessoas em evidência na Figueira da Foz.

CIDADÃOS ESTRANGEIROS AGRACIADOS POR PORTUGAL

Foram agraciados: com a comenda da Ordem de Cristo, o sr. Maurice Merlié, de nacionalidade francesa; com a comenda da Ordem do Infante D. Henrique, o sr. João Rocha, de nacionalidade americana, e com o grau de oficial da mesma ordem, o sr. Vasco Jardim, também de nacionalidade americana; e com a comenda da mesma ordem, os oficiais espanhóis, tenente-coronel Berardo Castiella Pomareda, tenente-coronel de Intendência da Armada José Cerrolaza Asenjo, tenente-coronel da Força Aérea Fernando Lens Martinez, e tenente-coronel de Artilharia D. José Luís Repiso Conde.



duas letras de uma palavra importante

Duas letras da maior organização petrolífera mundial que, na margem esquerda do Tejo, está a construir instalações que cobrem uma área de sete hectares destinadas aos seguintes serviços:

Abastecimentos de combustíveis à navegação: O parque de armazenagem será composto de sete tanques, entre os quais dois dos maiores existentes no País. A capacidade total será de mais de 55 milhões de litros.

Óleos lubrificantes para todos os fins: As Instalações compreendem uma esta-

ção de preparação de óleos lubrificantes que terá uma capacidade anual de produção de 3.000 toneladas.

O parque de armazenagem compreende dez tanques.

Produtos Petroquímicos: O parque de tanques para a armazenagem destes produtos será composto de dez tanques com a capacidade total de 2.500.000 litros e constitui, de certo modo, uma garantia de fornecimento desses produtos à Indústria Nacional em condições mais vantajosas.

Este complexo industrial, já em vias de conclusão, representa um investimento de grande interesse para a Economia Nacional.



..... um Símbolo que é uma marca uma Marca que é um Símbolo.

Esso — a marca cuja fama assenta no prestígio de que disfruta e cujo crédito se vem firmando no mundo, desde há 79 anos



VINTE ANOS DE EXPERIÊNCIA E BONS SERVIÇOS ESSO, EM PORTUGAL



Boletim do dia

RADIO

EMISSIONA — 1.º programa — 451 m
655 kc/s — As 16 e 30: Noticiário —
Programa da tarde; 18: Noticiário; 18
e 10: Música de dança; 18 e 40: Rádio
Mocidade; 19: Noticiário regional; 19
e 10: Atenção, Luanda; 19 e 15: O
guitarrista Carlos Montoya; 19 e 25: «A
Ciência e o Homem»; 19 e 45: «Nova
Onda» (variedades); 20 e 30: Diário
sonoro — Boletim meteorológico; 21:
Bailarico; 21 e 20: 3.º episódio do fo-
lhetim «O Visconde de Bragelonne»;
21 e 40: Música brasileira; 22: Ontem
e hoje; 22 e 30: Noticiário — Boletim
meteorológico; 22 e 40: Espectáculo,
magazine de teatro e cinema; 23: Pro-
grama da noite; 0: Noticiário — Pro-
grama da noite; 0 e 15: Música de dan-
ça; 0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

2.º programa metropolitano nacional
— 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30:
Música coral, em gravações cedidas pela
Rádio Dinamarquesa; 16 e 58: Resu-
mo do programa; 17: Interrupção. As
18: Que quer ouvir? «Sonata n.º 14,

em dó sustenido maior» (Beethoven), e
«Sonata n.º 4» (Camargo Guarnieri);
18 e 40: Árias de óperas; 19: A evolu-
ção das formas musicais; 20: Noticiá-
rio — Boletim meteorológico; 20 e 15:
Concerto pela Orquestra Sinfônica da
Emissora Nacional, com a colaboração
da pianista Maria João Pires, sob a direc-
ção do maestro André Panufnik. No
intervalo: canções de Schumann, pe-
lo baritonado Gerard Soussay; 21 e 58: Re-
sumo do programa; 22: A Voz do
Ocidente; 0 e 15: Fecho.

3.º programa metropolitano nacional
— As 22: 1.º e 2.º actos da ópera «Moi-
sés» (Rossini); 23 e 30: Ciclo Bach;
0 e 50: Últimas notícias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — As 16 e 30: Vozes
de Portugal; 17: Expresso popular do
comboio das seis e meia; 17 e 45:
Noticiário; 17 e 50: Ritmo sobre te-
clas; 18 e 15: Música da nossa terra;
19: No Mundo Aconteceu; 19 e 15:
O ritmo da semana; 19 e 45: Noticiá-
rio; 20 e 13: A notícia do dia; 20 e
15: Ribalta; 20 e 30: Jornal dos es-
pectáculos; 20 e 45: Conjuntos vocais;
21: Noticiário; 21 e 8: Um conjunto;
21 e 15: Vozes e ritmos do Brasil; 21
e 30: Hot Club; 22: «Píngos de Gra-
ça»; 22 e 15: A estrela da noite; 22
e 30: Quando o telefone toca; 23:
Grande roda; 23 e 45: Noticiário; 0
e 01: Programa Meia-Noite; 3: Sinto-
nia-63: 6: Boletim meteorológico.

Modulação de frequência — As 16 e
30: Noticiário; 16 e 35: Clube do
disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e 50:
Estrelas em FM; 19 e 14: Em órbita;
19 e 45: Noticiário; 20 e 52: Boa-
noite em FM; 21: Noticiário; 22:
Programa à Go-Go; 23: Grande roda;
23 e 45: Noticiário; 0 e 02: Alta fi-
delidade; 1: Fecho.

Emissor de Miramar — As 16 e 30:
Noticiário; 16 e 35: Composições de...;
16 e 45: Eles cantam para si; 17: Clu-
be do disco; 17 e 45: Noticiário; 17 e
50: Artista; 18: Guitarras e fadistas;

18 e 15: Variedades; 19: ...dirige o
ritmo; 19 e 15: Vozes de Paris; 19 e
30: Robbialac; 19 e 45: Noticiário;
19 e 53: Melodias; 20: Rádio Placard;
20 e 15: Sucessos; 20 e 30: Oiga...
que vai gostar; 20 e 45: Os nossos
artistas; 21: Noticiário; 21 e 8: Or-
questra; 21 e 15: Hoje é vedeta...; 21
e 30: Apenas música; 21 e 45: Desfile
de estrelas; 22: «Píngos de Graça»;
22 e 15: Ele e ela; 22 e 30: Conjuntos
de ritmo; 22 e 45: O fado na
voz de...; 23: Clube da Juventude;
23 e 45: Noticiário; 0 e 01: Programa
Meia-Noite; 2: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA — As 18:
Passatempo para o lar; 18 e 25: Boie-
tim religioso; 18 e 30: Terço e bênção,
da basílica dos Mártires; 19 e 5: C. C.
C. igual a C. C. C.; 19 e 25: Boletim
do S. C. R.; 19 e 30: Sete e meia; 20:
Sinfonia da vida; 20 e 15: Música para
o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e
55: Meditando; 21: Variedades; 21 e
30: Música e vozes portuguesas; 21 e
45: Cantata Lucio Alves; 22: Quando o
telefone toca; 22 e 30: Música escolhi-
da; 22 e 45: A esquina do tempo; 23:
A 23.ª hora; 2: Encerramento.

Estação do Porto — As 18: Uma or-

questra; 18 e 15: Noticiário regional
e boletins de filmes e religioso; 18 e
30: Terço, da basílica dos Mártires, em
Lisboa; 19 e 5: Música seleccionada;
19 e 25: Publicações recebidas e boe-
tim de filmes; 19 e 30: Sete e meia;
20: Música para o seu jantar; 20 e 55:
Meditando; 21: Ritmos; 21 e 15: Fa-
dos; 21 e 30: Ópera, opereta, zarzuela
ou bandas sonoras; 22: A música é boa
companhia; 22 e 30: Música escolhida;
22 e 45: A esquina do tempo; 23: A
23.ª hora; 2: Encerramento.

RÁDIO UNIVERSIDADE — As 17:
Abertura; 17 e 5: Rumo ao Futuro;
17 e 15: Separador; 17 e 20: Música
do século XX ou Concerto; 17 e 45:
Noticiário; 17 e 55: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS — As 16
e 30: Clube Radiofónico de Portugal;
17: Rádio Graça; 22: Rádio Penin-
sular

para os vossos transistores...

DIALUX

a fita de confiança!

TELEVISÃO

Hoje — As 15 e 30, Língua e História
Pátria; 16 e 25, Ciências Geográ-
fico-Naturais; 17 e 20, Francês; 18 e
15, Desenho; 18 e 45, Reabertura; 18
e 47, Telejornal (edição da tarde); 19:
TV Escolar — «Curso de Adultos»; 19
e 20, TV Educativa — «Matemática»;
19 e 40, TV Educativa — «Francês»; 10:
Programa Feminino; 20 e 30, Crónica;
20 e 40, Sangue na Estrada, por Joa-
quim Filipe Nogueira; 21, Variedades;
22, Telejornal (edição da noite); 22 e
30, Boletim Meteorológico; 22 e 40,
Reportagem directa da Sessão da União
Nacional do Pavilhão dos Desportos de
Lisboa; 23 e 25, «Casi com uma Feti-
ceira»; 23 e 50, Últimas notícias; 23 e
55: Meditação; e 24, Fecho.

Amanhã — 1.º período — Curso Uni-

ficado da Telescola; às 15 e 30, Língua
e História Pátria; 16 e 25, Matemá-
tica; 17 e 20, Francês. 2.º Período: às
17 e 55, Abertura; 17 e 57, Telejornal
— edição da tarde; 19, TV Escolar —
«Curso de Adultos»; 19 e 20, TV Edu-
cativa — «Práticas Pedagógicas»; 19 e
40, TV Educativa — «Inglês»; 20, Thier-
ry la Fronde — 4.º episódio série juve-
nil; 20 e 30, TV Jazz — apresentação
de Manuel Jorge Veloso; 21, Telejornal
— edição da noite; 22 e 05, Boletim
meteorológico; 22 e 15, Concurso «Sa-
ber não faz mal» (13.ª sessão) — apre-
sentação de Maria José Baidão e Jorge
Alves (realização de Fernando Frazão);
23 e 20, Fados por Natércia da Concei-
ção, acompanhada à guitarra por Fon-
tes Rocha e à viola por Julio Gomes
(realização de Luís Andrade; 23 e 50,
Telejornal — últimas notícias; 23 e 55,
Meditação; 24, Fecho.

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

Fundos do Estado	Efec	Compr	Venda	Comp. diversas	Efec	Compr	Venda
Cons. 2 1/2 % T. 10	—	663\$00	680\$00	Cimentos Fejo	—	—	—
Cons. 3 % T. 10	742\$00	741\$00	743\$00	Cimentos Leiria	—	950\$00	—
Cons. 3 1/2 % T. 10	865\$00	863\$00	867\$00	Industria Aliança	—	—	—
Centenários 4 % 1940	—	—	2.025\$00	Portugal e Colónias	—	1.150\$00	1.180\$00
Ong. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.008\$00	—	Nac. de Navegação	—	950\$00	970\$00
Ong. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.008\$00	—	Col. de Navegação	550\$00	550\$00	560\$00
Ong. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.008\$00	—	Port. de Celulose	—	4.650\$00	4.750\$00
Externo 1. série	—	1.230\$00	1.250\$00	Port. de Pesca	—	925\$00	950\$00
Externo 1. série car.	—	1.240\$00	—	Port. de Tabacos	—	245\$00	248\$00
Externo 2. série	—	1.270\$00	—	Tabacos de Portugal	—	—	870\$00
Externo 2. série car.	—	1.270\$00	—	Petroquímica	—	—	3.800\$00
Externo 3. série	—	1.325\$00	—	Termoelétrica	—	1.620\$00	1.650\$00
Externo 3. série car.	—	1.325\$00	1.335\$00				
Caut. 3. série s/j	—	300\$00	320\$00				
Obligações							
Aguas Lisboa 5 %	—	495\$00	500\$00	Aguas Electricidade e Gás	—	—	—
Norte de Portugal 5 %	—	102\$50	103\$50	Aguas Lisboa 1934	—	525\$00	530\$00
Gás. Elect. 3 1/2 %	—	—	—	Aguas Lisboa 1936	—	—	515\$00
Gás. Elect. 4 %	—	900\$00	940\$00	Eléct. das Beiras	1.790\$00	1.780\$00	1.800\$00
Gás. Elect. 4 1/2 %	940\$00	935\$00	945\$00	Gás. e Electricidade	432\$00	432\$00	433\$00
Gás. Elect. 5 %	995\$00	992\$00	—	H. Alto Alentejo	216\$00	215\$50	217\$00
U. E. P. 3 1/2 %	—	—	—	H. E. Cávado	1.202\$00	1.201\$00	1.203\$00
U. E. P. 4 % 1945	—	—	90\$00	H. E. Zêzere	—	—	1.400\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	—	Nac. de Electricidade	1.550\$00	1.540\$00	1.550\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—	União Eléctrica Port.	220\$50	220\$00	221\$00
U. E. P. 5 % 1951	96\$00	96\$00	97\$00	H. Douro	1.281\$00	1.280\$00	1.283\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	H. E. S.	—	—	—
H. do Douro	965\$00	960\$00	965\$00	Sacor	4.800\$00	4.750\$00	4.900\$00
H. E. S. Estrela	—	—	—	F. Invest. Atlântico	—	143\$70	148\$00
C. P. 4 1/2 %	1.014\$00	1.013\$00	1.015\$00				
Metropolitano	1.010\$00	—	1.010\$00				
Ações Bancos							
Totta Aliança	4.400\$00	4.350\$00	4.420\$00				
Alentejo	—	580\$00	610\$00				
Angola	—	—	1.490\$00				
Espírito Santo	—	10.100\$00	10.400\$00				
Lisboa & Açores	3.350\$00	3.350\$00	3.370\$00				
Portugal	—	—	1.905\$00				
Ultramarino	865\$00	860\$00	870\$00				
Agricultura	—	—	—				
P. Atlântico	—	4.600\$00	—				
Crédito Predial	—	1.050\$00	1.100\$00				
Seguros							
Fidelidade	—	—	—				
Mundial	—	—	—				
Sagres	335\$00	332\$00	338\$00				
Tagus	—	—	2.000\$00				
Soberana	—	1.250\$00	—				
C. Ultramarinas							
Ag. Casseque	—	641\$00	650\$00				
Ag. das Neves	—	—	120\$00				
Agricultura Colonial	—	95\$00	—				
Açúcar de Angola	810\$00	835\$00	840\$00				
Boror	—	140\$00	148\$00				
Cabinda	—	25\$00	35\$00				
Cadá	—	1.700\$00	1.895\$00				
Col. do Búzi	—	67\$00	68\$00				
Ilha do Príncipe	—	300\$00	—				
Incomati	—	—	—				
Moçambique	—	58\$00	60\$00				
Zambézia	—	41\$00	43\$00				
Diamantes	783\$00	782\$00	784\$00				
Lobito	—	535\$00	545\$00				

BANCO BORGES & IRMÃO

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul — Rand	86\$50	88\$50
Alemanha — Marco	7\$05	7\$25
América:		
Dólares de 1 e 2	28\$30	28\$60
Dólares de 5 a 1000	28\$50	28\$80
Argentina — Peso	\$09	\$14
Austria — Shilling	\$10	\$15
Bélgica — Franco	\$58	\$58
Brasil — Cruzeiro	\$01.3	\$01.8
Canadá — Dólar	26\$30	26\$80
Dinamarca — Coroa	\$07	\$07
Espanha — Peseta	\$47.1	\$48.1
Congo — Franco	\$07	\$09
França — Franco	\$575	\$580
Holanda — Florim	\$75	\$810
Inglaterra — Libra	79\$50	81\$00
Itália — Lira	\$04.55	\$04.7
Marrocos — Dirham	\$25	\$25
Noruega — Coroa	\$390	\$410
Suécia — Coroa	\$40	\$40
Suíça — Franco	6\$57	6\$72
Ouro:		
Inglater. (Libra Isabel)	285\$00	295\$00
Portugal — barra fino	285\$00	295\$00
Inglaterra (Libra)	32\$80	33\$50

J. BURNAY L. DA Notas estrangeiras
Papeis de crédito
RUA DO OURO, 72 Telef. 321273

ALCANTARA — A. César. R. Prior
do Crato 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Castro Av. Al-
mirante Reis, 76-A (44373)
ALTO DO PINA — Ibeira, R. Barão
de Sapora, 235-A (728277)
ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja,
31-C (776905) * Aeroporto, Av. Jago
Coutinho, lote 318-D (722384) * Rio
de Janeiro Av. Rio de Janeiro 4-C
(721409)
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av.
Rovisco Pais, 32, A-B (734027)
AREIRO — Algarve, Av. de Roma,
7-B (777478) * Nova Lisboa, R. Gu-
lhermina Sugga, 12 (727721)
ARROIOS — Bastos, R. Moraes Soares
91-D (844350)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno,
Av. da República, 58-D (771661) *
Figueiras, Av. Marquês de Tomar 20
(44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de
Saldanha, 14 (41845) * Novais, Av.
Luís Bivar 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNACÃO — As-
censo, R. 27, n. 41 (389216)
BAIXA — Silva Carvalho — R. dos
Figueiros, 126 (326575)
BELEM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu
Dias, 63 (611454)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes
Pereira, 34 (784838) * Vitex, Est. de
Benfica, 373 (780548)
CAMÕES — Sanitas, Pr. Luis de Ca-
mões (322798)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R.
de Campo de Ourique 131-133
(686640) * Elma, R. D. Maria Pia,
358-A (686176)
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R.
de S. Lazaro, 128 (42829)
CAMPO GRANDE — Cabrita Campo
Grande, 220-222 (772397)
CAMPOLIDE — Juiz de Oliveira, R.
de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Qua-
ta dos Balseiros de Baixo Vila Paulo
Jorge, 1 (790969)
CONDE DE REDONDO — Salma, Rua
Luciano Cordeiro, 73 (42239)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEAIO —
Conceição, Calç. D. Gastão, 30-32
(381279) * Pereira, Suc. R. do Para-
iso 98-100 (863224)
ENTRECAMPOS — São Miguel, Rua
Francisco de Moraes, 1 (771469)
ESTRELA E LAPA — Tagum, Praceta
da Rua Possidónio da Silva, 162-A
(669485) * Mota Capitão Rua de S.
Félix, 45-A-B (660720)
GRACA — Silva, Calçada de St. André
16 (862074) * Branquinho, Rua dos
Sapadores, 87 (842725)
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R.
das Janelas Verdes, 90 (662327)
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 17
(790480)
MARQUÊS DE POMBAI — Liberal,
Av. da Liberdade, 219 (43641)
OLIVAIS — Olivais, R. Alves Gouveia,
19 (389237)
PALHAVA — Curie, Av. Madame Curie,
15-A (778439)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do
Nascimento Costa, 16-A Bairro de
St. Engrácia (Tels P P C. 728395-
720703)
RATO — Vicente de Jesus, Largo do
Rato, 3-C-D (681947)
REGO — Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 160 (761035)
RESTELO — Belém, R. Iristão Vaz
à Encosta do Restelo (612248)
SANTO AMARO — Gomes, suc. R. da
Junqueira, 326 (638193) * Dilema, R.
Aliança Operária, 49-A-B (636620) *
Costa, R. Lusitana, 32 (636704)
S. BENTO — Fénix, Rua da Cruz dos
Poais, 52 (321031)

CENTRO DE ENFERMAGEM
PERMANENTE
Injeções — Tratamentos — Velas
— Soros — Oxigénio — Camas
articuladas — Ambulância
Telef. PPC 76 61 61

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFONICAS 76 61 46

TELEFONES

DE SERVIÇOS URGENTES

BOMBEIROS
Sapadores 322222
Voluntários 538524
AGUA, GÁS E ELECTRICIDADE
Companhia das Águas 361553
Companhias Reunidas 320021
Gazcilda 538821
Gazcilda (dom. e feriados) 382069
POLÍCIA E G. N. R.
Segurança Pública 366141
Judicária 735380
Marítima 326456
Internacional 362721
Viação e Trânsito 42205
G. N. R. (área rural) 36865

SAÚDE
Cruz Vermelha 665342
Enfermagem permanente 766161
Enfermagem de urgência 43738
Hospital de Santa Maria 775171
Hospital de S. José 860131
Sangue, oxigénio e soro 771161
Transfusões, soros e oxigénio 538524

TRANSPORTES
Aeroporto 721101
Caminhos de ferro (C. P.) 869029
Caminhos de ferro (Estoril) 361121
Estação Fluvial (T. Paço) 325345
Estação Mar. de Alcântara 663195
Estação Marítima da Rocha 672445
Estação Fluvial (Belém) 638531



O CAFÉ QUE
SABE A CAFÉ...

VILARINHO
& SOBRINHO, L. DA
JANELAS VERDES
LISBOA

RELÂMPAGO

ABRE
BREVEMENTE

motor

publica-se às sextas-feiras

CARTAZ DOS CINEMAS



As 3 da tarde (p. r.)
e às 9.30 da noite
(M. 12 anos)
Charlton Heston
e Rex Harrison
em

A AGONIA E O EXTASE
(MIGUEL ANGELO)
em TODD-AO — Cor de Luxe
Em rigoroso exclusivo



As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)

3.ª SEMANA
A mais recente obra-prima de
JOHN FORD
O GRANDE COMBATE
(CHEYENNE AUTUMN)
com Richard Widmark — Carol Baker
— Sal Mineo — Dolores del Rio
TECHNICOLOR



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
(M. 12 anos)

Telef. 322523 **GORDON SCOTT**
na maior figura do Oeste americano
num filme da maior emoção...

BÚFALO BILL
Herói do Far West
com Catherine Ribeiro e Jan
Hendriks
TECHNISCOPE e TECHNIRAMA



As 15.15 (p. r.)
e 21.45
(M. 17 anos)

Uma comédia
divertidíssima
«COGNAC» O MEU RIVAL
com Tony Curtis e Christine Kaufmann



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)

Charlton Heston,
Rex Harrison
e Diane Cilento
no fabuloso filme de «sir» Carol Reed
A AGONIA E O EXTASE
(MIGUEL ANGELO)
Exibido em rigoroso exclusivo de tem-
porada
Tela de 70 mm. — Technicolor.



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA

A triunfal comédia
de que todos falam
MARISOL APAIXONADA
com Isabel Garcés, Robert Hutton
e o famoso Duo Dinámico
Uma divertida história, com maravi-
lhosas canções e baillados.
Eastmancolor (M. 12 anos)

OUTROS ESPECTÁCULOS EM LISBOA

CIRCO
COLISEU — As 21 e 30: Nova Com-
panhia de Circo.

TEATROS
AVENIDA — As 22 h.: «A escada»
(17 anos).
MONUMENTAL — As 21 e 45: «O
comprador de horas» (17 anos).
VILLARET — As 21 e 23 h.:
«O homem que fazia chover» (17
anos).
VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«Mesas separadas» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e
às 23 h.: «E viva o velho!» (17
anos).
VARIEDADES — As 20 e 45 e às
23 h.: «A ponte a pé» (17 anos).

CINEMAS
CINEARTE — A's 15 e às 21:
«A casa encantada» (17 anos).
PARIS — A's 15 e às 21: «Geró-
nimo» (12 anos).
OLÍMPIA — As 14 e às 19 h.: «Ro-
binson Crusoe em Marte» (12
anos).
PROMOTORA — As 15 e às 21 h.:
«Águias do Pacífico» (17 anos).
ARCO-IRIS — As 15 e às 21 h.:
«As criminosas do Texas» (17
anos).
SALÃO LISBOA — A's 14: «007
ordem para matar» (17 anos).
ROYAL — A's 21: «Por amor ou
por dinheiro» (17 anos).
JARDIM — A's 21: «Sua Exce-
lência o embaixador» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — «Esporas
de aço» (17 anos).
CINE-ORIENTE — «20 quilos de
sarihos» (17 anos).
CAMPOLIDE — A's 21 e 15: «Ho-
ras roubadas» (17 anos).
CINE-BÉLGICA — A's 21: «Don-
de vens tu Johnny» (17 anos).
BOMB. V. LOURES — A's 21:
«Escravos do vício» (17 anos).



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Uma comédia de
gargalhada

«COGNAC» O MEU RIVAL



As 15.15 e 21.30
(Adultos)
3.ª SEMANA
O êxito de Soraya

Telef. 555134 em
**AS TRÊS FACES
DE UMA MULHER**
com Soraya — Alberto Sordi



As 15.30, 18.30
e 21.45
(Adultos)
O filme de
Frank Perry

DAVID E LISA



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)

Telef. 54153/54
«O CASO IPCRESS»
com Michael Caine — Susie Lloyd



As 15.15, 18.30
e 21.30
(Adultos)
3.ª SEMANA

UM NOVO VII-
TÓRIO GASSMAN
O SUCESSO
com Anouk Aimée e J. Louis Rintignant



As 15.15, 18.15
(p. r.) e 21.30
EM 3.ª SEMANA

O filme de excep-
cional envergadura
**GENGHIS KHAN,
O CONQUISTADOR**
com Stephen Boyd, Omar Sharif, Fran-
çoise Dorléac e James Mason
A história de um guerreiro que espal-
hou o terror com as suas bordas bár-
baras.
PANAVISION (col.) (M. 12 anos)



As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
de continuação gar-
galhada!

A Maliciosa e caricatural comédia colo-
rida de Robert Dhery
**FIM DE SEMANA
EM LONDRES**
(ALLEZ FRANCE!)
com Diana Dors e Colette Bronet



As 15.15 e 21.15
(M. 12 anos)

**A FÚRIA DO PODER
OU VAI OU RACHA**



As 15.15, 18.15
e 21.30
(Adultos)

Telef. 538743
O FANTASMA DA ÓPERA
com Herbert Lom e Heather Sears
— EASTMANCOLOR —



As 21.30
(M. 17 anos)

Telef. 610375
**O ASSALTO
AO TREM
PAGADOR**
com Eliezer Gomes, Sarge Dória
e Átila Lório



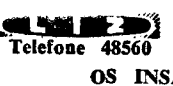
As 15 e às 21 h.
(M. 17 anos)

Telef. 320917
UM CACHO DE UVAS AO SOL
13 RAPARIGAS ATERRORIZADAS



As 15.15 e 21 horas
(M. 17 anos)

Telef. 324194
**AS SENHORAS
OS DEGRAUS DO TERROR**



As 21 horas
(M. 17 anos)

Telef. 48560
**OS INSACIAVEIS
COMPLEMENTOS ESCOLHIDOS**



As 17 h. e 21.30
(M. 17 anos)

**ESCAPE
LIVRE**
com Jean-Paul Belmondo e Jean
Seberg

Começou em Beja o julgamento de um homem que assassinou outro à navalhada

BEJA 4 — Em tribunal colectivo presidido pelo juiz corregedor dr. João Dias Pereira, principiou hoje, nesta cidade, o julgamento de José Faustino Santana Guerreiro, trabalhador rural, residente em Montes Velhos, Aljustrel, que na madrugada do dia de S. João, por motivos fúteis, assassinou com 15 golpes de navalha, Francisco António da Silva, de 41 anos, surdo-mudo, também trabalhador rural. O crime, que emocionou grandemente a população daquela aldeia, não teve quaisquer testemunhas, tendo o assassino feito voluntariamente a sua apresentação às autoridades, no dia seguinte, e confessado o seu acto.
A audiência só deverá terminar à noite.

Soldado ferido involuntariamente por um camarada durante um exercício

ÉVORA, 4 — No Bairro de Santa Maria, onde participava num exercício militar, foi atingido por uma bala, disparada involuntariamente por um companheiro, o soldado do Regimento de Infantaria 16, n.º 1115-65, José Domingos Simões Fernandes, que foi atingido na perna esquerda junto à virilha. Uma ambulância dos Bombeiros Voluntários de Évora conduziu o ferido ao Hospital Militar n.º 4, onde ficou internado embora o seu estado não se considere grave.
As autoridades militares ordenaram um inquérito para se determinarem as circunstâncias em que se deu o acidente.

PUBLICAÇÕES

(Continuação da 2.ª página)

Augusto de Castro, J. Costa Morei-
r e Rodrigues Pena.

**PORTOS, CAMINHOS DE FERRO
«BOLETIM DA SOCIEDADE
DE LINGUA PORTUGUESA»**

Está publicado mais um numero do «Boletim da Sociedade de Lingua Portuguesa», de que é director o prof. Hernâni Cidade, e que traz os artigos: «As linguas internacionais e o problema da lingua universal, pelo dr. Fernando V. Peixoto da Fonseca; «Formas em que

vulgarmente se erra» e «Consultó-
rio», pelo dr. Irondino Teixeira de
Aguilar; «Estudos da lingua por-
tuguesa» e «Fernando Oliveira»,
pelo dr. José Pedro Machado; e
«Uma carta de António Tomás Pi-
res», e «Bibliografia», pelo dr. Pau-
lo Caratão Soromenho.

E TRANSPORTES DE MOÇAMBIQUE

Recebemos mais dois numeros do boletim mensal dos Portos, Caminhos de Ferro e Transportes de Moçambique, que inserem interessantes artigos e valiosas informações.

NO As 20.45 e 23 h. Eduardo Damas apresenta

MARIA VITÓRIA «... E VIVA O VELHO!»



Uma revista cheia de gra-
ça com boas
piadas e um
grande
elenco!

UM
GRANDE
ÊXITO!

M/ 17 ANOS

CAMILO • DULCE • LUISA DURÃO e ANJOS

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA HOSPITAL DE SANTA MARIA

CONCURSOS PARA O ANO DE 1966

Gases Medicinais e Outros	Conc. Público n.º 1/66
Papéis Registradores para Electromedicina e para Apa- relhos de Laboratório	Conc. Público n.º 2/66
Material de Expediente	Conc. Público n.º 3/66
Produtos de Limpeza	Conc. Público n.º 4/66
Combustíveis Líquidos e Gasosos	Conc. Público n.º 5/66
Detergentes	Conc. Público n.º 6/66

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias uteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria dos Abastecimentos.

A abertura das propostas terá lugar nos dias e horas indicados nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1965.

PELO CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS
Jorge Sereno d'Almeida Ribeiro

bom apetite



chicote RESTAU-
RANTE
TURISTICO
REGIONAL
P. do Areeiro, 3-B — Telef. 720672
**COZINHA REGIONAL
SERVEM-SE BANQUETES
— E —
LANCHES DE CASAMENTO**

**RESTAURANTE
MONTE
ALENTEJANO**
Diariamente servimos os pratos
característicos das regiões de
PORTALEGRE, ÉVORA e BEJA
Rua D. Luís de Noronha, 32-A
(A Av. de Berna) — Telef. 778095
(Encerrado às 2.ª-feiras)

BÓLIDE
(COZINHA REQUINTADA)
AS SUAS ESPECIALIDADES
BÓLIDE
2 ANOS CONSECUTIVOS
PREMIADOS PELO S. N. I.
AV. DE ROMA, 7-A

BETA
Apresenta
LÁ-NYLON
MOUSSE-NYLON
FIQUE ESCOCIA, ETC.
OS
MELHORES
PADRÕES
(PEÇAS SEM RIVAL)

**RESTAURANTE
RESTAURAÇÃO**
AS MELHORES E MAIS RÁPI-
DAS REFEIÇÕES AOS MAIS
BAIXOS PREÇOS
Especialidade de Churrasco
RUA 1.ª DE DEZEMBRO, 105
Telef. 369495

**RESTAURANTE
CASTANHEIRA**
Est. da Torre - Lumiar - Tel. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
ORQUESTRA DE DANÇA
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
(Maiores de 15 anos)

**PRAIA DE SANTA CRUZ
MAR-LINDO**
RESTAURANTE COM LINDA
VISTA PARA O MAR
APOSENTOS CONFORTÁVEIS
O MELHOR PARA BANQUE-
TES, NOS SEUS ÓPTIMOS SA-
LÕES OU EM QUALQUER LO-
CAL ONDE SE PRETENDA

UMA ORGANIZAÇÃO DA PAS-
TELARIA HAVANESA
DE TORRES VEDRAS

O nosso «CHEFE» sugere-lhe

Tartex PARA BARRAR O PAO
ACOMPANHAR O PRATO OU EM OMOLETE.
Peça nos bons estabelecimentos de alimentação



**SNACK TÍPICO
FRAGATA**
ÓPTIMO AMBIENTE
Rua Cais de Santarém, 4 e 6-A
Amanhã
BACALHAU NA CANOA
Servem-se jantares
Reserva de mesas pelo tel. 87 10 62
Parque p/ automóveis

COZINHA ALENTEJANA
AV. DO AEROPORTO, 66
Telef. 727071
SERVIÇO DE RESTAURANTE
Servem-se lanches de casamento
e banquetes
ENCERRA AS 2.ª-FEIRAS

RESTAURANTE A COLMEIA
Alimentação Racional
• DIETA VEGETARIANA
• ORIENTAÇÃO DIETÉTICA
ENCERRA AOS DOMINGOS
R. Emenda, 110-2. (Ao Camões)
I 370500

Restaurante CUBANA
Av. Miguel Bombarda, n.º 14
Telefone 773280
COZINHA PORTUGUESA
Amanhã
Caldeirada à Cubana
Sábado
Bacalhau à Cubana

O PATRIMÓNIO ARTÍSTICO DE PORTUGAL VAI SER ENRIQUECIDO COM UMA VALIOSA COLECCÃO DE CENTENAS DE PEÇAS DE PORCELANA E DE PINTURA DE GRANDES MESTRES LEGADA PELO DR. ANASTÁCIO GONÇALVES

Há cerca de dois meses que faleceu na Rússia, durante uma das suas tradicionais viagens ao estrangeiro, o sr. dr. Anastácio Gonçalves, conhecido médico oftalmologista, que tinha consultório na Avenida da Liberdade.

O sr. dr. Anastácio Gonçalves era não só médico de nomeada, como pessoa de invulgares meios de fortuna. Oriundo de uma família de posses aquele médico, que se manteve solteiro, até ao fim da vida, viu os seus valores sucessivamente aumentados com legados de tias ricas. Sem mais parentes que duas velhas irmãs, ainda vivas, residentes em Alcanena, terra da naturalidade da família, o sr. dr. Anastácio Gonçalves refugiou-se no convívio de um pequeno grupo de amigos e na colecção das suas obras de arte, nas quais empastou, desde novo, grande parte dos seus rendimentos.

As Santas Casas da Misericórdia de Lisboa e de Alcanena são as usufrutuárias da fortuna do extinto.

Viajando incansavelmente pelo estrangeiro em busca de peças raras ou de alto valor artístico, o dr. Anastácio Gonçalves foi recheando a sua casa desses valores, ao mesmo tempo que cultivava o seu espírito pelo contacto com civilizações tão dispares como as da Rússia e da Palestina, por exemplo, países visitados nos dois últimos anos.

● O «Gulbenkian português»

Estamos em crer que não será exagero considerar Anastácio Gonçalves como o «Calouste Gulbenkian português», quando hoje, ao fim da tarde, for dada a conhecer aos representantes dos órgãos da Informação a parte do seu testamento referente ao destino dos seus bens. Desde o falecimento daquele médico que várias conjecturas se faziam quanto às suas últimas vontades.

O seu testamento já foi, no entanto, aberto há longo tempo, embora se tivessem até agora mantidas ignoradas dos estranhos as suas cláusulas, já que faltava, legalizar vários aspectos derivados das condições em que se deu o falecimento.

Vários documentos trocados entre Portugal e a Rússia não estavam correctos, assim se arrastando um pouco mais esta questão, que há-de terminar pela vinda do corpo para Portugal e que tem hoje, ao fim da tarde, o primeiro acto publico, na reunião dos testamenteiros (um grupo de amigos) com a Imprensa.

Segundo conseguimos apurar esta manhã, todos os bens são doados ao Estado, não havendo, portanto, qualquer particular beneficiado, a não ser em pequenos objectos ou recordações puramente simbólicas. Deste modo, essa fortuna, de valor incalculável, será dividida, em duas partes, digamos, a artística e a dos bens rentáveis.

A parte dos bens artísticos será confiada inteiramente ao Estado, através do Ministério da Educação Nacional, segundo condições que o testador estabeleceu e os testamenteiros irão concretizar.

A parte dos bens rentáveis, como propriedades, papéis de crédito, depósitos bancários, etc., destinam-se a obras de assistência, e serão administradas pelas Santas Casas da Misericórdia de Lisboa e de Alcanena, terra da naturalidade do doador. São muitas e várias as obras de caridade ou assistência visadas pelo testador, mas entre elas ocupa lugar de destaque a que se refere à protecção dos cegos. Compreende-se esta preocupação do saudoso defunto, se nos lembrarmos de que foi discípulo directo de Gama Pinto, em cujo instituto leccionou, além de ser um excelente clínico

oftalmologista, que introduziu no nosso País novas técnicas de tratamento.

Além desta parte destinada, pois, às Misericórdias, existe a outra, não menos importante, das suas colecções de arte.

● Casa Museu, patente ao público

Na Avenida 5 de Outubro existe, quase em frente da Maternidade Alfredo da Costa, a «Casa Malhoa», onde Anastácio Gonçalves residia desde 1931, ano em que a adquiriu. Trata-se, como o nome indica, da casa onde viveu o grande pintor português. Edifício de aspecto solar, com dois pisos e rodeado por um enorme jardim, mal se adivinha que alberga no seu seio algumas preciosidades de incalculável valor artístico.

Tem-se falado muito das quase duzentas e cinquenta telas, algumas de grandes mestres, que formam a pinacoteca do falecido. Mas, afirmaram-nos, esta manhã, que mais preciosa ainda é a sua colecção de porcelanas, não falando dos estupendos móveis, portugueses e franceses, ourivesaria, tapetes, livros e demais objectos que enchem a residência que foi deste grande conhecedor de coisas de arte.

Espírito requintado, ele quis que o publico pudesse desfrutar do prazer de contemplar estas maravilhas, estatuidando que a sua «Casa Malhoa» se transforme num museu. Evidentemente que até tudo isto se transformar em realidade ainda haverá muitas diligências, trabalhos e cansaças a desenvolver pelos testamenteiros. Mas todas elas serão bem devidas à memória deste benemérito que, tal como Calouste Gulbenkian (de quem, aliás, foi amigo) passou os anos mergulhado no silêncio da sua casa amontoando bens e preciosidades de que a comunidade agora passará a beneficiar.

O ministro da Justiça no Porto

(Continuação da página central)

tos que requerem especialmente a atenção dos participantes e evitam do que se percam em divagações, senão de todo inúteis, pelo menos deslocadas perante os fins da assembleia.

Congratulou-se com o método seguido nas diligências preparatórias daquele «pequeno certame de ideias» onde, pela primeira vez, «foi possível trabalhar dentro do esquema desde há muito adoptado pelas associações internacionais de maior prestígio que se consagram ao estudo e resolução de questões de carácter científico ou de natureza social».

Importância da estatística

Falando, depois, da importância teórica e prática dos elementos estatísticos nas instituições tutelares de menores, acentuou a certa altura: «Não sendo tudo, os elementos da estatística são muito, e podem, se forem coligidos com rigor e interpretados com inteligência, servir não só de guia mas até de estímulo para quem pretenda caminhar em certas zonas da vida pública com a indispensável segurança. Só eles podem servir de escudo eficaz contra os dois maus resultados a que conduz com frequência a contemplação casualística ou a consideração puramente empírica da realidade concreta de determinado momento: seja o desânimo que se apossa de muitos perante fracassos que por vezes pouco ou nada significam no conjunto de uma obra, seja o narcisismo que doutros se apodera em face do êxito espectacular de meia dúzia de casos que são como simples gota de água no mar imenso das necessidades que importa vencer».

— No sector particular da juventude inadequada — prosseguiu — o conhecimento exacto dos casos de delinquência, pré-delinquência, para-delinquência ou indisciplina juvenil, a determinação do meio donde procedem os internados, o apuramento de todas as médias aplicáveis a cada menor, são essenciais para o diagnóstico das causas de inadequação, para o aperfeiçoamento dos processos de profilaxia social em matéria tão delicada, para

o ensaio de novas técnicas de tratamento e para a correcção de muitos erros de actuação dos serviços.

● «Nenhuma solução deve ser furtada à vossa crítica»

Já a terminar, o sr. dr. Antunes Varela, dirigindo-se aos participantes daquela reunião, afirmou nomeadamente:

— Julgo que tudo deveis estudar, tudo podeis discutir, e que nenhuma solução, incluindo as que estão fixadas na lei, deve ser furtada à vossa crítica.

— Essencial é que seja recta a vossa intenção e construtiva a vossa apreciação crítica. Que tenhais não só a consciência plena da vossa responsabilidade de educadores, mas o sentido exacto das proporções — não desprezando o bom, na ânsia de alcançar o ótimo, tantas vezes inacessível à imperfeição da argila humana — e que não percais ainda a justa medida das nossas possibilidades (como quem diz as características especiais dos rapazes que nos estão entregues, os defeitos de colaboradores que não é fácil eliminar, a limitação dos recursos que são postos ao nosso alcance).

— Vós deveis estudar tudo, com o desejo veemente de assegurar o progresso dos serviços e o propósito firme de vencer a força aniquiladora da rotina, mas com o prudente sentido de realidades que os participantes conhecem como ninguém.

— Tudo podeis discutir — decerto sem a mera preocupação de luzir conhecimentos ou revelar inconformismo perante os colegas, mas com a consciência de quem cumpre apenas um dever inerente à função que desempenha.

Depois do almoço, o sr. ministro da Justiça foi visitar as obras em curso no tribunal de S. João Novo, onde serão instalados todos os tribunais criminais da cidade. Ao fim da tarde, aquele membro do Governo seguiu para Lisboa de avião.

Os trabalhos da IV Reunião de Estudos dos Serviços Tutelares de Menores prosseguem amanhã e no sábado.



A marquesa de Villaverde, filha do generalíssimo Franco, presidiu, em Madrid, à distribuição dos Prémios «Mayte», no acto da entrega do galardão ao bandarilheiro português Mário Coelho

O CASAL WELLES FEZ COMPRAS EM CASCAIS E REPOUSA NO GUINCHO (onde reside uma antiga senhora Welles)

Orson Welles que, como noticiámos, se encontra em gozo de férias no Guincho, deitou-se esta madrugada a uma hora...

Em companhia da mulher e da filha, o cidadão Kane deslocara-se a Lisboa. Um passeio nocturno pela cidade? Algumas horas passadas numa casa de fados?

Esta manhã, o seu secretário espanhol, Vallo Ramos, abandonou o hotel daquela famosa praia. Quais seriam os seus afazeres? Quais as instruções recebidas de seu patrão...?

● Café com leite, pão com manteiga

— Talvez marcação de bilhetes... — disse-nos alguém que tem lido muito de perto com o famoso realizador.

Orson Welles, esta manhã, tomou o chamado pequeno almoço continental, contentando-se com o que

lhe foi apresentado. Ele, a mulher e a filha permaneceram até ao meio-dia no terraço do hotel, gozando o sol e descansando os olhos na imensidão do mar...

● Um dicionário de português

— Um casal deveras simpático... — disseram-nos, contando-nos ainda que a mulher de Orson Welles (uma condessa italiana...) foi ontem a Cascais com um singular propósito: a compra de um dicionário de português...

— Eu e minha filha — teria dito a senhora Welles — vamos aprender um pouco de português. Assim nos defenderemos melhor no vosso País cheio de sol...

● Quando um homem casou mais de uma vez...

Agora uma pequena indiscrição... No Guincho, numa vivenda sossegada, vive uma senhora que... já foi esposa de Orson Welles!

Trata-se de Virginia Pringle. Tal, no entanto, em nada altera a perfeita harmonia em que vive Welles com a sua actual mulher — cerca de vinte anos mais nova do que ele. Até porque Orson Welles é um ente civilizado, gentil, senhor dos seus sentimentos e da sua inteligência...

Vai fomentar-se o afluxo a Portugal de turistas nórdicos

Há três dias que se encontra de visita ao nosso País um grupo de vinte e cinco agentes de viagens finlandeses, os quais, a convite da Agência de Viagens Star e com a colaboração do Hotel Estoril-Sol e de Claras-Turismo, se deslocaram a Lisboa a fim de estudar as possibilidades de promover o aumento do afluxo do turistas nórdicos, especialmente finlandeses, a Portugal.

Do grupo, que viajou num avião especial, fazem parte, além de representantes das principais agências de viagens finlandesas, o coronel J. Z. Duncker, presidente do conselho de administração da Agência Suntours, que organiza todos os voos fretados da Finlândia, e que desde 1965 começou a encaminhar turistas finlandeses para Portugal.

Com estas reuniões de estudo em Portugal a que têm assistido o sr. dr. Alvaro de Sousa, como delegado da Comissariado do Turismo, pretende-se estimular esta corrente, dando a conhecer os interesses turísticos do nosso País, e especialmente as possibilidades das zonas de Lisboa, Estoril, Sesimbra, Algarve e ilha da Madeira.

Espera-se que esta promoção, iniciada pela «Star» directamente junto da principal organização turística da Finlândia, venha em breve a traduzir-se num considerável aumento de visitantes provenientes daquela área.

Os agentes que nos visitam estiveram hoje, pelas 13 horas, na sede da Agência Star, onde foram recebidos pelos administradores drs. Ruy Leitão e Cid Proença e por outros elementos directivos, que lhes ofereceram um aperitivo durante o qual o sr. dr. Ruy Leitão lhes endereçou saudações.

A REUNIÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA

(Continuação da 1.ª página)

ca na política de Portugal quanto aos territórios africanos desse país. E' a pedido de 34 nações africanas que o Conselho deve inaugurar hoje um debate sobre o assunto. O pedido foi apresentado pela primeira vez em Agosto, mas diversos factores, incluindo a pressão do volume de serviço do Conselho relacionado com outras questões e os compromissos dos ministros africanos, retardaram a sessão.

O caso africano será apresentado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros da Libéria e da Serra Leoa, J. Rudolph Grimes e C. B. Rogers-Wright, Mongi Slim, representante especial da Tunísia, e Louis Rakotomalala, representante permanente de Madagáscar.

O ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, defenderá a política do seu Governo em Angola, Moçambique e Guiné portuguesa.

TOMOU HOJE POSSE o novo vice-chefe do Estado-Maior da Armada

Efectuou-se, esta tarde, no Ministério da Marinha, a cerimónia da posse do novo vice-chefe do Estado-Maior da Armada, sr. almirante Laurindo dos Santos, que substituiu naquelas funções o almirante da reserva sr. Joaquim dos Santos Oliveira Junior.

Assistiram ao acto, além do almirante Armando de Roboredo, chefe do Estado-Maior da Armada, todos os almirantes e comandos com funções de comando ou de direcção e muitos outros oficiais.

De manhã, o sr. ministro da Marinha entregara, no seu gabinete, ao almirante Oliveira Junior, a medalha de ouro de Serviços Distintos, na presença de outros oficiais-generais.

Presidente do Conselho

Com o sr. prof. dr. Oliveira Salazar trabalhou, esta manhã, o subsecretário de Estado da Presidência do Conselho.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, nas regiões do litoral Oeste, e pouco nublado nas restantes regiões, e o vento era fraco, predominando de Leste.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Tavira, 18°; mínima: Penhas da Saúde, —1°.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 12°; Faro, 12°; Funchal, 14°; Lisboa, 12°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 7°; Porto, 9°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 13,1°; na água do mar, 17,5°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco ou moderado de Leste; formação de geada nas regiões do Norte e do Centro do território de Portugal Continental; acentuado arrefecimento nocturno.

AMANHÃ:
Nascer às 7 e 08
Ocaso às 17 e 33

FASES DA LUA

☾ Dia 9 ☾ Dia 16 ☾ Dia 1

MARÉS

PREIA-MAR — Dia 4 — As 12 e 09 (3,5 m). Dia 5 — As 0 e 42 (3,5 m); 12 e 55 (3,4 m). Dia 6 — A 1 e 20 (3,6 m); 13 e 31 (3,8 m).
BAIXA-MAR — Dia 4 — As 5 e 33 (1,9 m); 18 e 03 (1,6 m). Dia 5 — As 6 e 20 (1,6 m); 18 e 41 (1,4 m). Dia 6 — As 7 horas (1,4 m); 19 e 20 (1,2 m).

AMANHÃ ANDA A RODA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Vida literária e artística

4 DE NOVEMBRO
1965
SUPLEMENTO
SEMANAL
Diário de Lisboa
N.º 379

NOS 80 ANOS DE FRANÇOIS MAURIAC

Completo há dias oitenta anos o escritor François Mauriac, uma das mais notáveis figuras da França literária neste século, Prémio Nobel, personalidade representativa de toda uma época da literatura e da cultura mundiais. O seu primeiro livro, «Les Mains Jointes» foi publicado há cinquenta e seis anos, em 1909, e saudado calorosamente por Paul Bourget e por Barrès. Católico afirmado, Mauriac parecia votado ao alinhamento com as tendências que então absorviam os sectores dominantes do catolicismo literário e oficial. Tinha decorrido, entretanto, a decisiva «questão Dreyfus». E é o próprio escritor que recorda, em entrevista concedida recentemente a «Le Monde», por motivo do seu 80.º aniversário, a opção crucial que lhe foi posta:

«Era quase uma criança por altura da «questão Dreyfus», mas o seu eco ficou a encher a minha vida inteira. Foi muito importante para nós, jovens católicos, que vivíamos o drama da Igreja. Parte do clero tinha tomado posição no sentido apontado por Barrès. Mas houve fortes reacções, como a do movimento do «Sillon», de Marc Sangnier, a que aderi imediatamente. Barrès é que tinha feito a má escolha».

Na entrevista evocativa, Mauriac fala de Proust, que conheceu pouco antes da morte e que considera figura tutelar da mesma família espiritual a que se considera

mais profundamente ligado; de Claudel, que considera «a injustiça em pessoa, de uma má fé espantosa», mas a que se sente devedor de «imenso reconhecimento» pelo testemunho de convicção religiosa que trouxe à literatura; de Colette, «muito inteligente, maravilhosa escritora, criatura complexa e singular, toda de instintos»; do «pobre Cocteau», que sempre o exasperou, não pela sua «dificuldade de ser» mas pela maneira de ser; de Maritain, que foi o «anjo da guarda da sua geração»; de André Gide, que personificou a «reacção contra a baixa literatura, contra o que não era verdadeira literatura»; de Copeau, a quem ficou devendo as suas melhores recordações de teatro.

Falando de Picasso, afirmou: «Inclino-me ante o seu génio. Aprecio muito essa boutade de Chagall: «Picasso, que homem de

génio, mas que mau pintor!». Possui a genialidade, sem dúvida, mas não creio, sinceramente, que seja um bom pintor. E não gosto das suas cores. Veio para a arte como a bomba atómica: fez voar tudo pelos ares. Para isso é preciso génio». E, falando de música, espraçou-se Mauriac em opiniões sobre Mozart, que proclama «uma testemunha de Deus», acrescentando: «Acreditar que a vida surgiu, num momento dado, na superfície da matéria, saindo do nada acreditar que nessa célula originária estava já contido o «Concerto em ré» de Mozart parece-me mais inverosímil do que toda a fé cristã. O que creem os cristãos é louco, mas o que pensam os ateus é absolutamente louco».

A concluir a longa entrevista, fremente de vivacidade, empolga-

(Continua na página seguinte)

Edição romena de «O Trigo e o Joio»

de Fernando Namora

Pela organização romena Editura Pentru Literatura Universală, de Bucaresta, acaba de ser publicada a edição naquela língua do romance de Fernando Namora «O Trigo e o Joio». Traduzido por Victor Bercescu e com extenso prefácio interpretativo e crítico do escritor romeno Mihai Murgu, esta edição apresenta as características apropriadas à mais larga divulgação, que é do intuito da organização que a publicou. A capa expressiva e sóbria e as afinidades com o tipo de «livro de bolso» que está a predominar nas grandes séries editoriais, assinalam a versão romena do consagrado romance de Fernando Namora, lançada com a tiragem inicial de dez mil exemplares.

«Griul și Neghina», título em romeno da tradução agora publicada, é «obra representativa do neo-realismo português, de grande força na evocação dos meios rurais e na análise das personagens em conflito», como se salienta na apresentação de capa.

Assinalamos, a propósito, que o filme estraiado de «O Trigo e o Joio» será estreado, dentro de dias, no Cinema Monumental, de Lisboa, sendo aguardado com o mais vivo e natural interesse nos meios literários e artísticos.

Esquemas de interpretação poética (I)

por ALBERTO COSTA

Será pertinente falarmos de realismo a propósito da poesia portuguesa dos últimos anos?

O aprofundamento do quesito antolha-se-nos de importância capital. Com efeito, diga-se em contrário o que se disser, toda a corrente poética explícita ou implícita, na sua definição, uma atitude em relação ao real: de interesse, de desinteresse, de compromisso, de alienação. E é, em últi-

ma análise, o *modus operandi* poético, i. e. o processo utilizado na transformação do real em poético, a verdadeira cruz axial dessa definição. Verifiquemo-lo.

Um sistema poético situa-se e valoriza-se (situa-se e valoriza-se) a partir de dois tipos de relações — e é inútil tentar resolver monisticamente o problema. Referi-

dades de uma organização desta envergadura.

Em primeiro lugar, o «kabuki» é uma novidade para a Europa. Os europeus que o viram no Japão são em numero reduzidíssimo. Quase se pode dizer que ainda ninguém, na Europa, viu o «kabuki». Será agora apresentado ao público pela primeira vez. O público europeu vê muito, e com muita frequência, teatro de todos os géneros. O «kabuki», no entanto, será uma novidade. Todos sabem como o público europeu aprecia a novidade, a originalidade, a tal ponto que nenhuma tradição viva de teatro pôde conservar-se, como acontece no Japão, uma vez

(Continua na página seguinte)

(Continua na última página deste suplemento)



François Mauriac fotografado recentemente junto do seu retrato por MacAvoy

ENCONTRO DO TEATRO OCIDENTAL E ORIENTAL

por BENITO ORTOLANI

(professor da «Sophia University», de Tóquio)

Todo o homem de teatro da Europa se sentirá profundamente satisfeito com a apresentação, finalmente, nos palcos célebres do velho continente, do verdadeiro «kabuki» de Tóquio. Este encontro era há muito esperado: quanto maior era a expectativa, maior era a responsabilidade, de parte a parte, para um juízo justo sobre o significado deste encontro.

Como europeu, que de há muito vem estudando a vida do teatro japonês, no Japão, gostaria de resumir as razões, que são decisivas, para muitos europeus acolherem efusivamente as representações do «kabuki». Estas razões são também, para mim, a certeza de que a iniciativa terá grande sucesso, apesar das enormes dificul-

mo-nos, é claro, às relações real-poético (encaráveis ainda a dois níveis) e às relações dita estruturais que se estabelecem entre os elementos constitutivos da organização poética. A ignorância de umas ou de outras é um vício



Reprodução da capa de «griul și neghina»

ENCONTRO DO TEATRO OCIDENTAL E ORIENTAL

(Continuação da página anterior)

que o público queria sempre algo de novo. Por isso, ou pura e simplesmente se deixou morrer o antigo, ou se lhe imprimiu tão grande transformação que dificilmente nos apercebemos dos vestígios das antigas tradições. O «kabuki» é, sem dúvida, para a Europa, um mundo verdadeiramente original. O primeiro contacto com o mundo «kabuki» consegue produzir uma impressão de frescura.

Em segundo lugar, todos sabem que é hoje viva, na Europa, a ânsia pelo chamado «teatro total». Tenta-se enriquecer o teatro falado com elementos da música, da dança, do canto, com o fim de valorizar, tanto quanto possível, todas as potencialidades de uma representação. Por exemplo, nas modernas encenações das tragédias gregas ou de outros clássicos que oferecem essa oportunidade, tem-se tentado realizar, cada vez mais, perfeitamente, este ideal. Assim, o «kabuki» só pode ser acolhido com entusiasmo, pois é exemplo prático de uma harmonia perfeita da dança, da música, do canto, aliada a efeitos plásticos, coloridos e pitorescos.

Em terceiro lugar, juntamente com a aspiração do «teatro total» verifica-se na Europa o desejo da estilização da interpretação existente. Durante muitos anos dominou na Europa, assim como na América, a encenação realista. Durante esse tempo quase se esqueceu que o teatro europeu também experimentara épocas de alta estilização, que, com o poder da fantasia, da máscara, da mímica exagerada, conseguia exprimir um elemento essencial do teatro: a transposição da realidade para o supradimensional, para o típico. A encenação realista permanece como elemento base dos processos generalizados, é trazida diariamente ao cinema, à televisão e ao teatro e mostra-se já gasta: já quase se viu tudo, sente-se já, desde há anos, que é tempo de se conseguir a libertação deste tipo de teatro. Assim, na Itália, por exemplo, tentou-se trazer novamente ao palco e com grande êxito, a arte não-realista, fantástica, da «Comedia dell'arte». Tentou-se uma nova forma abstracta, uma reacção ao naturalismo, ao realismo socialista. O teatro épico de Brecht é, também, essencialmente e nas suas melhores expressões, uma manifestação fortemente antinaturalista. O «kabuki» traz à Europa um mundo de estilização que, sem dúvida, vai ser muito apreciado. No «kabuki» reconhece-se o exemplo vivo de uma estilização que se constrói perfeitamente em si própria. Na Europa já está ultrapassado, há muito, o tempo em que apenas podia ser apreciada uma representação fiel à natureza. Verifica-se uma abertura a todas as representações válidas do fantástico, a todas as convenções que representem simbolicamente o quotidiano e que exprimam o extraordinário através da transposição e da fixação de formas determinadas. O «kabuki» é extraordinariamente rico em tais convenções, que conseguem exprimir todas as emoções essenciais da vida humana. E, justamente, a estilização dos gestos tornará expressa — para o homem de teatro, se, porventura, o não for para o grande público — uma linguagem universal que será particularmente apreciada. Não se deve porém pensar que a estilização tal qual do «kabuki» seja tomada no palco europeu. Para tal faltam muitas condições necessárias e, provavelmente, o público europeu nunca lograria uma penetração completa num mundo que apenas o isolamento do Japão durante o período Tokugawa pôde criar. Mas o significado do contacto directo e do facto de que a experiência deste mundo estilizado será uma inspiração e uma frutificação com vista a futuras experiências europeias. Os elementos primitivos e universais do teatro que, sem dúvida, existem em abundância no «kabuki», serão reconhecidos nos meios teatrais europeus de hoje e altamente apreciados como expressão de uma elevada tradição teatral. Penso, por exemplo, no *Mie*, como o «climax» de uma cena, ou na representação simbólica de uma cena de combate — agora considerada como alta estilização — de um «onnagata». Desde que os

homens do teatro europeu começaram a ir ao Japão, patenteou-se claramente a influência daquele mundo «kabuki» nas tentativas anti-realistas do teatro europeu, especialmente no que diz respeito à caracterização e a algumas cenas de «ballet». Mas era quase sempre através de leves cambiantes de encenação, introduzidas pelo encenador, pois aos actores faltava quase sempre a experiência directa, no palco, de uma companhia de primeira categoria. Na América, onde esta experiência pôde fazer-se recentemente, o mundo do teatro falado não estava, como na Europa, preparado para dela tirar proveito. Ali, a tradição naturalista está ainda profundamente radicada, especialmente na «Broadway», e eu duvido que o mundo do teatro falado americano esteja a caminhar para a libertação das tradições fortemente realistas (exceptuando-se o teatro musical, talvez a melhor forma do teatro ocidental, na medida em que se manifesta como «teatro total», estilização e ritmo da nossa época).

É interessante notar que, na Europa, os homens do teatro falado procuram, a maior parte das vezes, inspiração no «kabuki», e no «nô» e não tanto na ópera ou no «ballet» clássico. Talvez porque os homens do teatro falado procuram precisamente a referência necessária de uma estilização ou de uma expressão surrealista que, pelo contrário, já existe, tanto na ópera, através da música, como no «ballet» clássico, através do movimento simbólico. Aqui poderia talvez surgir um equívoco dos europeus, a ideia de que os «kata» (estilos) do «kabuki» são uma criação do próprio actor e não um património cultural que se transmitiu através de muitas gerações. Entre nós acontece até que a pantomima deveria ser recriada: recentemente tive, aqui em Tóquio, uma longa conversa com Marcel Marceau, o maior mímico vivo. Além dele, estava também comigo Honda Hideo, da escola «Komparu-ryû», e alguns peritos no «nô». Marcel Marceau disse-nos então que, praticamente, tinha de criar quase tudo de novo, pois na Europa não se tinha conservado nenhuma tradição viva da mímica. Como entre nós se costuma criar continuamente, é fácil também fazer-se a transposição para o «kabuki». Embora seja conhecido que se trata de uma arte tradicional, transmitida pessoalmente e que se aprende como um instrumento de música, os europeus facilmente dariam muito maior liberdade de criação ao actor isolado do que na realidade deve ser. No «kabuki» como no «nô» e como na execução da música (porventura um violinista, um pianista, etc.), trata-se mais de uma interpretação correcta segundo regras e «kata» (estilos) já existentes do que da criação de um novo género, embora uma criação como nos tempos primitivos não esteja ainda hoje completamente posta de parte: neste aspecto, o «kabuki» é mais jovem do que o «nô» e, em certa medida, a sua estilização é mais flexível do que a do «nô». A dar-se crédito aos críticos antigos, a técnica do «kabuki» foi, de facto, muito alterada nas últimas décadas e de tal forma que se pensou e se fundou um «Kabuki-hozon Kai» (Associação para Preservação do Kabuki) para se conservar a pureza do antigo estilo junto das novas gerações. Nós, europeus, com efeito, apenas podemos saudar esta preocupação, pois é para nós muito importante que, pelo menos no

Japão, se não perca um teatro tradicional tão significativo. De novo há aqui uma contradição aparente: é que muitas vezes a chamada inovação não é tanto uma inovação da verdadeira técnica «kabuki», mas somente uma concessão ao naturalismo preponderante, recebido do estrangeiro como é o caso de muitas peças modernas que são representadas no «Kabuki-za» (Teatro de Kabuki em Tóquio) por actores «kabuki», mas que já nada têm a ver com o «kabuki». De modo algum devem ser consideradas como progresso, mas como uma contaminação. E contaminação tanto mais grave quanto ela se transmite às peças que exigem a técnica tradicional. Não ponho em dúvida que as peças apresentadas na Europa o sejam na pura arte tradicional. Toda a concessão ao realismo servirá simplesmente para diminuir o êxito, pois pretende-se ver o «kabuki» exactamente como é na forma tradicional. Haveria pouco interesse em ver uma coisa que, afinal de contas, não diferisse muito da arte de representar europeia.

A mesma razão é válida para a estrutura dramática das peças. A forma livre do drama, que da a cada acto uma independência suficiente e não se preocupa tanto com uma estrutura lógica, podia ser encarada, há anos, como sinal de imaturidade, de primitivismo. Hoje, já não há que ter preocupação com este aspecto. No actual pluralismo teatral europeu, reconhecem-se e têm-se em conta todas as possibilidades do drama, enquanto elas sejam possuidoras de valor «teatral» autêntico. Desta forma, tanto se aprecia uma peça logicamente estruturada, como uma que, apesar do ilógico da fantasia, contenha autêntica grandeza humana ou, simplesmente, uma autêntica problemática verdadeiramente humana. O «kabuki» possui estes valores universais, tais como a fidelidade até à morte e para além da morte, o auto-sacrifício e o amor, em oposição aos eternos contrastes da tração e do ódio: eles falam, também, através de «kata» (estilos) fixados, uma linguagem universal, cujo conteúdo talvez seja mais visível para os europeus do que para muitos japoneses de hoje, pois que os europeus se interessam sempre muito pelo conteúdo dramático. A muitos japoneses, pelo contrário, já não interessa o conteúdo ideológico, mas a actuação da «estrela», a sua interpretação, a sua arte de dançar e o seu virtuosismo no canto. Muitas tentativas modernas do teatro europeu podem explicar como a experiência naturalista e anti-realista fez desaparecer em considerável medida as dimensões da intuição, da ausência de lógica e da fantasia. Na arte do teatro tradicional do Japão vêem-se precisamente aqueles valores por que se anseia. Além disso, apresenta-se também nele uma orientação que marca um movimento, embora, evidentemente, e como atrás foi dito, não se pense aceitar aquela técnica, pura e simplesmente.

Porém, todo o intercambio cultural necessita de uma preparação adequada, de uma apreciação correcta e de uma explicação ampla para se evitarem erros, para se não sobrestimar o êxito ou o fracasso aparente. Desejo que nesta oportunidade, importante e dispendiosa, não haja a satisfação por um êxito «oficial», mas que se sinta a necessidade de um contacto de apreciação mútua, de um conhecimento mais profundo, que só pode dar bons resultados. Para tal, há que excluir toda a exibição vaidosa da própria arte, como os complexos de inferioridade desnecessários: deve antes criar-se um desejo honesto de entendimento, uma colaboração entre todas as forças que podem contribuir para este entendimento, especialmente na esfera intelectual, e que defina, nem praticamente a opinião pública.

Um entendimento recíproco pode vir apenas de uma aproximação de ambos os lados, nomeadamente dos japoneses, que exibem a arte, e dos europeus que a recebem, com o seu «modus» europeu. Não me restam dúvidas de que este encontro «kabuki» com o público europeu será elemento valioso para fomentar uma melhor apreciação da cultura e da civilização japonesa.

POEMA

de máquinas rubras
dum tempo motor
segredo poemas
não de amor amor

já não és a musa
das minhas canções
nem choras o tempo
das divagações

comigo na cama
descobres o amor
e os poemas velhos
sabe-os de cor

ALBERTO COSTA

BENITO ORTOLANI

NOS 80 ANOS DE FRANÇOIS MAURIAC

(Continuação da página anterior)

da pelo fervor que põe em tudo o que escreve e diz, François Mauriac declarou ainda, passeando pelo parque da sua moradia de Vémars, na terra de Valois:

«Este aniversário não é para mim muito diferente do que a minha volta se celebra no mês de Outubro de todos os anos. Não tenho a superstição dos números — e já há muito que entrei na velhice. A velhice, de resto, começa muito cedo. Aos vinte e um anos já me sentia triste ao pensar que não tinha nem voltaria a ter vinte anos. Muito jovem ainda, já sofria com a velhice, talvez mais do que vim a sofrer com a grande velhice em que entrei. Não deixei, no entanto, de tirar disso partido.

Sou como um viajante que há já muito tempo chegou a um grande deserto gelado. Acabo de dar mais um passo nesse deserto — e não é por isso que me sinto mais velho. Acreditar na sua própria alma não é continuar a ser jovem, para sempre?»

Atrás de si, este octogenário de olhar agudo e palavra veemente tem vinte romances, cinquenta grandes ensaios, várias peças de teatro, poemas, colaborações inúmeras e influentes na imprensa. Recebeu o Prémio Nobel em 1952 e a Legião de Honra, é da Academia Francesa, amigo íntimo do presidente de Gaulle, posição primordial na confluência da política e da literatura. E a vida parece-lhe um deserto.

EM
TODA A EUROPA
ENCONTRA-SE

halazon

E, naturalmente,
encontrará também
HALAZON SPRAY ORAL

na farmácia,
drogaria ou tabacarias
onde se vai fornecer
habitualmente.
Ai o deverá
comprar caso
ainda o não use.



halazon
SPRAY ORAL

FRESCURA
SEMPRE À MÃO
SEM A MENOR
COMPLICAÇÃO.

Após as refeições, depois de ter fumado muito
ou tomado bebidas alcoólicas; quer em viagem,
em reuniões, conferências — ou longe da escova
de dentes e precisar de refrescar a boca.

Mais de 180 pulverizações de frescura. Por cada pulverização grandes benefícios. Preço: 32\$50

ANASCO GMBH WIESBADEN

ADMISSÃO AOS INSTITUTOS INDUSTRIAL — COMERCIAL

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

PROFESSORES ESPECIALIZADOS — ENSINO EFICIENTE
Novas turmas em organização — Aulas diurnas e nocturnas
INSCRIÇÕES: R. Conde de Redondo, 56-1.ª, Esq. — Telef. 736380

Está concluída a edição de «Obras-Primas da Pintura Estrangeira no Museu de Arte Antiga»

Com a continuidade que bem demonstra a segurança e o bom critério do seu trabalho publicou a editora Realizações Artis, em dezasseis fascículos, o relevante estudo «Obras-Primas da Pintura Estrangeira no Museu de Arte Antiga», por Armando Vieira Santos. A obra está agora concluída e pode apreciar-se devidamente em toda a amplitude das suas proporções literário-artísticas e gráficas. O autor prestou com ela um admirável serviço de divulgação do património artístico português, a que a editora soube imprimir a dignidade e a grandeza merecidas.

No fecho do seu meritório trabalho escreveu o dr. Armando Vieira Santos:

«Ao fazermos a análise das principais pinturas das escolas estrangeiras existentes no Museu de Arte Antiga, não tivemos a pretensão de esgotar o assunto. Obedecemos apenas ao desejo de evidenciar o valor artístico de cada uma, concretizado na originalidade da concepção, qualidade da factura e outras características que especialmente a notabilizam, e, ao mesmo tempo, apresentá-las como exemplo mais ou menos típico de determinadas fases da evolução estética que se foi verificando na pintura europeia através dos séculos, pintura na qual, naturalmente, se integram aquelas escolas. Como tivemos ocasião de constatar, nem todas essas escolas estão representadas no nosso Museu com a devida ordenação de épocas e tendências, de maneira a podermos seguir com verdadeiro conhecimento de causa as respectivas evoluções, condicionadas por múltiplos factores de ordem política e social, resultantes, em última análise, da própria evolução histórica da Europa. Encontramos inúmeras lacunas na sucessão dos períodos mais representativos de certas escolas, notamos a falta das obras de muitos pintores prestigiados pela celebridade ou deles só admiramos obras em número insuficiente para avaliarmos bem a sua grandeza, grandeza que ainda hoje continua a justificar essa celebridade. Em compensação, tivemos ocasião de admirar algumas obras cujo estudo muito pode contribuir para o conhecimento mais completo de certos períodos da pintura europeia, durante os quais essa modalidade das artes plásticas atingiu completa maturidade, justificada pela actividade criadora e persistente dos artistas seus componentes.

Assim, se a galeria de pintura do Museu Nacional de Arte Antiga não se pode comparar com outras hoje famosas, devido ao elevado número de obras-primas que apresentam, não deixa por isso de ser digna de uma visita demorada e atenta, capaz de satisfazer, conjuntamente, os estudos e os verdadeiros amadores da autêntica pintura».

A edição de «Obras-Primas da Pintura Estrangeira no Museu de Arte Antiga» está concluída. É uma notável criação intelectual e cultural que honra sobremaneira o seu autor e a editoria que a levou a cabo brilhantemente.

Entretanto, a editora Realizações Artis já anuncia que vai publicar em breve, na sequência da divulgação dos valores do nosso património artístico o primeiro fascículo de «Os Melhores Desenhos da Coleção do Museu Nacional de Arte Antiga». Também

da autoria do prestigioso crítico de arte Armando Vieira Santos, esta obra será iniciada no começo do próximo ano, em nível gráfico que vai assinalar a continuidade do valioso trabalho empreendido com a obra agora terminada.



ARMANDO VIEIRA SANTOS

ESCAPARATE

(De 25 de Outubro a 2 de Novembro de 1965)

Autores portugueses

Título — «A Revolução de 1383».
Autor — António Borges Coelho.
Editora — Portugal Editora
— Lisboa.
Número de páginas — 189.
Preço — 35\$00.

Título — «Nótuas para a História da Sé do Porto».
Autor — B. Xavier Coutinho.
Editora — Livraria Fernando Machado — Porto.
Número de páginas — 80.
Preço — 40\$00.

Título — «História da Santa Casa da Misericórdia do Porto» — Vol. II.
Autor — A. de Magalhães Basto.
Editora — Santa Casa da Misericórdia do Porto.
Número de páginas — 215.
Preço — 100\$00.

Autores estrangeiros

Título — «O Exército Sagapó».
Autor — Ugo Pirro.
Tradutor — Hermes Serrão.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Sucessos Literários, n.º 38.
Número de páginas — 175.
Preço — 20\$00.

Título — «O Outono em Pequim».
Autor — Boris Vian.
Tradutor — Luísa Neto Jorge.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Série Literária, n.º 77.
Número de páginas — 320.
Preço — 40\$00.

Título — «Feira Cabisbaixa».
Autor — Alexandre O'Neill.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Poesia e Ensaio, n.º 6.
Número de páginas — 55.
Preço — 30\$00.

Título — «Religiões Não-Cristãs».
Autor — Helmuth von Glase-napp.
Editora — Meridiano.
Coleção — Enciclopédia Meridiano/Fischer, n.º 2.
Número de páginas — 438.
Preço — 50\$00.

Título — «A Argélia Entre Dois Mundos».
Autor — Albert-Paul Lentin.
Tradutor — Armando da Silva Carvalho.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Documentos do Tempo Presente, n.º 30.
Número de páginas — 271.
Preço — 40\$00.

Título — «História dos Estados Unidos» — Vol. II — A Formação dos U. S. A..
Autores — R. B. Nye e J. E. Morpurgo.
Tradutor — Fernando Barros.
Editora — Ulisseia — Lisboa.

Coleção — Um Livro Pelicano.
HL 44.
Número de páginas — 439.
Preço — 40\$00.

Título — «História de Musica «Pelicanos»».
Autores — Alec Robertson e Denis Stevens — Vol. II.
Tradutor — Eduardo Correia Lobo.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Um Livro Pelicano, HM 45.
Número de páginas — 358.
Preço — 40\$00.

Título — «História de Musica «Pelicanos»» — Vol. I.
Autores — Alec Robertson e Denis Stevens.
Tradutor — Eduardo Correia Lobo.
Editora — Ulisseia — Lisboa.
Coleção — Um Livro Pelicano, AM 28.
Número de páginas — 371.
Preço — 35\$00.

Título — «Em Frente da Porta do Lado de Fora».
Autor — Wolfgang Borchert.
Tradutor — Francisco Lopes Cipriano.
Editora — Portugal Editora — Lisboa.
Coleção — Contemporânea, n.º 76.
Número de páginas — 242.
Preço — 35\$00.

Título — «Shakespeare».
Autor — Peter Alexander.
Tradutor — Ernesto Leal.
Editora — Publicações Europa-América — Lisboa.
Coleção — Saber, 23 SE.
Número de páginas — 266.
Preço — 30\$00.

Título — «Sangarees».
Autor — Frank G. Slaughter.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa.
Coleção — Minerva.
Número de páginas — 420.
Preço — 40\$00.

Título — «O Sino».
Autor — Iris Murdoch.
Tradutor — A. Neves Pedro.
Editora — Portugal Editora — Lisboa.
Coleção — Contemporânea/Portugália, n.º 74.
Número de páginas — 417.
Preço — 50\$00.

Título — «A Sombra do Medo».
Autor — Hugh Pentecost.
Tradutor — Mário Gonçalves.
Editora — Editorial Minerva — Lisboa.
Coleção — Xis, n.º 155.
Número de páginas — 208.
Preço — 15\$00.

Título — «O Caso I. P. C. R. E. S. S.».
Autor — Len Deighton.
Tradutor — H. Silva Letra.
Editora — Portugal Editora — Lisboa.
Número de páginas — 318.
Preço — 25\$00.

Título — «O Mercenário».
Autor — Mickey Spillane.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Editora — Livros do Brasil — Lisboa.
Coleção — «Os Mestres da Literatura Policial, n.º 221».
Número de páginas — 178.
Preço — 15\$00.

EDIÇÕES PORTUGÁLIA

A poucos passos do início do ano literário, acaba de lançar a Portugal Editora uma série de obras que se dirigem, sempre com interesse, a vários quadrantes do público leitor. Do 6.º volume das «Obras Completas» de Jaime Cortesão já se deu neste Suplemento, na semana transacta, notícia circunstanciada. É um acontecimento do mais alto significado cultural que justificadamente se salientou.

Das traduções de obras de autores estrangeiros que a dinâmica editorial trouxe agora a público, é digna de especial relevo a do romance «O Sino», de Iris Murdoch. Autora consagrada, entre outros, dos romances «The Sandcastle», «The Flight from the Enchanter» e «Under the Net», a romancista foi considerada por J. B. Priestley, desde o segundo daqueles livros, um dos mais prometedores entre os jovens ficcionistas britânicos. Priestley destacava, em Iris Murdoch, a grande beleza do estilo, a imaginação, a arte, a fantasia. A ilustre Rosamond Lehman disse, da mesma obra, que era «um trabalho maravilhosamente espiritual e brilhante». Todas estas qualidades se evidenciaram de modo ainda mais claro no romance seguinte, «Under the Net», criação de uma romancista de rara estirpe, como afirmou Kingsley Amis. «O Sino» («The Bell») já constitui um livro de plena maturidade, denso de conteúdo, invulgar de agudeza psicológica, cujo tema ousado (o estudo de dois tipos opostos de moral e de convicções religiosas) é exposto com alto nível artístico e profunda verdade humana, num ambiente a que nem a cruza de muitas situações nem o grotesco de outras faz perder um ardente sentido poético. A tradução é de A. Neves Pedro e a capa de J. Câmara Leme.

Outra obra de interesse incluída como a anterior na Coleção Contemporânea, é a versão do veemente testemunho humano de Wolfgang Borchert, «Em frente da porta, do lado de fora». Soldado à força do exército alemão, participou em trágicas condições, como inimigo notório do regime hitleriano, que chegou a condená-lo à morte, na última guerra. Morreu pouco depois do seu termo, deixando neste livro uma patética expressão da sua experiência. O livro foi traduzido do alemão por Francisco Lopes Cipriano. Largo público terá especial atractivo, também, no livro de histórias de espionagem «O Caso I. P. C. R. E. S. S.» de Len Deighton, traduzido por H. Silva Letra, que o cinema acaba de consagrar num filme de grande êxito. A narrativa é brilhante, sóbria e no melhor estilo do género.

Outro acontecimento do cinema que teve por base um livro de grande sensação é «O Expresso de Von Ryan», agora editado pela Portugal Editora, em tradução de Irene Fernanda. A apaixonante narrativa descreve as aventuras dramáticas de prisioneiros de guerra que se evadem de um campo de concentração, através de extraordinárias peripécias.

Registe-se, finalmente, a publicação, pela mesma editora, dos livros «Aldeia S. O. S.», de Marie Maraire (Biblioteca das Raparigas) e «As Férias de Sir Jerry», de Mad H. Giraud (Biblioteca dos Rapazes) em versões portuguesas de Maria Helena da Costa Dias, que figuram entre as boas obras destinadas à juventude publicadas nas extensas séries da Portugal Editora.

«DICIONÁRIO DA PINTURA UNIVERSAL»

Foram distribuídos os fascículos 25 e 26 desta edição, em que figuram, entre muitos outros de menores proporções, capítulos desenvolvidos sobre Van Gogh, Velasquez, Vermeer, Veronesi, Vieira da Silva, Watteau, Zurbarán, etc. Fica, assim, praticamente concluído o volume consagrado à Pintura Estrangeira, a que deverá seguir-se o anunciado volume do «Dicionário» sobre a Pintura Portuguesa e Brasileira. Numerosas e expressivas reproduções, incluindo algumas a cores, acompanham o texto. Edição de Estúdios Cor.

EDIÇÕES DA LIVRARIA BERTRAND

Na abertura do seu programa editorial deste ano literário a Livraria Bertrand anuncia a publicação da obra do grande poeta Teixeira de Pascoas em edição parcialmente crítica concebida e realizada pelo prof. Jacinto do Prado Coelho, com inextinguível competência e erudição. A vastidão da obra e dos temas, a amplitude e, às vezes, a dificuldade do pensamento de um dos maiores poetas da nossa língua, requerem um estudo aprofundado, um dom de análise e penetração bem como uma intuição psicológica que permitam apreender, na sua mais íntima realidade, tanto as linhas mestras da personalidade do autor de «R regresso ao Paraíso» como as flutuações de uma sensibilidade vibrátil e riquíssima. Tudo isso conseguiu, de modo admirável, o prof. Jacinto do Prado Coelho, que analisou, num prefácio notável e com a humildade da autêntica compreensão, o extraordinário poeta.

A Livraria Bertrand vai publicar, igualmente, o celebrado livro «Snobismo», de Pierre Daninos, integrado na coleção Humoristas Universais, com uma galeria fabulosa de tipos, manias e usos pitorescos, próprios do snob: o dono do «Rolls-Royce», o frequentador do Jockey Club, o cliente do Maxim's, o industrial que quer esconder quão recente é a sua promoção, o empregado remediado que possui a televisão em casa, e ainda o merceiro, a porteira, etc. Em suma: cada meio, cada classe tem os seus snobismos, aos quais Daninos faz uma análise impiedosa, cerrada e espiroscópica, com virtuosismo que deliciará qualquer leitor desta pequena obra-prima.

«Africa Korps», de Paul Carell, novo livro da Bertrand para a coleção Documentos de Todos os Tempos, é a história minuciosa de uma ilusão, a gesta de um sonho: o sonho da conquista do deserto imenso. Nessa aventura quase quimérica estapou Rommel a cor da sua imaginação e a justeza dos seus raciocínios. Na verdade, toda a campanha teria sido um episódio mais a acrescentar aos mil episódios da guerra se esse exército temerário que se chamou «Africa Korps» não tivesse tido como comandante este homem singular que escolheu o meio terrível da guerra para demonstrar à posteridade que o espírito humano não perece nunca, mesmo quando a terra de que se alimenta seja a areia seca do deserto e a água que o fertilize, o ódio, a obstinação, o medo. Mas, como todos sabemos, Erwin Rommel foi obrigado a suicidar-se.

«HISTÓRIA ILUSTRADA DAS GRANDES LITERATURAS»

Com os fascículos 73 e 74 da «História Ilustrada das Grandes Literaturas» fica quase completo o estudo da literatura portuguesa, realizado com amplitude, competência e excelente espírito de análise crítico-histórica por um grupo de investigadores e ensaístas. Inserem na íntegra o capítulo intitulado «Evolução Económico-Social e Panorama Geral das Ideologias — 1910/1925» e iniciam a 7.ª parte da obra, «Geração da República», incluindo-se em ambos os fascículos numerosos retratos de escritores. Edição de Estúdios Cor.

«OBRAS-PRIMAS DA PINTURA ESTRANGEIRA NO MUSEU DE ARTE ANTIGA»

O fascículo 15.º desta edição de magníficas proporções gráficas e da autoria do categorizado historiador de arte dr. Armando Vieira Santos, insere a conclusão do estudo sobre as obras da pintura espanhola existentes no Museu de Arte Antiga e o início do capítulo sobre as obras da pintura francesa. Referências elucidativas a Valdés Leal, Pereda, Poussin, Coypel, Quillard, Fragonard, Tannay, Hubert Robert, etc., preenchem excelentes páginas do texto, que é acompanhado por belas reproduções de quadros de Bruegel, Van Dyck, Moro e outros artistas. Edição de Realizações Artis.

EMPRÉSTIMO SOBRE AUTOMÓVEIS

MAXIMO SIGILO

NO PRAZO DE 1 HORA

TELEFONE 328491

A Semana Literária do Rio de Janeiro

por Arnaldo Saraiva

Peregrino Junior anunciou que no próximo dia 20 de Dezembro se dará início, em Copacabana, ao V Festival Brasileiro de Escritores, promovido pela União Brasileira de Escritores e que terá como objectivo a aproximação autor-leitor. Os escritores venderão directamente ao público os seus livros, autografando-os.

O prof. Cavalcanti Proença, que é um dos mais estimados professores universitários do Rio e um especialista da literatura oral, está a reger um curso, na Pontifícia Universidade Católica, sobre «Gil Vicente e a Literatura Oral Nordestina».

Sob o título de «Autenticidade Filológica» publicou o prof. Silvio Elia no *Correio da Manhã* dois artigos sobre a obra e a personalidade de Luís Filipe Lindley Cintra. «Qualquer que seja a conceituação que o especialista tenha do termo filologia, nela entrará como verdadeiro mestre o catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa» — disse o conhecido professor brasileiro, que pediu às Universidades do Brasil que convidem Lindley Cintra para aqui leccionar por algum tempo.

Millor Fernandes publicou na *Tribuna da Imprensa* algumas notas da sua recente viagem a Portugal.

Acaba de ser inaugurada, na Fazenda de Arcozelo, com a solenidade que merecia, a aldeia do artista, que foi idealizada e realizada pelo embaixador Pascoal Carlos Magno. Trata-se de um vasto aglomerado de construções — seis museus, uma «Universidade», dois teatros, quatro estudos de música, escolas de dança, de literatura, de artes plásticas, residência para 200 alunos e 49 professores, etc. — que pretende oferecer, a quantos desejarem especializar-se em qualquer arte ou literatura, as condições ideais de trabalho e formação.

Maria de Lourdes Belchior, conselheira cultural da Embaixada portuguesa no Rio de Janeiro, regressou de uma missão cultural de 15 dias na Amazônia onde foi carinhosamente recebida. Em declarações a um jornal local, afirmou a ilustre professora: «Enquanto o livro português (e quero grifar esta expressão) não for acessível ao estudante ou ao estudioso do Brasil, dificilmente se poderá divulgar a vida literária ou a cultura de Portugal».

Encontra-se no Brasil em visita de estudo o conhecido poeta e tradutor de Fernando Pessoa e de vários autores de língua portuguesa Hans Magnus Enzensberger, alemão que se exilou voluntariamente para a Noruega.

«Delacroix» de Philippe Jullian

Saiu mais um volume da colecção «Grandes Biografias», da Editorial Aster: o «Delacroix», da autoria de Philippe Jullian.

Cintilante cronista da vida parisiense, o autor reconstituiu sugestivamente o ambiente romântico dos *ateliers* e dos salões da capital. Assim dedicou a figura contraditória do grande pintor, «último renascentista perdido na Comédie humaine», páginas evocativas de grande brilho e forte poder de sugestão.

Entre um sadismo mais ou menos oculto e a nostalgia da ordem, o *dandy* que foi amigo de George Sand e de Chopin ultrapassa todos os artistas do seu tempo pela capacidade de vida interior.

Baseado no *Diário* do pintor e numa documentação riquíssima, Philippe Jullian escreveu uma obra extremamente viva, sem uma página pesada.



Imagem curiosa do livro «Arqueologia Árabe em Portugal»: uma antiga mesquita, hoje igreja de Santa Maria, em Beja, vendo-se à esquerda a típica «almenara»

Sobre a «Arqueologia Árabe em Portugal»



Capitão Correia de Campos

Foi bem agitado o domínio árabe na Península. Quando a invasora alastrou de Sul para Norte e, depois, o esforço cristão começou a epopeia de atirar novamente para a África os que de África tinham vindo; e neste vão-se se foram sete séculos. No território português a fixação árabe foi ainda muito mais breve, partes havendo em que mal terá durado um século; mas no Norte, a agitação foi sempre grande dada a proximidade dos núcleos de resistência cristã. Mais espaçada foi a permanência moura nos territórios do Sul e, consequentemente, melhor pôde neles esplender a magnífica civilização árabe.

Está por fazer a história da do-

ALBERTO FERREIRA «ENSAIOS DA FILOSOFIA PARA A HISTÓRIA»

«ALBERTO FERREIRA É O MAIS PENETRANTE ESIÉRITO FILOSÓFICO QUE ENTRE NÓS SE ME TEM REVELADO DESDE QUE HÁ CATORZE ANOS ME RESPONSABILIZO POR ESTA SECÇÃO DE CRÍTICA. DIÁRIO DE ÉDIPPO... UM DOS MELHORES SERVIÇOS QUE PODERIA PRESTAR SERIA O DE REMETER OS LEITORES AGORA CONQUISTADOS PARA O 1.º VOLUME DO MESMO AUTOR (ENSAIOS).»

ÓSCAR LOPES

«POR DIVERSAS RAZÕES ME PARECE ESTE UM LIVRO NOTÁVEL.»

JOSÉ RÉGIO

PREÇO ESC. 25500

PEDIDOS A:

VÉRTICE

RUA DAS FANGAS—COIMBRA

minação serracena no território português, atendo-se as monografias e os estudiosos, em grande parte, aos aspectos lendários e poéticos em que as imaginações bastas vezes deliram. A história tem de ser feita à base de documentação autêntica e não apenas à de um dos lados que é o cristão. Não foram ainda compulsados e analisados os cronistas árabes, e os arquivos árabes não mereceram, até agora, a atenção devida aos estudiosos portugueses.

O que admira, acima de tudo, é o poder de penetração da cultura árabe e a altura atingida pelos seus literatos e artistas com a protecção de soberanos que se não consideravam hóspedes no campo cultural; e, nesse ponto, tinham os sarracenos nítida vantagem sobre os seus adversários em que o homem de guerra só muito raramente era homem de espírito. Transitória que foi a passagem moura não poderá ser riscada da evolução da Península e sobretudo das regiões do Sul.

O belo livro agora publicado pelo consciencioso e erudito investigador que é o capitão Correia de Campos, aliando notável sentido estético e uma sensibilidade privilegiada, aliás já demonstrada em trabalhos anteriores, a uma capacidade de análise e a uma paciência benedita, sobre a «Arqueologia Árabe em Portugal» fica como um depoimento de primeiro plano a documentar a ocupação árabe entre nós.

Não conta, evidentemente, a arte árabe no nosso País o esplendor que atingiu no Sul de Espanha, e em especial nessa Córdoba admirável onde a permanência moura deixou um dos mais belos monumentos da arquitectura de todos os tempos. Tanto esplendeu essa arte cordovesa que, depois do seu brilhante período de perfeição, foi até se expandir «pela África mediterrânea e chegou ao Oriente».

O livro do capitão Correia de Campos, apresentado com uma dignidade gráfica de assinalar, vem contribuir de forma notável para o conhecimento da influência islâmica no nosso país. O autor percorreu o país de lé a lé, encontrando motivos nos sítios mais recônditos e às vezes acessíveis sabe Deus por que meios. Por toda a parte buscou elementos da arte islâmica. A colheita foi singularmente frutuosa e, às vezes, bem inesperada. Portas de muralhas de cidades, castelos, igrejas, casas particulares e edifícios públicos, uma janela ou um arco em que se vê perfeitamente a influência islâmica.

Investigação conscienciosa e cuidada deram ao autor um belo volume a juntar a outros em que alguns aspectos da arte portuguesa têm sido estudados com o carinho que é o de um autêntico apaixonado. Muito deve por isso a história da Arte em Portugal ao capitão Correia de Campos.

Edição do autor, particularmente cuidada: mais de trezentas páginas em papel couché, ilustradas por centenas de sugestivas gravuras.

Exposição de Arte de Marina Nuñez del Prado numa galeria de Lisboa

De 28 de Outubro a 25 de Novembro corrente estará exposta ao público, nas novas instalações da Livraria Buchholz (Rua Duque de Palmela, 4), com galeria de arte anexa, em Lisboa, uma notável colecção de esculturas em pedra e madeira e de desenhos da artista sul-americana Marina Nuñez del Prado. Na notícia de apresentação do certame assinala-se que a artista nasceu em La Paz, Bolívia, onde, depois dos estudos superiores leccionou na Academia de Belas-Artes até 1938. De 1940 a 1948 viveu e trabalhou como artista plástica independente nos Estados Unidos, principalmente em New York. Regressada à Bolívia, encontrou no solo pátrio a compenetração necessária para a sua grande obra, o recolhimento que deu ocasião a que as lindas pedras dos leitos dos rios a atraíssem e a levassem a aceitar o compromisso de transformar a sua matéria numa nova vida.

O mundo amador das Artes acolheu Marina Nuñez. Os seus trabalhos são expostos nas mais importantes urbes do Mundo, encontram-se em colecções públicas e particulares da Europa e dos Estados Unidos e são, naturalmente, o orgulho dos apreciadores das Belas-Artes da América do Sul, que lhes reservam lugar especial.

Na arte de Marina Nuñez del Prado a forma escultórica desenvolveu-se no sentido da abstracção, a que o ecletismo dos nossos tempos conduziu escultores como Modigliani, Lehmbruck, Brancusi, Jean Arp e Henry Moore. O elo que liga as suas obras à forma estatutária dos egípcios e gregos, patente em muitos trabalhos de Marina Nuñez, é ditado, principalmente, pelos materiais usados — o basalto, o onix, o alabastro, o granito e o «lignum-vitae». Materiais duros e definidos, raramente utilizados por escultores desde os tempos clássicos. Nestes seculares blocos de pedra da Antiguidade, de morfologia próxima às pedras preciosas, esculpe a artista as suas visões.

Quando o observador se aprofunda nos seus trabalhos, descobre que cada um deles é uma obra de arte individual. Cada figura surge na sua pura e original plenitude, como uma força que se uniu a um infalível sentido de beleza, como uma forma que culminou na busca do absoluto, como abstracção na qual a perfeição escultórica é dominada pelo espírito. O seu sentido do belo fá-la esculpir no bloco de pedra por vezes torsos, que estão ao nível dos grandes da Antiguidade. A exposição inclui alguns exemplos significativos dessas tendências. A vocação da artista pren-

de-a, no entanto, à sua raça. Pela a interpretação do destino bc liviano encontra-se na paisagem dos Andes. Mãe e filho são o eter no diálogo, pois a união nesta «tierras indígenas» numa «vid conjugal» parece rara. A força matriarcal destas mães, leva-a a povo, de geração em geração, con silenciosa e abnegada naturalidade. Nas suas esculturas de mãe e filho as duas figuras fundem-se numa. O seu sentido da forma torna-se supra-dimensional para se voltar a integrar na paisagem.

É esta arte de profunda vibração que pode apreciar-se, até 25 de Novembro, na Galeria Buchholz. Assinala-se, a propósito



Torso feminino — escultura de Marina Nuñez del Prado

que as novas instalações da Livraria do mesmo nome na Rua Duque de Palmela convertem o estabelecimento num centro, ao mesmo tempo, de comércio do livro e de cultura com as mais modernas características. Além da Galeria de Arte, que vai facultar o contato do público interessado de Lisboa com modernos artistas de vários países, a organização Buchholz inclui uma discoteca que assegura a escolha fácil de gravações de música clássica e moderna.

AGUARELA DO OUTONO por ANTUNES DA SILVA

As ruas da cidade meçam ao lado das casas. Os meninos debruçam-se para as luzes do jardim ou molham os olhos nos bonecos de pau e de plástico das montras.

Na noite alagada em cacimba, escorrega-se nas calçadas de mau piso, o mundo fecha os horizontes de névoa para lá das alcáçovas esbatidas na penumbrosa veia dos prédios quinhentistas. Pequenas gargalhadas soam de um bairro a outro bairro, de uma casa de rés-do-chão a outra mais alta, e a gente pensa que nas catacumbas da Sé, alguém levantou a mortalha e subiu ao zimbório para saudar a cidade. Os fantasmas roxos vigiam os largos, por entre a ferrugem das janelas de ferro forjado e guarnecem os mármores gastos das fachadas dos conventos.

Os sinos repicaram toda a manhã. O céu levantou os olhos de sono e espreguiçou-se ao lado da terra, que a estação apareceu trópega, carrancuda, a modos com uma cara de santo arreliado: os braços dos plainos a taparem as estrelas, e ao longe, o peito das montanhas escondendo uma lua adulta e tresnoitada.

O Outono sem o tanger dos sinos é como uma rua de casas destruídas. Da catedral romana a simples capelinha dos becos, os sinos exaltam a grande solidão dos espaços, protegem as almas da bruxidão da vida, evocam o cheiro

das flores nas áreas dos jardins antigos.

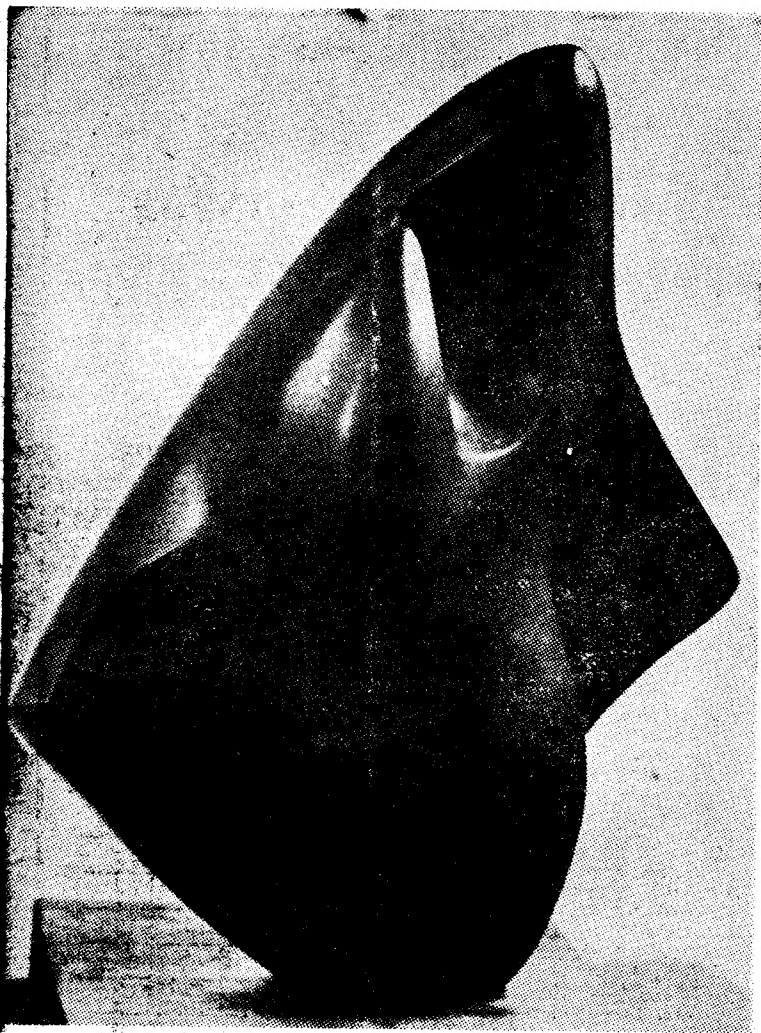
Estacadas na bruma, as torres das igrejas da cidade branca suspiram. No Largo do Senhor da Pobreza não se ouve a música de um som. Quando chegamos ao Templo de Diana, a noite atira-se às paredes, apoucada de silêncio, encolhida ao frio.

E os sinos, humildes, cegos, sentimentais, parecem queixar-se do medo das horas. A chuva, de quando em quando, rega as plantas de beijos mornos. Que o Outono tem mau cariz, envolve de dó a nudez das árvores e enregela as fontes. Como um tirano de pedra, sacode as asas pardas, invade os alqueves, desfibra os nervos, canta como os pássaros nocturnos á beira dos vendavais.

O Alto de S. Bento é uma aguarela mortícia, pingando verde de moínhos. A paisagem, assim, parece uma curva sem dentes, sem forças para um sorriso claro.

Mas sem a sensação de tristeza que para por estas bandas, agora, não haveria nenhum espanto á volta de um parque de cores gris, nem o germe da saudade se debruçava á esquina dos nossos corações, nem as pessoas fiavam pensamentos olhando o tempo chuvoso — e às vezes é preciso que

(Continua na última página deste suplemento)



Composição escultórica de Marina Núñez del Prado, em exposição na Galeria Buchholz

«Onde está a felicidade?»

— romance de Camilo
em nova edição
para as «Obras Completas»

Na série editorial, que recentemente se assinalou com relevo neste Suplemento, dos livros de Camilo Castelo Branco novamente apresentados pela Parceria A. M. Pereira sob a orientação do prof. Jacinto do Prado Coelho, visando a reedição integral das suas obras completas, veio agora a público o romance «Onde está a felicidade?». É esta a 11.ª edição da célebre criação camiliana, uma das mais representativas do escritor, baseando-se a fixação do texto, que foi realizada por Alexandre Cabral, na segunda e terceira edições, que teriam sido as últimas revistas pelo autor. Ao interesse intrínseco da edição, na sequência anunciada e na sua fidedignidade, acresce o do estudo preliminar que para ela escreveu Alexandre Cabral, situando o autor e a obra no contexto cultural que lhes imprimiu fundamentais determinantes e apontando as características do romance com verdadeiro sentido de edição crítica.

Considera Alexandre Cabral exagerado o juízo de que seja «Onde está a felicidade?» não apenas um livro inovador na biblioteca camiliana como, também, o primeiro elo de uma nova fase da produção romanesca do Mestre. E acrescenta: «Na verdade, pelas características particulares de fabulação e até pelo comportamento das personagens, este romance representa um caso anómalo a destoar na harmonia do universo camiliano, sólidamente estruturado nos seus elementos. E tanto assim é que, nos volu-



ALEXANDRE CABRAL

mes que o continuam («Um homem de brios» e «Memórias de Guilherme do Amaral» regista-se um assinalado retorno aos cânones adoptados pelo autor desde o início da carreira». Não deixa de acentuar o prefaciador, todavia, «as fragilidades intrínsecas do romance», sem esquecer o que trouxe de novo ao panorama da literatura nacional. A diossinocrasia perante o dinheiro, em que Camilo não se exime às proverbiais contradições ideológicas; o significado do romance em relação às páginas de outros escritores do tempo, como Coelho Lousada e Cunha Belém; e outros problemas de interesse que a leitura de «Onde está a felicidade?» suscita — são analisados por Alexandre Cabral com justeza e oportunidade. As anotações e a actualização da leitura constituem, igualmente, testemunhos do bom trabalho realizado pelo prefaciador deste volume das novas edições camilianas agora em curso.

CASACOS CAMURÇA E CABEDAL

Preços de Fábrica

Fazem-se transformações em todo o Vestuário de Cabedal e Antilope

Exclusivos VAMAR

R. BARÃO DE SABROSA, 78, r/c.
(à Rua Morais Soares)

CENTRAL

PEDRO

Poema de Luis Molina Santaolalla

Sus ojos sorprendidos preguntaban a diario, en nítidas probetas, dónde guarda la gente su esperanza, qué hormona hace que florezca, enorme, el ansia del amor. La biología pasaba en formación bajo su lente, por ver si en lo invisible, en lo pequeño, hay sistemas solares palpitantes.

Pedro estaba unido al microscopio.

Convocaba a asamblea las bacterias, por vencer, convenciendo, su porfía, por amistar su trato y su secreto. Su alba bata, solemne, presidía gigantescos concilios de millones de virus, colocados a la mira de su inquieta pupila buscadora. Adivinó que allí también hay vida, que, acaso, les florezcan los rosales, que el amor vibrará sus microondas, y que, quizás un beso se le rompa a un estafilócoco que lleva un desengaño

Pero, Pedro salía de su mundo y volvía su otro mundo, que es el nuestro. Miraba, a través de los cristales de unas gafas de concha: la costumbre no le dejaba ver si no tenía cristales y cristales en los ojos. Un tanto triste la mirada iba acentuando fatal, como añoranza del mundo que embargaba su destino, poniendo miopías y cansancio. Sus ojos eran cual fondo remansado en que posaban dormidos sus secretos. Pero, Pedro miraba con sus gafas, reía ingenuamente su sonrisa, y se echaba a la calle, como un hombre que buscaba su amor acariciante. También Pedro luciendo su bigote, exhalaba canciones y piropos, gozaba de la vida limpiamente, cuando el corazón, gozoso, se salía de la opresión alba de su bata. Sabía que unos ojos esperaban, con reflejos de niños y jardines, con reflejos de cielos y proyectos, su fuga cotidiana de la busca entre asépticos y hieráticos cultivos.

Entonces, sus ojos se enredaban con bucles de oro, con rubí de labios, amando, sin buscar complicaciones.

Tal era Pedro, hasta que un día vió, inquieto, temblar bajo su pulso la célula terrible del desastre en afasia motriz que dominaba lo vital del cerebro, con el miedo. Se llenaron sus ojos y sus manos de absurdas neuronas que temblaban: de doloridos besos que gemían: de bucles de oro de sus cuatro hijos: de vida, de amor, de la encendida furiosa impotencia de la esposa, que quiso sujetarle, que no fuera... Pero pudo más el odio entre los hombres cuando Pedro miope contemplaba el morir sin descanso, de continuo.

Ahora Pedro se pudre irremisiblemente, desmenuzando su ser por la metralla, sin tener a mano un microscopio que analice la tierra de su carne; sin tener a mano un dulce beso que calme el cansancio de sus ojos.

Tú le viste caer. Estaba al lado, mirando, por malféfico objetivo, cuál era el momento de matar la muerte, pues ya la vida se había destruido.

Pedro te entregó toda sua herencia:

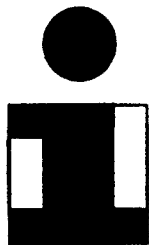
Un virus que ensayó como un poema, unos bucles dorados, y unas cartas que oían a mujer, hogar, a lecho, y tú sientes quemar entre tus manos este incendio, tenue y candoroso, provocado por fuegos de la guerra.

Supiste enterrarle, ya es bastante, pero Pedro te pesa, su legado, en el arca marchita de tu pecho.

Pedro se marchó, se fueron todos, y tú cuentas los que quedan en la lista porque es probable que también te vayas, sin poder dar a la mujer de Pedro la triste nueva de su mala muerte.

INTERIOR

CENTRO PORTUGUÊS DE
TAPEÇARIAS



EXPOSIÇÃO DE

eduardo nery

25/10-8/11

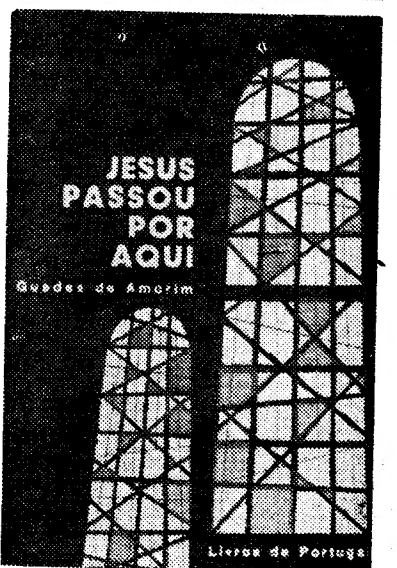
Rua Camilo Castelo Branco, 20

Edições de Obras de Guedes de Amorim no Brasil

Têm encontrado caloroso eco nos meios intelectuais e literários do Brasil as edições ali realizadas de dois livros recentes de Guedes de Amorim: «Francisco de Assis, Renovador da Humanidade» e «Jesus Passou por Aqui». O primeiro foi publicado pela Editora Vozes, do Rio de Janeiro, e o segundo pela conhecida casa Livros de Portugal, que António Pedro dirige há largos anos na antiga capital brasileira.

Na edição de «Jesus Passou por Aqui» foram incluídos os textos dos discursos de homenagem a Guedes de Amorim, quando o escritor foi ao Brasil, para a entrega do Prémio Cervantes de 1963, com que a obra foi galeada.

A qualidade literária e o sentido espiritual, não só religioso mas largamente humano, dessas



Reprodução das capas de livros de Guedes de Amorim editados recentemente no Brasil

duas obras fundamentais de Guedes de Amorim têm merecido especiais atenções da crítica, e vão determinar, sem dúvida, um êxito excepcional na sua projecção pública. Quando se debate tão assiduamente o problema da presença da literatura portuguesa no Brasil através dos livros dos nossos escritores, é notavelmente significativo o lançamento das duas obras referidas, e constitui motivo animador a larga repercussão que as tem consagrado.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social e de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 - LISBOA
A casa que melhor trabalha

VENEZUELA produtor de ferro

O Ministério de Minas venezuelano informou recentemente que a posição da Venezuela como país produtor de ferro melhorara ligeiramente, alcançando este ano a produção o volume de 15 656 000 toneladas métricas de mineral, cifra que, dentro do conjunto mundial representou 2,7 por cento.

EFEMÉRIDES

Novembro

- 1874 — Dia 4 — Em Espanha, os Carlistas bombardearam Irun mas foram repellidos.
- 1948 — Dia 4 — Chegou a Lisboa, vindo de Inglaterra, o submersível «Nautilus».

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 4 de Novembro de 1935 publicava:

«Há por esse país fora uma grande quantidade de médicos muitos com o curso concluído há anos, que não conseguem obter colocação, visto as Câmaras Municipais não disporem de recursos para aumentarem o número de facultativos subsidiados. Na Beira e em Trás-os-Montes encontrou-se, porém, uma fórmula que deu a terras sertanejas a facilidade inesperada de possuírem um médico.

Essa fórmula consiste no seguinte: Cada família pode avengar-se nos serviços médicos mediante uma média anual de trigo ou centeio, que varia entre 60 e 90 quilos. Não é preciso ser uma grande terra para o médico receber, desta maneira, 18 a 25 mil quilos de centeio ou trigo, o que representa um ordenado anual que vai de 1500\$00 a 3000\$00.»

ISRAEL PRODUZIU 40 POR CENTO DO SEU TRIGO

A utilização de novas técnicas permitiu a Israel produzir durante o ano corrente uma quantidade de trigo equivalente a 40 por cento das suas necessidades, apesar de, as condições climáticas e a natureza do solo serem adversas a tal cultura.

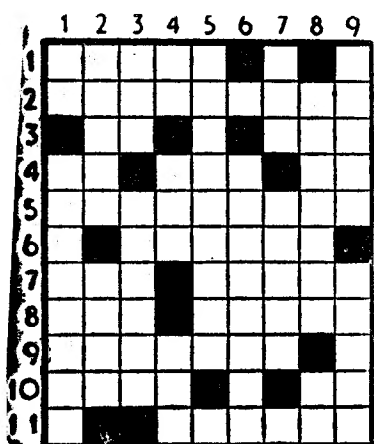
O emprego de adubos químicos líquidos, um Inverno particularmente chuvoso e a introdução de uma nova variedade de trigo, contribuíram para a obtenção de colheitas «record» de trigo, que chegaram a ter a média de 5 e 6 toneladas por hectare.

O AZEITE GRECO

A produção grega de azeite foi calculada em 200 000 toneladas contra 129 500 em 1964. A produção de azeitona de mesa é estimada em 66 000 toneladas contra 28 700 da campanha anterior.



— Não é uma vida fácil, mas pelo menos não pagamos impostos...



PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBO)

Problema n.º 3916

HORIZONTAIS: 1 — Misturar ou preparar com ópio. 2 — Fizera promessa de. 3 — Artigo definido. Doçura. 4 — Cento e cinco em romano. Oceano. Nota musical. 5 — Terminaram. 6 — Rezadas. 7 — Senhor em inglês. Peça de ferro em que se apoia o couro da lança, quando se pretende investir. 8 — Colorado (inv.). Pequenos barcos de recreio. 9 — Abastado. 10 — Nome de uma flor. Pedra de moinho. 11 — Ossos de um cadáver.

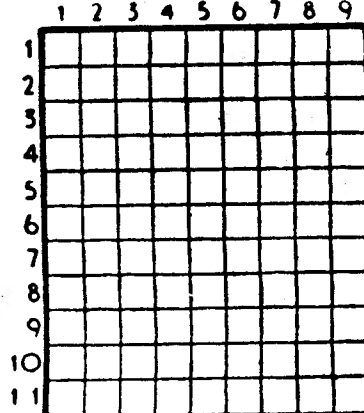
VERTICAIS: 1 — Abreviatura que se usa em musica. Alcinhara. 2 — Demonstre. Árvore de São Tomé, de sementes medicinais. 3 — Uma das Clades. Defuntos. 4 — Antes do meio-dia. Grande quantidade. Negativa. 5 — Resguardaria. 6 — Aureoladas. 7 — Preposição. Indício 8 — Tornaste a ler. Mil e quinhentos em romano. 9 — Expressão por palavras. Coa.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBO nele inserido.

Solução do problema n.º 3915

HORIZONTAIS: 1 — Adem. Atra. 2 — NEM. Aluis. 3 — Iam. Edas. 4 — Copiosa. 5 — Apa. At. 6 — Sr. Eram. 7 — Cor. Armão. 8 — Eva. Cr. 9 — Ras. TODOS. 10 — Arado. Me. 11 — Marrarias.

VERTICAIS: 1 — An. NASCERAM. 2 — Dei. Provara. Rasar. 3 — Emaça. Rasar. 4 — Mó. Dr. 5 — PARA. Toa. 6 — Aleitar. 7 — TU. DO. MMCD. 8 — Rias. Aroma. 9 — Assalto. Sés. (Provérbo: NEM TODOS NASCERAM PARA TUDO).



(NOVA M. LALIDADE)

Problema n.º 7761

HORIZONTAIS: 1 — Rio de Espanha e Portugal. Iguais. 2 — Garantia de pagamento de uma letra dada por terceira pessoa. Tramo. 3 — Nome de homem. 4 — Composição poética. Pronome pessoal. 5 — Base. Vende a crédito. Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. 6 — Apelido. 7 — Ler. Pronome pessoal. 8 — Nesse lugar. Poder. Artigo definido. 9 — Irmão de Rómulo. Oferecerá. 10 — Apelido do jornalista, escritor e comissário régio de Moçambique. Jacto. 11 — Divisão de uma casa. Gastes.

VERTICAIS: 1 — Basta. Capa sem mangas. Clima. 2 — Foge. Cidade da Áustria. 3 — Pedra dura que risca o vidro e o quartzo. Pronome reflexo. Doçura. 4 — Olá. Ilha que é hoje a China Nacionalista. 5 — Desmoronou-se. 6 — Cidade de Espanha. Príncipe dos demónios. 7 — Habilidade. Nesse lugar. Suspiros. 8 — Pessoa a quem se tributa demasiado respeito ou afecto. Deus da guerra. 9 — Isolado. Ferro temperado. Saudáveis.

Solução do problema n.º 7760

HORIZONTAIS: 1 — Doge. Calm. 2 — Ela. Sarna. 3 — Ce. Naco. 4 — Aoto. 5 — Salvo. Ur. 6 — Vós. Iral. 7 — Ga. Rã. 8 — Luabo. Cal. 9 — Em. Ária. 10 — Gás. Armão. 11 — Asar. Alos.

VERTICAIS: 1 — Deca. Valega. 2 — Oleoso. Umas. 3 — Ga. Tasca. Sa. 4 — Sol. Ba. 5 — Vigora. 6 — Cãfora. Ira. 7 — Ara. Cami. 8 — Incluíra. Ao. 9 — Não. Almos.

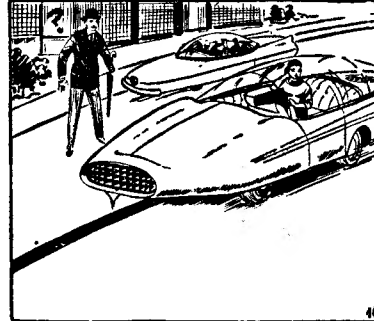
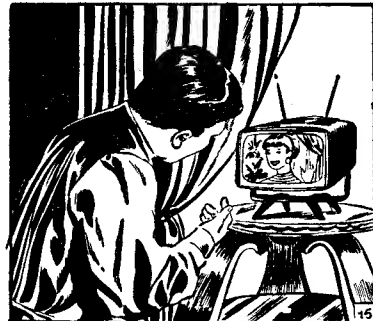
LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c., Esq. — Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

(CONTINUA)

FACTOS REAIS

Dentro de um ano, dentro de cem anos...



13 — Há pouco tempo, na Grã-Bretanha, foi organizado um concurso sobre a maneira de conceber o cenário da vida futura. O vencedor foi um oficial da Aviação, que apresentou um plano da circulação nas cidades do futuro. Segundo esse oficial, a cidade do ano 2000 será constituída por grandes edifícios, ligados entre si por pontes. Estas pontes não são mais do que as ruas da cidade, pois a circulação automóvel far-se-á em plano superior ao dos telhados. Haveria muito a dizer sobre as cidades de amanhã. O célebre arquitecto francês Le Corbusier previa a redução das cidades a algumas centenas de enormes edifícios: vários deles constituiriam o bairro comercial, outros formariam o bairro residencial, e mais longe estariam reunidas as fábricas. Tudo se embeberia de luz e verdura. A circulação automóvel utilizaria vias de comunicação especialmente reservadas, no subsolo ou acima do nível do chão.

14 — Outro problema: a aviação.

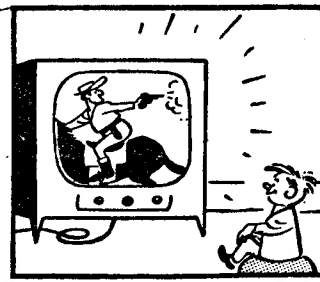
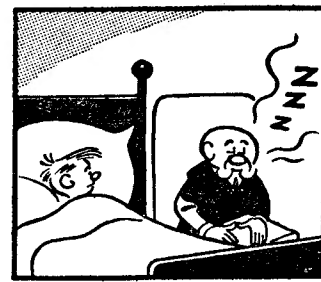
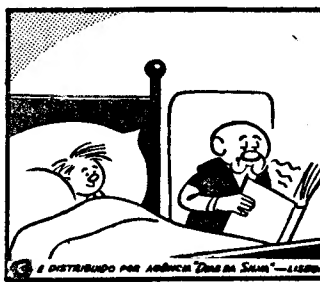
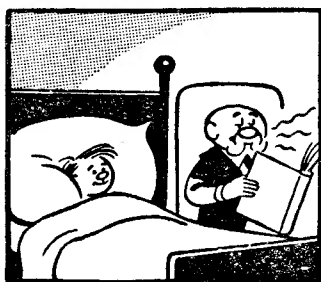
Aviões movidos a reactores, transportando 200 passageiros de Paris a Nova York em 6 horas, estarão ao serviço, em França, dentro de muito pouco tempo. De resto, está prestes a nascer o avião de propulsão atómica. Capaz de dar a volta ao mundo á velocidade do som, com uma carga de combustível aproximadamente do tamanho dum punho, revolucionará talvez a técnica dos transportes e da estratégia aérea. Mas haverá também os foguetões. Estes deverão atingir, com toda a probabilidade, velocidades entre 6 e 8 mil quilómetros por hora, e oferecerão condições de segurança e de conforto que se arriscam a fazer, dos aviões de hoje, instrumentos quase pré-históricos. O foguetão é susceptível de toda a espécie de utilização; poderá, por exemplo, ser empregado no transporte do correio, e, graças a ele, uma carta expedida ao meio-dia em qualquer país da Europa talvez chegue, duas horas depois, às mãos do destinatário, no outro lado do oceano.

15 — A televisão será também um dos aparelhos mais importantes de amanhã. Não servirá apenas para captar programas divertidos, antes será objecto de uma quantidade de aplicações, em todos os domínios da indústria ou da vida quotidiana. Na hora presente, as ondas da televisão têm um alcance ainda reduzido. Mas amanhã os satélites artificiais, dispostos á volta do mundo, reflectirão as ondas de

televisão e permitirão comunicações televisionadas a grande distância. Sintonizaremos Nova York no visor do nosso aparelho, conversaremos (através dos Sputnicks), olhos nos olhos, com os nossos amigos do outro lado do mundo.

16 — Os nossos filhos conhecerão as máquinas tradutoras; as fibras sintéticas e as matérias plásticas relegarão, para o museu, todos os materiais de que hoje nos orgulhamos. E haverá o cinema sem tela, a cultura sem solo. Que diriam os nossos avós? Eles já erguiam os braços ao céu ao verem passar, há 60 anos, os carros sem cavalos... Qual seria o seu espanto se voltassem amanhã, e vissem que os carros sem cavalos andam também sem condutor!...

AVENTURAS DO TIO CARLOS



Sá Nogueira expõe
na Galeria 111

No próximo sábado é inaugurada, na Galeria 111, ao Campo Grande, uma exposição do pintor Sá Nogueira. Artista bem conhecido e de primeiro plano na arte portuguesa contemporânea, Sá Nogueira apresenta nesta exposição dez colagens, o que marca um passo decisivo na evolução da sua obra.

A exposição é inaugurada às 17 horas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concursos para 1965
Aparelho de Revelação Automática de
Películas Radiográficas
Conc. Público n.º 85/65

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos Sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria dos Abastecimentos.

A abertura das postostas terá lugar nos dias e horas indicados nos CADERNOS de Encargos.

Lisboa, 3 de Novembro de 1965.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ECONÓMICOS

Manuel Brioso Pina de Jesus

Em ALCANENA, o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se por intermédio do SR. MANUEL DOS SANTOS COELHO JÚNIOR, Rua José Alves Anastácio, 2.

O TORNADO

por CLAUDE DUPRÉ

RESUMO: Rosine, noiva de Paul, proprietário duma plantação em África, partiu de Niort para se lhe reunir. É vítima dum desastre de avião. Salva-se, mas vai encontrar-se no meio duma tribo de negros hostis. Um branco, Jef, obtém a sua libertação. Rosine entrega-se a Jef numa noite de embriaguez. Por fim, chegada á plantação de Paul, não se atreve a falar-lhe de Jef; mas o seu segredo sufoca-a. Aconselha-se com uma vizinha muito bela, Cathie, e conta tudo ao novo.

13 — «Fui uma louca, fui uma louca em ter dado ouvidos a Cathie. Não devia nunca ter-lhe falado...», pensa Rosine desesperada. Está diante de Paul, seu noivo, seu amor de sempre. O jovem olha-a com horror. «Não é possível...», diz ele. «Tu, Rosine, tu e esse Jef!» Conhece bem a reputação do aventureiro: é um rapaz estranho, especialista em golpes duros, que arrisca tudo por tudo. Paul conclui, louco de raiva: «Um género que as mulheres adoram, não é? O misterioso caminhar do mato, o mau rapaz! É o que atrai as mulheres! Mas eu não podia acreditar que tu, Rosine, tu que eu pensava tão diferente das outras...» A rapariga chorava em silêncio, desfeita. De que serve contar a Paul como as coisas se passaram? O amor pelo que os unia está irremediavelmente destruído, maculado. «É verdade que ele se aproveitou da tua inocência, esse patife», continua Paul fora de si. «Se eu o tivesse aqui às minhas mãos...» Tem a camisa toda empapada em suor. Lá fora, na noite, ouve-se o surdo rumor do tornado. Mas o ar está mais denso e pesado que nunca. Ainda não será esta noite que vai chover...



14 — Um terrível silêncio seguiu-se á discussão dos dois jovens. Um silêncio que dura toda a noite, todo o dia seguinte... Se isto continua, Rosine sente que poderá endoidecer! Não aguenta mais. Mas, uma noite, chega á plantação uma notícia imprevista: os Diuros, povo da fronteira iberiana, incendiaram o mato numa grande extensão. Aproveitando-se do vento favorável, empurram os seus rebanhos através duma passagem aberta no bosque. «Os Diuros eram os nossos habituais fornecedores de carne», explica Paul a Rosine, em ar febril. «Como as estradas foram cortadas por medida higiénica, descobrimos esta manha para introduzirem o seu gado de contrabando. Num abrir e fechar de olhos, os animais serão vendidos e dispersos pelo mato. É isto na altura precisa em que o chefe de posto anda em viagem, no outro extremo da região! Estão bem informados...» Neste momento entra um moleque excitadíssimo: «Vem gente depressa... depressa... Diz que branco — Diuro tem desastre, lá em baixo, lá da lama. Branco ferido, muito mau...» Paul reconheceu imediatamente a alcunha. Trata-se de Jef, «É então ele quem dirige o contrabando. Eu quase que apostava!», grita furiosamente o jovem plantador. «Pois bem se está á espera que eu lá vá tirá-lo, pode estoirar á vontade!»

15 — Rosine saltou na cadeira, desorientada: «Paul, tu não podes fazer isso. É horrível! És o único branco aqui, tens de o socorrer...» O jovem não responde. Rosine insiste: «Tens de salvá-lo. Um homem não pode abandonar outro em perigo. É a lei sagrada do mato!» «Ora essa! És tu, então, que me queres ensinar as leis do mato?», grita ainda mais alto o plantador. «Leste romances de mais sobre os trópicos, minha menina. Sabes o que devia fazer ao teu Jef, depois de o caçar? Pô-lo nas mãos das autoridades, a quem pregou uma grande partida! Não te metas nesta história, digo-te eu. Será melhor para ti.» Mas Rosine não pode ficar calada. Desesperada, começa a gritar: «Eu não sou uma criança. Paul, e não és tu quem me fará calar com essa facilidade! Sentir-te-ias feliz se Jef desaparecesse, não é? A morte dele apagaria o que se passou entre nós. Mas não apaga nada, estás a ouvir? Não esquecerei nunca a tua cobardia!» Mas Paul afasta-se com rudeza: «Deixa-me em paz! Achas que eu não tenho já bastante que fazer, com este incêndio ao pé da plantação?» Sai de rompante e desaparece na noite.



16 — Rosine está agora sozinha na casa deserta. Dá voltas e mais voltas, como uma fera apanhada na armadilha. Uma única realidade conta para ela: Jef... Jef está lá em baixo, abandonado na floresta negra e barulhenta... não! Não o deixará! Precipita-se para a porta, vai a abri-la e choca-se com Cathie. Por que milagre estará a mestica ao corrente dos acontecimentos? Parece fora de si, e suplica a Rosine que intervenha: «Vá em socorro de Jef... Depressa, depressa! Neste clima as feridas infectam rapidamente. É talvez uma questão de horas, de minutos...» Em poucos segundos, Rosine vai buscar a sua bolsa de medicamentos e põe-se ao volante da carrinha; atrás dela, o Diuro que viera com a notícia está silencioso. Servir-lhe-á de guia. Uma vez lançada na estrada, a jovem dá finalmente um pouco de ordem ás suas ideias. Evidentemente, é muito natural que a mestica tenha recorrido a ela. Rosine sabe guiar, fez os seus estudos de enfermagem... Mas o que é menos natural é o interesse apaixonado que ela demonstrou pelo socorro de Jef, a rapidez com que ela organizou a partida de Rosine. Ela detesta-a. Não querará armá-lhe com todas estas coisas, qualquer cilada?



(Continua)

GRUPOS MOTO-BOMBAS

EQUIPADOS COM MOTORES

«PETTER»

PARA TODOS
OS CAUDAIS
E ALTURAS
DE ELEVACÃO

ROBUSTOS
PORTÁTEIS
ECONÓMICOS

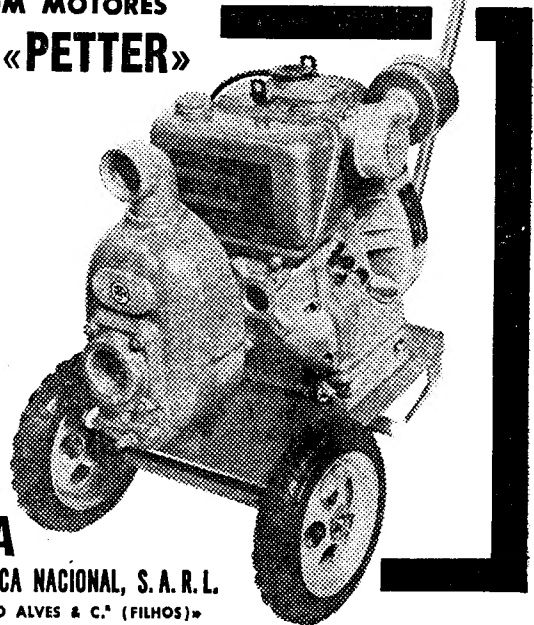


COMETNA

COMPANHIA METALÚRGICA NACIONAL, S.A.R.L.

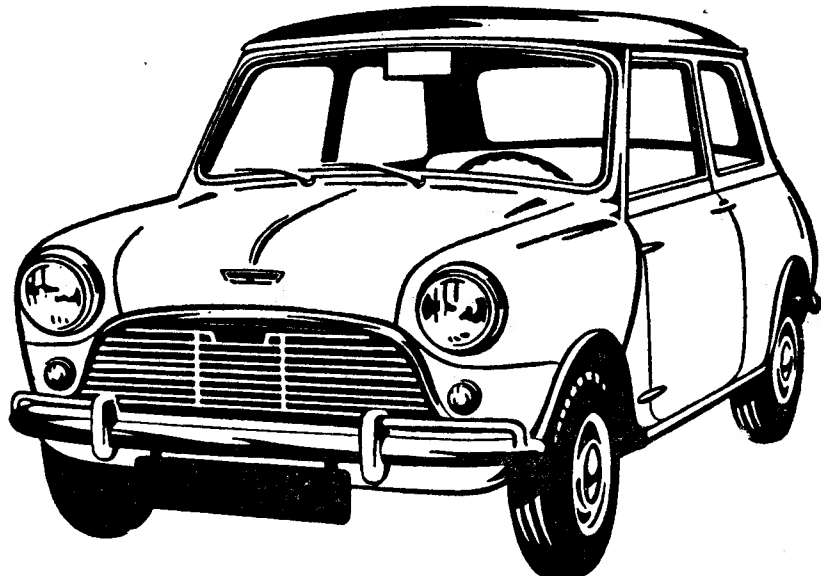
SUCESSORA DE «ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)»

EXPOSIÇÃO E VENDA: Boqueirão do Duro, n.º 38 — Telefone 66 47 88 — LISBOA



XIII RALLYE NOCTURNO

CAMPEONATO NACIONAL DE CONDUTORES



Nesta duríssima competição onde se verificaram 70% de abandonos e eliminações

AUSTIN COOPER "S"

obtém mais uma retumbante vitória.

1.º DA CLASSIFICAÇÃO GERAL
DA CATEGORIA DE TURISMO
DA CLASSE ATÉ 1.300 C.C.

conduzido por CÉSAR TORRES

DIST. GERAIS J. J. GONÇALVES SUCRS. LISBOA · PORTO
ÉVORA · BRAGA · SANTARÉM · AGENT. EM TODOS OS DISTR.

Esquemas de interpretação poética

AGUARELA
DO OUTONO

(Continuação da página central
deste suplemento)

(Continuação da 1.ª página
deste suplemento)

perigoso de interpretação poética que devemos procurar, sistematicamente, evitar.

A valorização crítica do organismo poético deve incidir, conclusivamente, sobre os resultados conseguidos a partir da organização dos elementos utilizados; mas não pode, sob pena de agitar artificialmente juízos desamparados e, insuladamente, gratuitos, abdicar da sondagem dos vínculos que aproximam os elementos do poético e os elementos do real. A fazê-lo, cifrar-se-ia (e apenas) num exercício escolástico de judicância sobre um código que se pretende interpretar sem relacionar as suas unidades com a realidade a que vitalmente se referem e portanto instaurando, sobre o primeiro, um código duplamente divorciado do real e muito essencialmente significativo, por consequência. Este segundo código será, regressando, o duma crítica alienada.

Todas as unidades semânticas duma linguagem poética (pressupondo, portanto, a irredutibilidade da linguagem poética às suas unidades semânticas mas sublinhando forçosamente estas últimas) se obtêm a partir das unidades nomeadas do real. Daqui se pode concluir imediatamente que a realidade nomeada antecede a linguagem nomeada, que o significado antecede o significante. É evidente que um enunciado deste género é (formalmente) retorquível e pode ser considerado, à primeira vista, bastante vulnerável. Dir-se-á, v. g., que o significado enquanto significante não pode anteceder o significante e que é o acto significante que arrasta a sua condição de significado, o que é justo e incontestável. Mas não nos interessa, evidentemente, considerar o problema do ponto de vista duma anto-

logia poética, em que, artificialmente, o (fe) nomeno poético se dissocia, sem prejuízo, do (fe) nomeno real. Interessa-nos, muito simplesmente, abordar a questão positivamente, procurando sempre escapar ao inconcreto e às fugas de cariz metafísico. Deste ponto de vista, todas as atitudes de algum modo reduzíveis à posição de Novalis, estão ab initio fora do âmbito destes esquemas que se querem delineados a um plano de positividade incontestável. Com efeito, aceitar que «die Poesie ist das echt absolut Reelle» («poesia é o autêntico real absoluto») e, consequentemente, que «je poetischer, je wahrer» («quanto mais poético, mais verdadeiro») é incorrer, acto contínuo, numa óptica que, pelo que expusemos, não podemos, de modo algum, considerar uma óptica crítica. É importante focar criticamente o problema.

Do que se sumariou, parece lícito inferir que, precedendo o real o poético, e dadas as relações genéticas que os vinculam na linguagem que a poesia utiliza, um sistema crítico válido não pode prescindir da análise daquelas relações. Anunciámos já que elas eram encaráveis a dois níveis. Se bem que já tenhamos ajudado ao primeiro, parece ser útil recapitular. A adoptarmos uma terminologia por certo muito simbólica mas de algum valor sugestivo, dentro da estrutura poética, ou mais concretamente, da estrutura poética, consideramos (sem pretensões aristotelizantes, é claro) uma matéria e uma forma. A primeira pertencem os múltiplos valores (semânticos, prosódicos, rítmicos, plásticos, etc.) jogados e comprometidos no poema. A segunda designa a organização desses elementos, própria de cada poema e assumida, assim sempre, uma especificidade vital a que o perspicaz crítico mexicano Octávio Paz se refere, fa-

lando, com grande propriedade, aliás, na historicidade do poema. Pode deduzir-se do que expusemos que aceitamos a incursão da Gestalttheorie na interpretação poética. Aceitamo-la, de facto, metodologicamente, reconhecendo as suas deficiências e os seus riscos e informando-o de novas concepções críticas (temos nalgumas páginas do último livro de E. M. de Melo e Castro — «A Proposição 201» — um exemplo claro dos excessos circenses a que pode conduzir uma aceitação de outro tipo...)

Os valores semânticos utilizados na estrutura do poema obtêm-se originalmente, como dissemos, a partir duma relação genética poético-significante-real significativa — aqui o primeiro vínculo com o real, de que nenhuma poesia, seja qual for o material-linguagem que utilize, pode abdicar. Até mesmo o «Soneto soma 14 x:» (aliás, de consecução discursiva) do poeta-crítico acima citado, não prescinde dessa relação básica, porquanto a adopção de um sistema numeral se radica (quer aceitemos a tese simplista dos empiristas, quer a tese operatória de Piaget, na diferenciação objectiva (no sentido técnico do termo) da realidade.

A este primeiro nível parecem, portanto, inegáveis as relações real-poético. Não podemos assentar aqui, no entanto, a consideração dum realismo, porque assim toda a experiência-utilizando-uma-linguagem seria realista. É preciso portanto procurar a definição dum realismo ao nível do que chamamos forma, uma vez que a matéria (ou o que chamamos matéria) nos não fornece notas para essa definição.

A organização poética — entendendo aqui por organização poética o processo que conduz ao organismo poético, a estrutura-poema — elabora-se a partir de leis próprias de realização artís-

tica, como é evidente. Isto não significa, é evidente também, que tais leis sejam irreferenciáveis ao real. Mas implícita que o *modus faciendi* poético goza, perante ele, de (embora relativa) liberdade o que lhe permite assumir frente ao real diferentes comportamentos: denuncia, evasão, ignorância, hostilidade...

Todo o elemento poético é, potencialmente, polivalente. É a organização em poema que lhe confere uma valência definida, mesmo quando intencionalmente parece dotá-lo de (relativa) polivalência. Uma linguagem poética pode assim conduzir a diferentes direcções: aproximar-se do real, tomando consciência da sua origem e da sua função como linguagem; ou afastar-se dele, comprazendo-se na significância-sem-significado a que reduz os seus elementos, depurando-os de toda a relação efectiva com o real.

Se do que se disse não é possível invalidar a priori a poesia do puro significante (esteticamente, é claro), é pelo menos indiscutível que a tal poesia não pode caber o epíteto de realista. A linguagem duma poesia realista não pode, como efeito, quebrar os vínculos estruturais que a ligam à realidade; não pode procurar uma movimentação própria alheia ao real e constituir-se portanto em real-linguagem; tem que, contínua, dinamicamente, procurar solidarizar-se com o movimento constante do real. Toda a pesquisa formal, toda a experiência linguística (legítima e necessária) deve ensaiar, numa poesia realista, uma apreensão (esteticamente) eficaz da dinâmica da realidade.

Abordaremos no próximo esquema, de que este foi uma sumária introdução, alguns dos problemas suscitados pela aplicação das noções acima utilizadas à poesia portuguesa dos últimos anos, como de inflexo se anunciou.

alguém se cõdoa dos mistérios menos auspiciosos da natureza.

Quem vem lá, do outro lado da terra? É um vulto gemendo no dorso das colinas, ou um artista esfarrapado rindo da morte?

Quem vem do fundo do paisagem incerta, com sandálias de chuva e entoando uma litania religiosa? Talvez o eco da esperança. Ou a esperança inteira, como um cacho de uvas ao sol.

O tanger dos sinos é o choro dos metais aprisionados.

Pelas travessas, vêm chegando operários de olhos pequeninos, costureiras, homens sobraçando embruços, sem vagar para saber se a felicidade é aquela coisa minúscula que trazem debaixo do braço, todos murmurando palavras soltas, fazendo acenos.

Nas sociedades de recreio e cultura, nos teatros infantis, nas cavalladas dos bairros pobres, vão haver festas de Natal com pinheiros cheirosos revestidos de balões, estrelinhas, chocolates e brinquedos; haverá festas do tamanho de um sonho, fogos de artifício disparados de janelas de terceiro andar, de saguões, de quintais.

Pelas ruas da cidade cresce o vento, a brigar com os fios de alta tensão. Os noivos suspiram, como as torres da cidade branca. Surde um interregno no círculo dos interesses e das loucuras. Os lavradores descansam os ratos em grandes cadeiras de palha, ou em modernos «maples» e deixam de fazer somas de cabeça, com parcelas e parcelas dos sacos que foram debulhados na eira. Os homens teimam em desvendar o Cosmos, do outro lado da terra, e saber o que é a eternidade.

Apetece, então, ser criança para descansar os olhos nos altuns coloridos dum bazar. Ou atrair uma serpentina contra as faces enfiadas da noite, como quem deseja fazer um desafio à poesia, ou como quem deseja que da harmonia tutelar da cidade de Évora, renasçam os frutos das pedras que fazem comover a História.

● Após vinte e cinco anos de ausência, a laureada com o Prémio da Paz dos livreiros alemães, Nelly Sachs, voltou a Berlim, sua terra natal. Na sua presença, em 22 de Outubro findo, realizou-se na Escola Superior de Música uma sessão de leitura das suas obras. Miriam Treitel e Adalbert Norden, do «Teatro 57» recitaram poemas dessa escritora de 74 anos que conheceu os horrores da crueldade organizada e das perseguições e, no entanto, continua a exortar o mundo a renovar-se sob o signo da bondade e do amor, da esperança e da luz. No final da homenagem, o senador Stein, dirigente dos serviços oficiais berlineses de Ciências e Artes, e Ingeborg Drewitz, presidente da Associação de Protecção dos Escritores Alemães, em Berlim, ofereceram uma recepção sumptuosa a Nelly Sachs no antigo palácio real de Charlottenburg.

● No último jantar-debate do Sindicato dos Críticos Literários de França foi discutido o tema «A Crítica e o Humor», com a participação de Yves Gandon, Robert Sabatier, Pierre de Boisdeffre, Robert Poulet, René Groos, Armand Pierhal, a duquesa de La Rochefoucauld e mais escritores. Foram evocados os criadores de «spastiches», à maneira de Marcel Proust, como críticos-humoristas; os epigramas de Boileau, as páginas de Taine em «Thomas Graindorge», os folhetins humorístico-literários de Jules Janin, etc. O humor é indispensável ao crítico, acentuaram alguns dos participantes no jantar-debate: é pelo sorriso que o crítico pode fazer perdoar o seu papel de juiz. No entanto, a crítica de agora parece mais insensível ao humor do que os seus ilustres antepassados, esquecida de que a ironia ligeira é um dos meios eficazes de penetração da crítica. Mas houve quem notasse que o humor não é um acto de vontade mas uma maneira de ser.

● No «Jornal de Letras do Rio de Janeiro», dirigido com magistral lisura e elevação por Elísio Condé, define-se com inextinguível expressividade a obra do jovem mas já consagrado escritor brasileiro Walmir Ayala: «A literatura de Walmir Ayala é daquelas cujo sentido excede os limites de uma notícia bibliográfica. Posta, na legítima acepção do termo, Walmir Ayala tem sido o crítico literário lúcido e sensível à multiplicidade de significados implícitos nos livros submetidos ao seu julgamento, o romancista dotado de visão apocalíptica, o teatrólogo que mantém a sua produção dramática no mesmo nível de clarividência que atinge o plano divino. «Chico Rei» e «A salamandra do jarau» são dois poemas dramáticos elaborados com um incrível domínio da palavra poética nos limites da prosa. «Chico Rei» é a transliteração do drama de um africano escravo na antiga

Vila Rica, nos áureos e dolorosos tempos da mineração. «A salamandra do jarau» revive a lenda gaúcha que Simões Lopes Neto incluiu no seu livro «Contos gauchescos e Lendas do Sul». O núcleo lendário elevou-se à esfera do mito na criação de Walmir Ayala, em cuja linguagem transparecem valores, que excedam os simplesmente literários. Ignoramos se o autor já se debruçou à margem do abismo de Sófocles e de Esquilo, que das profundezas do inconsciente humano extrairam o mundo da tragédia grega. Mas, os nomes de ambos nos acorrem à memória, quando lemos o que Walmir Ayala escreveu para o nosso teatro».

● A «saison» literária parisiense incluiu, com projecção invulgar, neste início outonal, o ensaio «O Arco e a Lira», do grande poeta mexicano Octávio Paz. Nascido em 1914, a sua obra inclui já, além de poesias e ensaios, obras de teatro e crónicas que se situam entre a ficção e a crítica. Em França definem a sua obra como fruto de um dos espíritos de maior universalidade da sua geração. Na poesia, realizou uma síntese maravilhosa de inspirações aztecas pré-

vidade da gente negra que demonstra, literariamente, a importante contribuição que trouxe à cultura americana.

● Com mais de 700 participantes vindos de todo o mundo realizou-se há pouco em Madrid o 11.º Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. As sessões do Congresso foram presididas pelos professores Ramón Menéndez Pidal, grande mestre hispânico, e John Orr, da Universidade de Edimburgo. O presidente da comissão organizadora do Congresso foi Dámaso Alonso, catedrático de filosofia e letras da Universidade de Madrid, notável ensaísta e crítico literário. Entre as comunicações apresentadas figurou um trabalho português: «O método estruturalista genético na história da língua — Ensaio de aplicação à história da língua portuguesa». O autor: professor Luís Lindley Cintra, da Faculdade de Letras de Lisboa.

● Jorge Amado, em crónica breve, consagrou um novo romancista brasileiro, Santos Moraes, autor de «Os Filhos do Asfalto». Escreve o autor glorioso de «Velhos Marinheiros»: «Tão frágil a juventude, tão incapaz de reagir ante a dor e a solidão, tão fácil de ser rompida e liquidada. Eis o que nos ensina Santos Moraes neste seu novo romance, belo romance. O romancista aqui não é o secretário da virtude, o promotor público a saldar contas, o acusador. Homem de coração generoso, já revelado no excelente «Menino João», sua mensagem é de confiança. Apesar de tudo, apesar de toda a lama que ele atravessou para traçar o seu panorama de angústia, não descreu da vida e dos homens. Conta coisas de espantar e a sua gente dramática é por vezes terrivelmente mesquinha. No entanto, Santos Moraes consegue ainda transmitir-nos uma esperança, e somos solidários com esses jovens tão sem rumo e sem amor. Amor é a palavra do romancista, amor pelos jovens: mesmo ou sobretudo por aqueles que se perderam nos caminhos mais confusos e trágicos».

● Balzac em sete volumes, uma proeza gráfica realizada pelas «Éditions du Seuil», de Paris. A «Comédie Humaine» será integralmente reunida nessa série breve, com uma característica que é especialmente original no seu género: a edição adopta e respeita inflexivelmente o plano de conjunto concebido por Balzac em 1845 para a realização completa do seu imenso programa romanesco, reproduzindo entre as obras acabadas as que ficaram interrompidas ou apenas em esboço e até os simples projectos, fragmentos e títulos sem qualquer corpo de redacção. O organizador da edição balzaquiana em sete volumes foi Pierre Citron.

ACTUALIDADES DO MUNDO LITERÁRIO

-columbinas, de surrealismo e de eluardismo. É actualmente embaixador do México em Nova Delhi. Na esteira de Valéry e de Bonnefoy, o poeta Octavio Paz intenta a definição de poesia numa altitude que tem impressionado os meios cultos franceses: «A poesia é reveladora da nossa condição humana e, por isso, criação do próprio homem pela imagem, essa consagração do instante».

● Pela editora Hill & Wang, de New York, foi editada a obra «American Negro Poetry», antologia organizada e prefaciada por Arna Bontemps. É, segundo Stella Leonardos, uma extensa, representativa e brilhante colecção abrangendo 171 poemas de 55 poetas, cobrindo um período de setenta anos. Escolhas que reflectem a espontaneidade, o calor, o folclore e o sentimento religioso das pessoas de cor na América. E a pobreza, o sofrimento e opressão, mas, sobretudo, muito amor à vida — um tributo à creati-